

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E
PROPAGANDA

ADAM BRYAN FÜHR ALTENHOFEN

O AMOR NA ERA DA LIVRE ESCOLHA:
Uma análise sobre o papel das redes sociais e do *Tinder* nos relacionamentos
amorosos

São Leopoldo
2018

ADAM BRYAN FÜHR ALTENHOFEN

O AMOR NA ERA DA LIVRE ESCOLHA:

**Uma análise sobre o papel das redes sociais e do *Tinder* nos relacionamentos
amorosos**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social com Habilitação em
Publicidade e Propaganda, pelo Curso de
Publicidade e Propaganda da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientador(a): Prof(a). MS Taís Flores da Motta

São Leopoldo

2018

AGRADECIMENTOS

À Taís, por ser uma orientadora que confiou de olhos fechados no meu potencial e por ter sido uma profissional excelente durante a minha trajetória na graduação. Você é, sem dúvidas, uma inspiração para muitos alunos (e professores também!), assim como foi para mim.

À minha mãe, por nunca ter medido esforços em me ajudar e não ter desistido de mim nem uma vez sequer durante a trajetória extremamente desafiadora da minha vida acadêmica e da realização desta pesquisa. Se um dia eu encontrar palavras para descrever minha gratidão, eu as escrevo.

Aos entrevistados voluntários, por contribuir com o seu tempo valioso para a realização deste trabalho. Muito obrigado por abrir o coração de vocês e fazer parte da minha caminhada.

À Família Bolt – Lucas, Pamela, Gobbi, Guiga, Amanda, Maria e Lola – pelo apoio incansável e por serem um dos principais motivos pelos quais cheguei até aqui. E ao Yago, que não mediu esforços em dividir todo o seu conhecimento para que esta pesquisa fosse realizada.

“Eu sou de ninguém
Eu sou de todo mundo
E todo mundo é meu também.”
(ANTUNES; BROWN; MONTE, 2002).

RESUMO

O sucesso dos aplicativos de relacionamento é inquestionável. O *Tinder*, um dos mais populares no Brasil, chegou à marca de mais de 20 bilhões de conexões feitas entre usuários desde o seu lançamento, em 2012. Repensar e questionar as relações amorosas nesse contexto tão influenciado pelo digital é o que motivou a realização desta pesquisa, que se propõe a analisar o papel do *Tinder* nas dinâmicas dos relacionamentos afetivos na contemporaneidade. Para iniciar essa compreensão, realizamos uma pesquisa de contextualização, desenhando um cenário com os principais aspectos da sociedade conectada e da afetividade nesse contexto. A partir disso, partimos para uma busca teórica para embasar o conteúdo a partir dos conceitos de cibercultura, amor líquido, era da livre escolha, sociedade do espetáculo e recepção. Na etapa exploratória, elaboramos um questionário a fim de buscar os indícios de mediações nas produções de sentido feitas a partir do *Tinder*, aprofundando essa visão na etapa sistemática, onde fizemos entrevistas em perspectiva histórica com quatro usuários do aplicativo. Na análise, trazemos o *Tinder* como um potencializador de conexões nas dinâmicas de formação de relacionamentos amorosos e como uma ferramenta que dá vazão às vontades de uma sociedade formada por novos valores. Trazemos, assim, uma tentativa de entender o importante papel das redes sociais nos relacionamentos de uma sociedade transformada pelo digital.

Palavras-chave: *Tinder*. Redes sociais. Afetividade. Sociedade conectada. Produção de sentido. Recepção.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tela de <i>login</i> do aplicativo <i>Tinder</i>	26
Figura 2 – Tela do perfil de um usuário do <i>Tinder</i>	27
Figura 3 – Tela das redes sociais conectadas a um perfil do <i>Tinder</i>	27
Figura 4 – Tela da área de descoberta de pessoas do <i>Tinder</i>	28
Figura 5 – Tela da notificação de combinação entre dois usuários no <i>Tinder</i>	29
Figura 6 – Tela de mensagens e novos <i>matches</i> do <i>Tinder</i>	30
Figura 7 – Anúncio exibido pelo <i>Tinder</i>	32

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Os fundadores do *Tinder*, Jonathan Badeen e Sean Rad.....25

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Esquema sinóptico da pesquisa	12
Quadro 2 – Relação de recursos disponíveis nos planos <i>Tinder Plus</i> e <i>Tinder Gold</i>	31
Quadro 3 – Representação da Escala Kinsey (1948) para a orientação sexual	56
Quadro 4 – Lista de artigos selecionados na pesquisa da pesquisa	59
Quadro 5 – Relação e perfil de respondentes da pesquisa exploratória	65
Quadro 6 – Objetivos da etapa sistemática.....	65
Quadro 7 – Relação e perfil dos entrevistados da etapa sistemática	66

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 AS REDES SOCIAIS E A AFETIVIDADE NA SOCIEDADE CONECTADA	15
2.1 AS IMPLICAÇÕES DO SURGIMENTO DAS REDES SOCIAIS NA <i>INTERNET</i>	15
2.2 A AFETIVIDADE NA SOCIEDADE CONECTADA.....	19
2.3 O <i>TINDER</i>	24
2.3.1 Caracterização e funcionalidades.....	25
3 PARA ENTENDER OS MEIOS.....	33
3.1 O CIBERESPAÇO COMO POTENCIALIZADOR DE CONEXÕES.....	33
3.2 O <i>TINDER</i> COMO UMA REDE SOCIAL NA <i>INTERNET</i>	37
3.3 O <i>TINDER</i> NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE	40
4 PARA ENTENDER O SUJEITO	44
4.1 O AMOR LÍQUIDO NA ERA DA LIVRE ESCOLHA	44
4.2 OS ESTUDOS DE RECEPÇÃO NA <i>INTERNET</i>	49
4.3 MEDIAÇÕES.....	53
4.3.1 Identidade de gênero	53
4.3.2 Orientação sexual.....	55
5 O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	58
5.1 PESQUISA DA PESQUISA.....	58
5.2 PESQUISA DE CONTEXTUALIZAÇÃO.....	61
5.3 PESQUISA TEÓRICA	61
5.4 PESQUISA EXPLORATÓRIA	62
5.5 PESQUISA SISTEMÁTICA	65
6 PRODUÇÕES DE SENTIDO SOBRE AS REDES SOCIAIS E O <i>TINDER</i>	68
6.1 ANÁLISE DE RESULTADOS DA PESQUISA EXPLORATÓRIA	68
6.2 PRODUÇÕES DE SENTIDO EM RELAÇÃO ÀS REDES SOCIAIS E AO <i>TINDER</i>	71
6.2.1 André.....	71
6.2.1.1 Perfil do entrevistado.....	71
6.2.1.2 Mediações.....	72
6.2.1.2.1 <i>Identidade de gênero</i>	72
6.2.1.2.2 <i>Orientação sexual</i>	73
6.2.1.3 Uso das redes sociais	74

6.2.1.4 Cultura de relacionamentos e experiências no <i>Tinder</i>	76
6.2.2 Daniela.....	78
6.2.2.1 Perfil do entrevistado.....	78
6.2.2.2 Mediações	78
6.2.2.2.1 <i>Identidade de gênero</i>	78
6.2.2.2.2 <i>Orientação sexual</i>	81
6.2.2.3 Uso das redes sociais	82
6.2.2.4 Cultura de relacionamentos e experiências no <i>Tinder</i>	84
6.2.3 Letícia.....	85
6.2.3.1 Perfil do entrevistado.....	86
6.2.3.2 Mediações	86
6.2.3.2.1 <i>Identidade de gênero</i>	86
6.2.3.2.2 <i>Orientação sexual</i>	88
6.2.3.3 Uso das redes sociais	90
6.2.3.4 Cultura de relacionamentos e experiências no <i>Tinder</i>	92
6.2.4 Tiago.....	93
6.2.4.1 Perfil do entrevistado.....	93
6.2.4.2 Mediações	94
6.2.4.2.1 <i>Identidade de gênero</i>	94
6.2.4.2.2 <i>Orientação sexual</i>	94
6.2.4.3 Uso das redes sociais	97
6.2.4.4 Cultura de relacionamentos e experiências no <i>Tinder</i>	98
6.3 REFLEXÕES SOBRE OS SENTIDOS PRODUZIDOS A PARTIR DAS REDES SOCIAIS E DO <i>TINDER</i>	100
7 CONSIDERAÇÕES.....	106
REFERÊNCIAS.....	110
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA EXPLORATÓRIA.....	114
APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA... 	122

1 INTRODUÇÃO

A *internet* é um fenômeno que mudou a sociedade em diversos âmbitos. Um deles são os relacionamentos, tanto de amizade quanto amorosos e profissionais. Com as plataformas sociais facilitando a conexão entre pessoas, as interações alcançaram um novo patamar e chegaram a um cenário totalmente diferente ao que era visto há alguns anos no campo das relações interpessoais. Enquanto na década de 1990 e início dos anos 2000 o meio de comunicação mais rápido e eficiente em grupos de amigos era o telefone, hoje, com apenas alguns cliques na tela do *smartphone*¹, é possível estar conectado a diversas pessoas ao mesmo tempo e compartilhar imagens, textos, vídeos, entre outros tipos de conteúdo, em questão de segundos. Entre todas essas mudanças, podemos destacar o grande impacto que elas tiveram no rumo dos relacionamentos afetivos, que hoje contam com a ajuda dos famosos e muito populares aplicativos de namoro.

Com a chegada de uma das redes sociais de relacionamento mais populares do mundo, segundo o portal *Yahoo Notícias*², o *Tinder*³, lançado em setembro de 2012, a variedade de opções do nicho apenas aumentou. Hoje, esse mercado conta com, pelo menos, 40 serviços diferentes na lista de aplicativos classificados como similares ao *Tinder* na loja do *Google Play*⁴ no Brasil. E mais: segundo dados divulgados pela empresa⁵, são cerca de 26 milhões de combinações⁶ por dia no aplicativo e mais de 20 bilhões de conexões realizadas em 190 países durante toda a história do serviço.

Passamos a viver em uma sociedade que constantemente se questiona sobre o impacto desses meios digitais na vida das pessoas. Enquanto profissionais da

¹ Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, telemóvel com conectividade e funcionalidades semelhantes às de um computador pessoal, nomeadamente com um sistema operativo capaz de correr várias aplicações.

² Os 11 aplicativos de relacionamento mais usados, segundo o *Yahoo Notícias*. Para mais informações, acesse: <<https://br.noticias.yahoo.com/os-11-aplicativos-relacionamento-mais-131544257/photo-1-Tinder-um-dos-mais-photo-131544478.html>>. Acesso em 28 jun. 2018.

³ O *Tinder* é uma rede social de relacionamentos geolocalizada, originada nos Estados Unidos, que realiza conexões recíprocas entre usuários que selecionam a opção “curtir” no perfil um outro. Para mais informações, acesse: <<https://tinder.com/>>. Acesso em 03 set. 2017.

⁴ Lista de aplicativos similares ao *Tinder* na loja do *Google Play*, serviço de download de aplicativos da *Google*, relacionados ao *Tinder*. Para mais informações, acesse: <https://play.google.com/store/apps/collection/similar_apps_com.Tinder?clp=qgESChAKCmNvbS50aW5kZXIQARgD%3AS%3AANO1jIG1B4&hl=pt_BR>. Acesso em: 03 set. 2017.

⁵ Dados de uso do aplicativo, divulgados no site da empresa. Para mais informações, acesse: <<https://www.goTinder.com/press>>. Acesso em 03 set. 2017.

⁶ Combinação é o nome dado ao ato de dois usuários do aplicativo curtirem os perfis um do outro.

psicologia discutem o comportamento do cérebro a partir dessa nova realidade – a FoMO⁷ é um exemplo disso –, a publicidade é frequentemente influenciada e, também, influenciadora desses eventos. Entender o funcionamento da afetividade se tornou importante para que se compreenda a circulação de valores que acontece na publicidade e, conseqüentemente, influencia as massas.

Além disso, as relações afetivas se tornam, cada vez mais, um produto aos olhos da propaganda. De acordo com a Boa Vista SCPC⁸, o faturamento do comércio durante o Dia dos Namorados, em 2017, no Brasil foi estimado em R\$ 44 bilhões e teve um crescimento de 2,6% em comparação ao mesmo período de 2016. Esses números nos mostram que o mercado de relacionamentos afetivos possui uma grande relevância para a economia brasileira e o comportamento de usuários estudados na pesquisa pode influenciar e analisar o consumo.

Já no campo dos conhecimentos produzidos sobre essa temática, apesar de existirem pesquisas sobre o impacto dos aplicativos de namoro na sociedade, principalmente nos Estados Unidos, é perceptível a escassez de análises mais sistematizadas e profundas no Brasil tanto no âmbito mercadológico quanto no acadêmico, em especial sobre o aplicativo *Tinder* e a afetividade na sociedade conectada. Após realizar pesquisas em *sites* como o da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – COMPÓS⁹ e da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM¹⁰, constatamos que, apesar de existirem estudos relacionados à temática, há uma necessidade de desenvolver um olhar mais profundo sobre o tema. Por fim, entender o comportamento de quem utiliza esses serviços pode não apenas ajudar o mercado a compreender a perspectiva empresa/consumidor mas, também, estimular

⁷ FoMO é a sigla para a expressão “*fear of missing out*” que, em português, significa “medo de ficar por fora”. Ela é utilizada no campo da psicologia para definir um comportamento ansioso de usuários que sentem a necessidade de estarem integralmente conectados para que não fiquem de fora de nenhuma informação.

⁸ Dados de vendas do Dia dos Namorados, levantados pela Boa Vista SCPC, que é uma empresa que reúne dados cadastrais com informações comerciais de mais de 130 milhões de empresas e consumidores brasileiros. Para mais informações, acesse: <<http://exame.abril.com.br/economia/vendas-crescem-26-no-dia-dos-namorados-ante-2016-diz-boa-vista/>>. Acesso em 13 set. 2017.

⁹ A COMPÓS é a associação sem fins lucrativos que tem o objetivo de fortalecer a Pós-Graduação em Comunicação no país. Para mais informações, acesse: <http://www.compos.org.br/a_compos.php>. Acesso em 03 set. 2017.

¹⁰ A Intercom é uma instituição sem fins lucrativos que tem o objetivo de fomentar a troca de conhecimento entre pesquisadores e profissionais atuantes do mercado. Para mais informações, acesse: <<http://www.portallINTERCOM.org.br/a-INTERCOM>>. Acesso em 03 set. 2017.

uma reflexão dos usuários a fim de promover um consumo mais consciente dessas plataformas.

Para uma melhor compreensão da problemática deste trabalho, desenvolvemos o esquema sinóptico, conforme pode ser visto no Quadro 1. No primeiro eixo, buscamos mapear perguntas que nos instigassem a contextualizar a temática a partir do entendimento do que são as redes sociais e como elas e a *internet* incidem nos relacionamentos sociais contemporâneos.

No segundo eixo, identificamos temas relacionados à afetividade na era contemporânea, reunindo pontos relevantes a ser investigados a fim de entender como funciona o aplicativo *Tinder* e como a afetividade foi influenciada pelos aplicativos de namoro.

Já o terceiro eixo reúne aspectos relacionados à compreensão da produção de sentido do aplicativo feita pelos usuários. Assim, buscamos entender como se dá a incidência do *Tinder* nas dinâmicas de formação de novos relacionamentos afetivos e como os usuários o utilizam.

Quadro 1 – Esquema sinóptico da pesquisa

OBJETIVO GERAL			
Analisar o papel do <i>Tinder</i> nas dinâmicas dos relacionamentos afetivos na contemporaneidade.			
Eixos da problemática	<i>Internet</i> e redes sociais	Aplicativos de relacionamento e a afetividade na contemporaneidade	Recepção dos usuários do aplicativo
Dimensões a investigar	As redes sociais. <i>A internet.</i> As implicações da <i>internet</i> e das redes sociais na sociabilidade.	As características do aplicativo <i>Tinder.</i> A afetividade na era contemporânea.	Usos feitos pelos usuários no aplicativo <i>Tinder.</i>
Perguntas geradoras	O que são as redes sociais? Como as redes sociais e a <i>internet</i> incidem nos relacionamentos sociais contemporâneos?	Como funciona o aplicativo <i>Tinder?</i> Como a afetividade foi influenciada pelos aplicativos de namoro?	Como se dá a incidência do aplicativo <i>Tinder</i> nas dinâmicas de formação de novos relacionamentos afetivos? Como os usuários usam o aplicativo <i>Tinder?</i>
Objetivos específicos	Contextualizar aspectos relativos à transformação	Delinear o conceito de aplicativos de	Analisar como o <i>Tinder</i> incide na construção de

	<p>da sociedade pela <i>internet</i>.</p> <p>Analisar como se dão as dinâmicas de sociabilidade no contexto contemporâneo.</p>	<p>relacionamento afetivo.</p> <p>Caracterizar o aplicativo <i>Tinder</i> em termos de recursos e funcionalidades.</p>	<p>práticas de relações afetivas entre os usuários que os utilizam.</p> <p>Investigar como se dá o uso do aplicativo <i>Tinder</i> pelos usuários.</p>
--	--	--	--

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

No segundo capítulo, realizamos uma pesquisa de contextualização para entender o cenário em que a sociedade vive, levando em consideração o advento da *internet* e o surgimento das redes sociais digitais a partir dos conceitos de Jonathan Crary (2014), Michel Serres (2013), Zygmunt Bauman (2004) e Pierre Lévy (2011). Também caracterizamos o *Tinder* em termos de recursos e funcionalidades para um melhor entendimento do funcionamento da plataforma.

No terceiro capítulo, trazemos conceitos de Pierre Lévy (2011), Jenkins, Green e Ford (2015), Raquel Recuero (2009) e Daniel Miller (2011) para explicar como a plataforma do *Tinder* potencializa as conexões sociais. Em seguida, investigamos como o *Tinder* incide na construção de identidade do indivíduo a partir dos conceitos da psicologia lacaniana e da espetacularização do eu de Paula Sibilia (2016).

No quarto capítulo, trazemos as discussões para a perspectiva do sujeito, buscando relacionar as teorias sobre afetividade com a nossa temática. Fazemos isso a partir dos conceitos de Zygmunt Bauman (2004) e Luc Ferry (2008). Também buscamos entender como se dá a recepção do *Tinder* e a produção de sentido dos usuários a partir das teorias de Jesús Martín-Barbero (1997) e Maldonado (2013).

No quinto capítulo, buscamos explicar e detalhar todo o percurso metodológico que fundamentou esta pesquisa. Iniciamos com a etapa da pesquisa da pesquisa, onde investigamos o cenário de produção acadêmica acerca dos assuntos, seguida da pesquisa de contextualização, onde buscamos entender e desenhar o palco onde acontecem os fenômenos estudados neste trabalho. Após isso, descrevemos a pesquisa teórica, onde buscamos o embasamento para corroborar as ideias apresentadas a partir de estudos realizados por outros autores e pensadores. Por fim, chegamos à parte prática, com a pesquisa exploratória, que buscou identificar hipóteses de mediação para a produção de sentido criada pelos usuários do *Tinder*, e com a pesquisa sistemática, que contou com entrevistas em

perspectiva histórica para compreender a percepção dos usuários do *Tinder* sobre o aplicativo a partir da sua experiência de vida.

No sexto capítulo, trazemos uma análise da etapa exploratória da pesquisa, analisando e identificando as evidências das hipóteses de mediação para a produção de sentido feita pelos usuários do *Tinder*. Seguimos com uma análise das entrevistas em perspectiva histórica, detalhando os relatos de cada entrevistado por categoria de perguntas. Finalizamos com uma análise geral do tema, apresentando as reflexões que ficaram do estudo.

No sétimo capítulo, fazemos as considerações desta pesquisa, trazendo um compilado da nossa trajetória e destacando os principais pontos descobertos com a realização deste trabalho. Também respondemos os objetivos da nossa pesquisa, trazendo a sua relevância para o mercado.

2 AS REDES SOCIAIS E A AFETIVIDADE NA SOCIEDADE CONECTADA

Neste capítulo, contextualizaremos a temática deste trabalho para mostrar a realidade dos usuários do *Tinder*. O objetivo desta fase da pesquisa, segundo Bonin (2008), é de delinear o amplo cenário que envolve o aplicativo de namoro para que possamos ter um olhar abrangente e, ao mesmo tempo, particular sobre o objeto de estudo. Dessa forma, evita-se que “a pesquisa se reduza a um exercício abstrato, sem vínculo com a realidade e com o mundo”. (BONIN, 2008, p. 125).

Para que possamos compreender claramente a realidade em que se insere o *Tinder* e como se dão os relacionamentos afetivos atualmente, dividimos a pesquisa de contextualização em dois grandes pilares: as implicações do surgimento das redes sociais na *internet* e a afetividade na sociedade conectada.

A partir de uma análise factual, descrevemos e analisamos o patamar que o acesso à *internet* atingiu, trouxemos o contexto do surgimento das redes sociais, que elevaram as relações a um novo nível, e desenhamos essa realidade a partir do pensamento de autores como Jonathan Crary (2014), Michel Serres (2013), Zygmunt Bauman (2004) e Pierre Lévy (2011). Dentro desse ambiente, evoluímos a discussão para a afetividade na sociedade conectada, mostrando como se dão os relacionamentos nas circunstâncias de uma grande aldeia globalizada, trazendo a perspectiva contextual de autores como Luc Ferry (2008) e pesquisadores como Esther Perel (2018).

2.1 AS IMPLICAÇÕES DO SURGIMENTO DAS REDES SOCIAIS NA *INTERNET*

Não existem dúvidas de que o advento da *internet* trouxe uma série de novas possibilidades e foi responsável pelo surgimento de uma era. Como prova disso, basta observar uma sociedade conectada a *smartphones*, compartilhando todos os tipos de conteúdo em uma rede global de informações, acessível a um número incontável de usuários. Mas nem sempre foi assim. Para compreendermos o impacto que sofremos com a *internet*, é preciso entender as dimensões que o acesso à rede tomou.

A *internet*, que surgiu em meados dos anos 1970, vem diariamente se tornando cada vez mais acessível a toda população à medida que os avanços tecnológicos barateiam o custo de dispositivos de acesso. Para se ter uma ideia, em

fevereiro de 2018, a Agência Nacional de Telecomunicações¹ registrou um total de mais de 235,5 milhões de linhas móveis no Brasil e um crescimento de mais de dois milhões de novas linhas com tecnologia 4G² em comparação ao mês anterior. Esses dados só confirmam que o que antes era um artigo de luxo, reservado somente às mais altas classes da sociedade, tornou-se um objeto acessível a todas as classes, que hoje contam com a venda de dispositivos tecnológicos e planos de telefonia por preços acessíveis. Não obstante, além das funções mais básicas, as novas tecnologias trazem sistemas operacionais avançados aos *smartphones*, que cobrem não somente a oferta de serviços de telefonia, como a de vários outros tipos, como é o caso de serviços de transporte, de fotografia, de entretenimento e diversos outros.

Em um levantamento realizado pela *Central Intelligence Agency* - CIA³, a agência nacional de segurança dos Estados Unidos, em 2014, o Brasil ficou em sexto lugar no *ranking* de países com maior número de pessoas acessando a *internet*, totalizando mais de 108 milhões de usuários. Tendo em vista que a atual população brasileira ultrapassa os 204 milhões de pessoas⁴ e que o número de usuários *online* aumentou nos últimos anos, temos um número considerável de acessos no Brasil.

Os impactos estratosféricos da *internet* não são exclusividade apenas da quantidade de acessos que ela possui. Seus efeitos em outros âmbitos da vida humana também têm grande notoriedade a ponto de criar uma sociedade transformada pelo acesso. No universo corporativo, que tende a ser mais engessado e resistente a mudanças, a revolução digital foi tão rápida e intensa que criamos um novo cenário para o sistema econômico do capitalismo, conforme mostra a revista *Superinteressante* na matéria de celebração dos dez anos de *internet*, publicada em

¹ Levantamento da Agência Nacional de Telecomunicações sobre o acesso à telefonia móvel no Brasil relativo ao período do mês de fevereiro de 2018. Para mais informações, acesse: <<http://www.anatel.gov.br/dados/destaque-1/283-brasil-tem-236-2-milhoes-de-linhas-moveis-em-janeiro-de-2018/>>. Acesso em 22 abr. 2018.

² 4G, de acordo com o portal de notícias Ig, é uma tecnologia de transmissão de dados utilizada para o acesso à *internet*, principalmente em *smartphones*. Para mais informações, acesse: <<http://tecnologia.ig.com.br/especial/2013-05-09/guia-tire-suas-duvidas-sobre-a-tecnologia-4g.html>>. Acesso em 22 abr. 2018.

³ *The World Factbook* é a seção de disponibilização de informações coletadas pela Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos. Para mais informações, acesse: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2153rank.html>>. Acesso em 20 set. 2017.

⁴ Seção de dados demográficos disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Para mais informações, acesse: <<http://pais.ibge.gov.br/#/pt/pais/brasil/info/populacao>>. Acesso em 20 set. 2017.

2002⁵. A forma como trabalhamos, a privacidade, as informações, a segurança, a propriedade intelectual e o aprendizado são algumas das diversas áreas afetadas pelo acesso à rede.

O fenômeno, obviamente, trouxe consequências significativas em nível global. Por exemplo, “o *rock* era anglo-americano, e tornou-se uma indústria. Isso não o impediu, contudo, de ser o porta-voz das aspirações de uma enorme parcela da juventude mundial”. (LÉVY, 2011, p. 11). Assim como no segmento da música, o mesmo aconteceu com a moda, o automobilismo, a tecnologia e o turismo, principalmente por conta de fenômenos como a globalização, que elevou produtos regionais ao patamar de objetos de desejo global. Segundo Marshall McLuhan (apud COHN, 1987, p. 366), o nosso contexto atual pode ser definido da seguinte forma:

De uma comunicação fragmentada, linear, de propagação lenta e de caráter individualizante (à qual corresponde, no plano sócio-político, o Estado nacional moderno e, no plano econômico, a Revolução Industrial) passa-se para outra, integrada, não-linear e de propagação instantânea (mítica) e de caráter comunitário (todos participam da vida de todos e o envolvimento social é global: é a fase da sociedade mundial no plano sócio-político e da automação no plano econômico). O mundo transforma-se num grande ‘vilarejo’; há uma ‘tribalização’ em escala ecumênica.

Sendo assim, o que antes era restrito à população de um local específico, hoje fica acessível à população mundial, que consegue formar novos grupos, tribos e conexões com usuários com os quais se identificam por diversas razões, como crenças, gostos e/ou preferências.

Mas nem tudo que surge da sociedade conectada traz apenas impacto positivo às relações humanas. O capitalismo tardio e os fins do sono são alguns dos conceitos trazidos pelo autor Jonathan Crary (2014, p. 32) que afirma que “diante de exigências tecnológicas em transformação constante, jamais haverá um momento em que finalmente as ‘alcançaremos’, seja enquanto sociedade ou enquanto indivíduos”. Com isso, ele traz o conceito de 24/7, caracterizando uma sociedade consumista, mecânica e incessante que está em um estágio de indiferença, colocando a fragilidade da vida humana como elemento inadequado e inconveniente ao cotidiano (CRARY, 2014). Damos mais peso ao trabalho e ao consumo, tornando aceitável a ideia de realizar as atividades laborais incessantemente, a ponto de o

⁵ Matéria da revista Superinteressante publicada em agosto de 2002 sobre os impactos da *internet* depois de dez anos da popularização do acesso. Para mais informações, acesse: <<https://super.abril.com.br/tecnologia/a-internet-10-anos-que-abalaram-o-mundo/>>. Acesso em 22 abr. 2018.

sono perder o seu valor para a sociedade capitalista (CRARY, 2014). “Um ambiente 24/7 parece um mundo social, mas é na verdade um modelo não social de desempenho maquínico e uma interrupção da vida que não revela o custo humano exigido para sustentar sua eficácia.” (CRARY, 2014, p. 12).

Sobre essa mesma dinâmica, Michel Serres traz a população mais jovem como grande vítima desse movimento de modernização. Chamando-os de “Polegarzinha”, devido à característica de o dedo polegar ser o grande protagonista do uso de *smartphones*, ele diz que

Por celular, [os jovens] têm acesso a todas as pessoas; por GPS, a todos os lugares; pela internet, a todo o saber; circulam, então, por um espaço antropológico de aproximações, enquanto nós vivíamos em um espaço métrico, referido por distâncias. (SERRES, 2013, p. 26).

Essa diversidade e quantidade de informações, acessíveis a qualquer momento, dia, hora e minuto, trouxe um ritmo que atingiu uma velocidade difícil de ser diminuída. Falando do mercado de trabalho, por exemplo, Serres (2013) diz que os jovens estão em uma constante busca por emprego e, quando o encontram, a procura permanece porque sabem que, com a mesma facilidade com a qual conseguiram a oportunidade, podem perdê-la.

Por mais extremistas que sejam as perspectivas de Serres (2013) e Crary (2014), as duas visões se cruzam no que diz respeito a um ciclo sem fim vivido pelos que são afetados pela *internet*. O que é certo é que a mudança é constante, principalmente em áreas cruciais da sociedade, como é o caso da sociabilidade e da afetividade que, entre todos os campos impactados pela *internet*, são alguns dos que mais provocam discussões em pesquisadores do mundo inteiro pelo fato de que o ser humano está sofrendo profundas mudanças, inclusive psicológicas, por conta da sociedade conectada.

O surgimento das redes sociais, por exemplo, impactou fortemente as comunidades e a atuação das pessoas na sociedade. Raquel Recuero afirma que essas redes sociais são “constituídas de representações dos atores sociais e de suas conexões”. (RECUERO, 2009, p. 25). Ou seja, os usuários estão expandindo as oportunidades de socialização e estão transferindo o real para o digital, criando uma cultura de sociabilidade em um novo ambiente, uma plataforma que imita a vida, mas que oferece novas possibilidades.

Há quem diga que os relacionamentos na era digital possuam elos mais fracos. Bauman, por exemplo, explica isso dizendo que “uma ‘rede’ serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar; não é possível imaginá-la sem as duas possibilidades.” (BAUMAN, 2004, p. 8). Dentro disso, as conexões tendem a formar elos mais fracos porque as plataformas oferecem uma facilidade muito grande de desfazer as conexões rapidamente e estão constantemente estimulando, a qualquer custo, as novas interações.

Isso não quer dizer que relacionamentos criados em ambientes *online* sejam efêmeros, mas é a partir do momento em que este relacionamento se torna constante e aparece em suas vidas pessoais *offline* é que ele mantém uma base mais sólida. (MEURER; PAZ, 2014, p. 13).

Por isso, segundo Recuero, não podemos pensar nas conexões apenas no âmbito digital. Afinal de contas, os relacionamentos não se dão apenas por lá. Apesar de as redes sociais serem uma plataforma que facilita a efemeridade, elas podem ser uma ferramenta eficiente de manutenção de relacionamentos.

Tendo esses pontos em vista, podemos delinear um cenário onde se consegue ter uma ideia das implicações da *internet* nas diversas áreas da sociedade. Existe, de fato, uma mudança muito grande acontecendo e um número considerável de pesquisas, teorias e especulações para que se compreendam as consequências desse fenômeno. Em contrapartida, a *internet*, por mais intensa e profunda que sua influência seja, ainda é um evento recente na história da humanidade, sendo difícil entender de forma certa a direção para a qual se caminha nessa trajetória.

2.2 A AFETIVIDADE NA SOCIEDADE CONECTADA

Quando entramos mais a fundo no âmbito da sociabilidade na sociedade conectada, entramos no campo das relações amorosas. Essas, não diferentemente das outras, também sofreram grande impacto por conta da evolução das tecnologias e dos meios digitais. Não foi necessário muito tempo até que as redes sociais tradicionais evoluíssem e tomassem novos rumos, como é o caso dos *sites* e redes sociais de relacionamento afetivo. A partir deles, construíram-se novos objetivos para as conexões formadas nesses canais. Agora, além da finalidade de se conectar

com novas pessoas, o propósito do uso dessas ferramentas tornou-se a construção de relações afetivas que envolvam amor e/ou sexo.

O cenário de aplicativos de relacionamento cresceu bastante nos últimos anos no Brasil. Com a chegada do Dia dos Namorados em junho de 2017, a loja de aplicativos *Google Play* criou uma seção específica para esses serviços⁶ que conta com 14 opções diferentes para quem procura se relacionar. Apesar de limitar essas opções a aplicativos de relacionamento, ainda há diversos outros serviços que também oferecem essa proposta. Entre os mais populares no Brasil que atendem a públicos de diversas orientações sexuais, estão o *Tinder*, o *Happn* e o *Badoo*. Apesar de os três possuírem os mesmos objetivos – conectar usuários a fim de promover relações afetivas, seja para fins de amor e/ou sexo – as plataformas oferecem propostas diferentes.

Quanto à aderência a essas redes sociais, os números não mentem. O *Badoo*, a maior rede social para conhecer pessoas no mundo, conforme informado pelo *site* da empresa⁷, conta com mais de 385 milhões de usuários ao redor do globo, registrando as marcas de mais de 60 milhões de usuários ativos todo mês e mais de 350 milhões de mensagens enviadas todos os dias na plataforma. Já no *Happn*, que permite encontrar pessoas de forma geolocalizada com as quais o usuário cruzou na rua, são mais de 37 milhões de usuários⁸, com atuação majoritária do serviço em 50 grandes cidades ao redor do mundo, entre elas, em São Paulo e no Rio de Janeiro.

O *Tinder*, um dos mais populares aplicativos de relacionamento do Brasil, teve início nas universidades norte-americanas, assim como a maioria das redes sociais consolidadas atualmente. Chegando ao Brasil em agosto de 2013, o sucesso foi tão grande que, hoje, o país é considerado um dos mais importantes para a empresa, colocando o Brasil no *ranking* dos três países com maior número de usuários, ao lado do Reino Unido e Estados Unidos. Com o sucesso da plataforma,

⁶ Criação da nova seção de aplicativos de relacionamento no *Google Play* noticiado pelo portal de notícias TecMundo. Para mais informações, acesse: <<https://www.tecmundo.com.br/google-play/117470-ache-tampa-panela-google-play-cria-pagina-apps-relacionamento.htm>>. Acesso em 21 abr. 2018.

⁷ Para mais informações sobre o *Badoo*, acesse o site da empresa: <<https://badoo.com/team/>>. Acesso em 22 abr. 2018.

⁸ De acordo com o *site* da empresa, o *Happn* é uma rede social de relacionamentos que permite que o usuário encontre pessoas com quem ele cruzou na rua, utilizando tecnologia de geolocalização. Para acessar o *kit* de mídia da empresa, acesse: <https://www.happn.com/files/HappnMediaKit_EN.pdf>. Acesso em 22 abr. 2018.

em 2015 a empresa lançou o serviço *Tinder Plus*, uma assinatura mensal do aplicativo que dá acesso a funcionalidades exclusivas aos usuários, como recuperação de um perfil classificado como “sem interesse”, aumento do limite de *swipes*⁹ por dia e a descoberta de pessoas em localidades diferentes de onde o usuário se encontra.

Essas redes sociais de relacionamento têm tido um impacto bastante significativo no comportamento dos usuários no âmbito de relacionamentos amorosos. Diversas pesquisas têm surgido ao redor do mundo com a finalidade de compreender quais são, de fato, as implicações do uso dessas plataformas na afetividade. No que diz respeito à auto aceitação dos usuários, a Universidade do Kansas, nos Estados Unidos, realizou um estudo¹⁰ para entender o impacto da utilização do *Tinder* nos encontros realizados entre usuários do aplicativo. A pesquisa, que contou com 65 homens e 65 mulheres heterossexuais, trouxe alguns *insights* bastante interessantes sobre como esses usuários se sentiam ao utilizar o serviço da empresa.

A metodologia da pesquisa funcionou da seguinte forma: os entrevistados foram divididos em três diferentes grupos. Ao primeiro grupo, foi solicitado que eles dessem notas para as fotografias de usuários e depois se encontrassem com eles, simulando o funcionamento do *Tinder*. O segundo grupo também deu notas às imagens, mas os usuários posteriormente tiveram encontros com outras pessoas que não estavam na lista de avaliados. Já o último grupo não avaliou nenhuma fotografia e apenas teve um encontro com outra pessoa, sendo alguém por quem o pesquisado teria alguma atração natural, não provocada ou oferecida pelo aplicativo. Na conclusão, os números dos três grupos não foram considerados muito diferentes, mas trouxeram uma informação importante para análise do uso do *Tinder*: as pessoas que passaram pelo processo de avaliação de um usuário antes de encontrá-lo tinham tendência maior a dar notas mais baixas para outras características sociais do parceiro, como o carisma, por exemplo. Isso evidencia um impacto forte provocado pela forma com a qual a plataforma é construída, ou seja, o fato de priorizar o apelo visual influencia a percepção dos usuários quanto aos

⁹ *Swipe* é o nome dado no *Tinder* ao movimento de deslizar o perfil de usuário para a esquerda, quando não há interesse na pessoa, ou para a direita, quando há interesse em interagir.

¹⁰ Pesquisa da Universidade do Kansas noticiada pelo portal de notícias TecMundo. Para mais informações, acesse: <<https://www.tecmundo.com.br/Tinder/118542-cuidado-apps-namoro-fazer-voce-nao-gostar-ninguem.htm>>. Acesso em 22 abr. 2018.

companheiros com quem decidem se relacionar. Todos os detalhes da interface são importantes para entender o comportamento dos usuários e, conseqüentemente, investigar como estão se dando os novos relacionamentos e conexões formados a partir do aplicativo.

Na matéria investigativa de Isabela Moreira (2018), publicada no *site* da revista Galileu em abril de 2018¹¹, a repórter se submete ao uso dos aplicativos para a finalidade de tirar suas próprias conclusões sobre as plataformas, as pessoas que a utilizam e as implicações do uso. Entre as observações feitas, os aspectos de gamificação¹² do aplicativo e a prática de *ghosting*¹³ estão entre os destaques dados pela repórter (MOREIRA, 2018). E isso é um reflexo das implicações da sociedade conectada que, acostumada à rapidez e agilidade do mundo 24/7 – conforme trazido por Jonathan Crary (2014) –, trata os relacionamentos como objeto de consumo, perecível e com data de validade. Segundo Bauman (2004, p. 28),

automóveis, computadores ou telefones celulares perfeitamente usáveis, em bom estado e em condições de funcionamento satisfatórias são considerados, sem remorso, como um monte de lixo no instante em que ‘novas e aperfeiçoadas versões’ aparecem nas lojas e se tornam o assunto do momento. Alguma razão para que as parcerias sejam consideradas uma exceção à regra?

Além disso, Moreira (2018) também traz alguns números surpreendentes: segundo uma pesquisa realizada pela revista Galileu e pelo *site* *Sexlog*¹⁴, dos 17 mil entrevistados, 47% usam dois ou mais aplicativos de relacionamento simultaneamente. Já no levantamento feito pelo site de relacionamentos

¹¹ Matéria investigativa publicada no *site* da revista Galileu em abril de 2018 pela repórter Isabela Moreira, intitulada “Serviços pós-*Tinder* tentam garantir mais amor e menos cilada”. Para mais informações, acesse: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2018/04/servicos-pos-tinder-tentam-garantir-mais-amor-e-menos-cilada.html>>. Acesso em 22 abr. 2018.

¹² Segundo o portal de notícias TechTudo, gamificação, do inglês *gamification*, é a utilização de dinâmicas de jogos em outras áreas, como educação, tecnologia e negócios a fim de gerar mais engajamento e despertar interesse no uso do objeto. Para mais informações, acesse: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/07/o-que-e-gamificacao-conheca-ciencia-que-traz-os-jogos-para-o-cotidiano.html>>. Acesso em 22 abr. 2018.

¹³ De acordo com o *site* de notícias BBC, *ghosting*, palavra derivada de *ghost* – que significa fantasma em inglês – é a prática de deixar de responder mensagens de texto e chamadas de telefone de uma pessoa. Aplicado ao universo das redes sociais, por exemplo, significa deixar de interagir digitalmente com a outra pessoa. Para mais informações, acesse: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151206_ghosting_relacionamentos_fn>. Acesso em 22 abr. 2018.

¹⁴ *Sexlog*, de acordo com o site da própria empresa, é a maior rede social de sexo e prática de *swing* – relacionamentos sexuais que consistem em troca de casais – do Brasil. Para mais informações, acesse: <<https://pt-br.sexlog.com/about>>. Acesso em 22 abr. 2018.

*eHarmony*¹⁵, até 2040 cerca de 70% dos relacionamentos afetivos serão iniciados em aplicativos de namoro. Esses indícios demonstram que “as plataformas tornam-se agentes intermediadores, incluindo-se como atores nas relações interpessoais e figurando como mola propulsora para eventuais interações”. (BARROS; GOULART; OLIVEIRA, 2016, p. 2).

Notícias e pesquisas nesse âmbito não faltam. Assim como o futuro da *internet*, o rumo dos relacionamentos afetivos também é desconhecido e as implicações do uso das plataformas digitais gera diversas especulações e pesquisas sobre o assunto. O amplo universo que os aplicativos de namoro abriram para os usuários também fez com que as pessoas ficassem expostas a uma nova realidade de relacionamentos afetivos. Segundo Bauman (2004), as pessoas desistiram da busca para atingir seus padrões de amor – até mesmo mais de uma vez na vida – e optaram por baixá-los. Isso criou uma rede de relacionamentos volátil, que, com a mesma facilidade com a qual se forma, pode se desintegrar e deixar de existir.

Para Luc Ferry (2008), a revolução da vida privada vem com otimismo e sem a possibilidade de ser detida – à exceção de uma catástrofe. A morte das utopias, que são os relacionamentos baseados em fundamentos culturais arcaicos mencionados em sua obra, não deve ser lamentada; muito pelo contrário: deve-se celebrar as novas possibilidades formadas a partir dessa nova realidade.

Já para a terapeuta de casais Esther Perel (2018), os relacionamentos afetivos estão passando por uma ruptura, caracterizando uma das maiores mudanças que já sofreram. Em uma palestra dada no festival SXSW¹⁶ em março de 2018¹⁷, Perel (2018) discutiu com a plateia o futuro dos relacionamentos e afirmou que nunca investimos tanto no amor quanto estamos investindo hoje. E nunca, na história, houve tantos terminos de relacionamentos quanto como o que a sociedade está tendo atualmente. Para ela, isso se dá por conta da forte relação que a

¹⁵ De acordo com o *site* da própria empresa, *eHarmony* é uma rede social que auxilia usuários que estão em busca de relacionamentos de longo prazo. Para mais informações, acesse: <<https://www.eharmony.com/about/eharmony/>>. Acesso em 22 abr. 2018.

¹⁶ De acordo com a definição do *site* Meio & Mensagem, o SXSW – *South by Southwest* – é um festival que acontece nos Estados Unidos e reúne uma diversidade de profissionais, pesquisadores e empresas para discutir sobre as mais diversas áreas do conhecimento, indo do *design* à programação. Para mais informações, acesse: <<http://sxsw.meioemensagem.com.br/cobertura2017/2017/03/10/sxsw-o-que-e-onde-vive-o-que-faz-do-que-se-alimenta/>>. Acesso em 22 abr. 2018.

¹⁷ Ao vivo do SXSW, nos Estados Unidos, Esther Perel falou sobre o futuro dos relacionamentos. Para assistir à palestra na íntegra, acesse: <https://www.YouTube.com/watch?v=5iu9_8Vsmk>. Acesso em 22 abr. 2018.

sobrevivência da família criou com a felicidade do casal. Antes da sociedade conectada, com acesso restrito a informações e um mundo longe de ser globalizado, as relações amorosas eram simples porque eram ditadas por regras rígidas, que nem sempre eram questionadas. O ser humano vivia em aldeias, onde existia um líder e os liderados. Eles seguiam regras, tinham o sentimento de pertencimento, senso de identidade, pouquíssima liberdade; porém, nunca estavam sozinhos. Hoje, no ritmo urbano, a liberdade tomou proporções enormes e o ser humano passou a ter uma diversidade de opções à sua frente. Junto disso, veio a solidão. E, pela primeira vez, as pessoas estão recorrendo aos relacionamentos afetivos para suprir essas necessidades – ainda atrás dos benefícios dos tradicionais casamentos, como suporte financeiro, companheirismo e status social –, mas com novos desejos: precisam de um amigo ou amiga, um confidente e uma série de outras novas necessidades. Segundo Esther Perel (2018), o que o ser humano espera, hoje, dos relacionamentos é o que, antes, era oferecido por uma aldeia inteira. Por esse motivo, essas relações estão sofrendo com a nova sociedade conectada, com novos paradigmas, e estão tendo a necessidade de criar diferentes regras e padrões à medida que evoluem.

Por mais que a globalização e a sociedade conectada tenham elevado os relacionamentos afetivos a esse novo nível, ainda existe uma influência muito forte das crenças e valores tradicionais dos relacionamentos tradicionais. Apesar de terem início nos canais digitais, o físico e o *offline* ainda são fatores de forte influência na constituição dos elos. Porém, é imprescindível que esse contexto seja dissecado e estudado porque os aplicativos de namoro e as redes sociais de relacionamento estão provocando mudanças e fazem – e continuarão fazendo – parte do cotidiano de milhares de pessoas no mundo inteiro.

2.3 O TINDER

O *Tinder* surgiu em 2012 como um aplicativo de celular que se tornou famoso por estabelecer conexões entre usuários que gostariam de ter encontros, tendo sido popularmente intitulado de aplicativo de namoro. Com o passar do tempo, suas ofertas evoluíram e, hoje, além de ser um simples aplicativo, o *Tinder* se tornou uma plataforma completa que permite conexões entre usuários que possuam interesse mútuo.

Fotografia 1 – Os fundadores do *Tinder*, Jonathan Badeen e Sean Rad



Fonte: matéria do jornal *The New York Times*¹⁸ (2014).

Criado em Los Angeles, nos Estados Unidos, por Jonathan Badeen e Sean Rad, o *Tinder* começou como um serviço que tinha o objetivo de estimular conexões que não seriam possíveis sem a ajuda do aplicativo. Segundo um dos fundadores da empresa, Sean Rad¹⁹, conhecer novas pessoas envolve uma agonia social muito grande porque não se sabe se haverá rejeição ou aceitação. Essa barreira é quebrada pelo aplicativo porque o *Tinder* só conecta pessoas que demonstraram interesse mútuo, dando a oportunidade de os usuários iniciarem conversas.

2.3.1 Caracterização e funcionalidades

A utilização do serviço se dá de forma bem simples e acessível a qualquer pessoa que possua uma conta no *Facebook*²⁰ ou um número de telefone. Selecionando a opção “*login com Facebook*” ou “*login com número de telefone*”, o

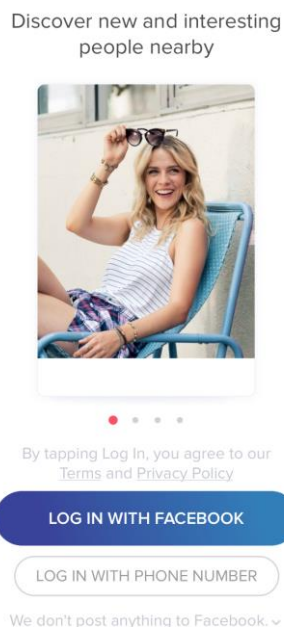
¹⁸ Para conferir a matéria completa sobre o *Tinder* no site do jornal The New York Time, acesse: <<https://www.nytimes.com/2014/10/30/fashion/Tinder-the-fast-growing-dating-app-taps-an-age-old-truth.html>>. Acesso em 05 mai. 2018.

¹⁹ Entrevista de um dos fundadores do *Tinder*, Sean Rad, ao programa Chelsea, exibido na *Netflix* em 2016. Mais informações em: <<https://www.netflix.com/watch/80104373?trackId=13752289&tctx=0%2C13%2C5283b171-7335-48de-8d5b-fefc14560a5b-22063560%2C%2C>>. Acesso em 05 mai. 2018.

²⁰ *Facebook* é uma rede social criada por Mark Zuckerberg em fevereiro de 2004 que permite que usuários do mundo inteiro se conectem uns com os outros por meios de perfis criados na plataforma. Para mais informações, acesse: <<https://newsroom.fb.com/products/>>. Acesso em 20 set. 2017.

aplicativo cria um perfil para o usuário usando todas as informações da outra rede social, permitindo editar quais dados e imagens serão divulgados ou não.

Figura 1 – Tela de *login* do aplicativo *Tinder*



Fonte: captura de tela feita pelo autor (2018).

A partir deste momento, começa a fase da criação do perfil e seleção de preferências, em que o usuário editará tudo o que deseja mostrar para os outros, a distância do raio em que deseja encontrar usuários e a orientação sexual – caso esteja interessado em homens, mulheres ou homens e mulheres. Também há a possibilidade de conectar outras redes sociais ao perfil, como o *Instagram*²¹, para o compartilhamento de imagens, e o *Spotify*²², para compartilhamento das músicas mais ouvidas com o serviço. Além disso, o aplicativo exibe as páginas em comum que dois usuários curtiram no *Facebook* e é possível escolher quais músicas mais ouvidas na conta do *Spotify* o usuário deseja mostrar. Assim, é criado o perfil no *Tinder*, conforme se vê na Figura 2. O rosto dos usuários foi ocultado por motivos de privacidade.

²¹ *Instagram* é uma rede social de compartilhamento de imagens e vídeos que foi adquirida pelo *Facebook*. Para mais informações, acesse: <<https://newsroom.fb.com/products/>>. Acesso em 20 set. 2017.

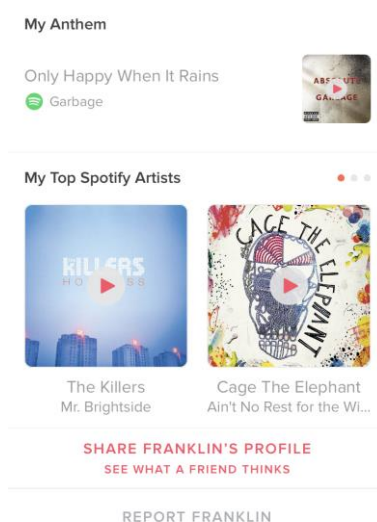
²² *Spotify* é um serviço de *streaming* de músicas, ou seja, permite qualquer usuário com uma conta cadastrada ouvir as músicas disponibilizadas na plataforma. Para mais informações, acesse: <<https://www.spotify.com/br/about-us/contact/>>. Acesso em 20 set. 2017.

Figura 2 – Tela do perfil de um usuário do *Tinder*



Fonte: captura de tela feita pelo autor (2018).

Figura 3 – Tela das redes sociais conectadas a um perfil do *Tinder*



Fonte: captura de tela feita pelo autor (2018).

As fotos do usuário aparecem na parte superior, em destaque. Deslizando a tela para a esquerda, é possível visualizar as outras imagens, caso o usuário tenha disponibilizado mais de uma. Logo abaixo, aparece o nome junto das informações facultativas importadas do *Facebook*, como a idade, nome da empresa onde trabalha, nome da instituição de ensino onde estuda e distância entre os dois usuários. Além disso, é possível adicionar uma descrição de até 500 caracteres.

Deslizando a tela para baixo, logo após as informações básicas, aparecem os dados importados de outros serviços, como *Instagram* e *Spotify*. No caso da Figura

3, é possível visualizar as músicas mais ouvidas pelo usuário no serviço de *streaming*. Ao final da tela, o *Tinder* ainda oferece a opção de compartilhar o perfil do usuário a partir de um endereço gerado pelo aplicativo e a opção de denunciar o usuário em caso de abuso ou uso indevido da plataforma.

Com o perfil criado, o usuário tem acesso à interface do aplicativo que conta com três áreas principais, que podem ser acessadas com o movimento de deslizar para os lados: a tela de descoberta de usuários, de mensagens e de configurações e edição de perfil. A primeira delas, sendo a tela principal do aplicativo, é a seção de descoberta de usuários, onde o serviço mostrará a imagem principal do perfil de uma pessoa que se encaixe às preferências – distância e sexo selecionados na definição de gostos. É nesta seção do aplicativo onde são exibidos os anúncios das empresas que adquirem o espaço.

Figura 4 – Tela da área de descoberta de pessoas do *Tinder*



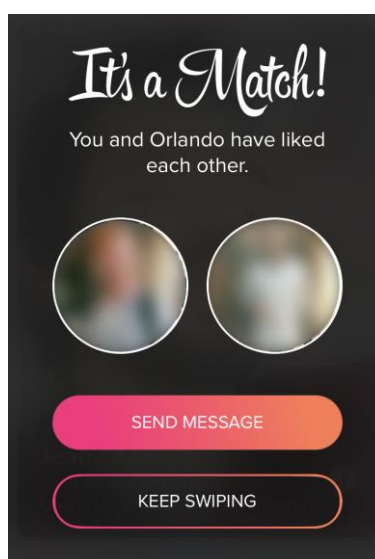
Fonte: captura de tela feita pelo autor (2018).

Nesta área, é possível visualizar as imagens do perfil, ler as informações do outro usuário ao clicar no perfil dele e iniciar as interações a partir dos *swipes*, ou seja, os movimentos de deslizar para os lados ou para cima. Ao clicar na opção com o ícone do xis vermelho ou realizar o movimento de deslizar o perfil do usuário para a esquerda, isso significa que não há interesse em iniciar uma conversa. Ao selecionar a opção do ícone do coração verde ou deslizar a imagem do usuário para

a direita, há o interesse em iniciar uma interação. Ao clicar na opção de *Super Like*²³, com o ícone da estrela azul, ou deslizar a imagem do perfil para cima, também há interesse em iniciar uma interação, com a diferença de que o outro usuário saberá que foi curtido antes de curtir de volta.

Quando os dois usuários deslizam para a direita, ou seja, selecionam a opção de que têm interesse em iniciar uma interação, o aplicativo notifica para os dois usuários um *match*, denominação dada para o momento em que há interesse mútuo, conforme vemos na Figura 5. O rosto dos usuários foi ocultado para preservar a identidade.

Figura 5 – Tela da notificação de combinação entre dois usuários no *Tinder*



Fonte: captura de tela feita pelo autor (2018).

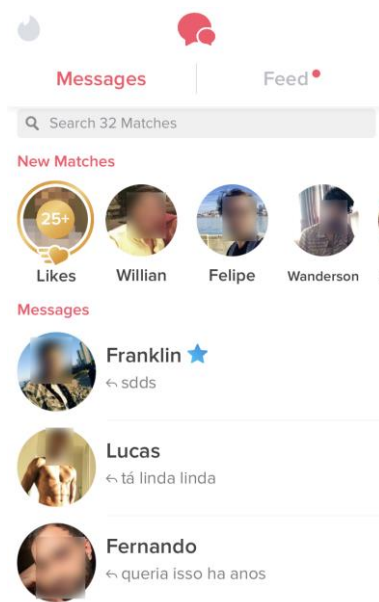
A partir deste momento, o aplicativo oferece acesso à segunda tela, onde os usuários podem visualizar todos os seus *matches* e iniciar interações com eles por meio de textos e *gifs*²⁴. Nesta seção, as interações são divididas em mensagens, onde ficam reunidos todos os usuários com os quais já houve conversa, e novos *matches*, onde fica o restante dos usuários com os quais ainda não se teve interação. Ainda na mesma seção, o *Tinder* disponibiliza uma aba onde usuários podem compartilhar imagens em uma espécie de linha do tempo, semelhante às

²³ Denominação dada à funcionalidade do aplicativo *Tinder* que permite que um usuário saiba previamente quando o outro demonstrou interesse em iniciar uma interação. Para mais informações, acesse: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/09/Tinder-lanca-super-que-mostra-pretendente-que-voce-o-curtiu.html>>. Acesso em 05 mai. 2018.

²⁴ GIF ou *Graphics Interchange Format* é um formato de imagem usado na *internet*.

utilizadas em outros serviços como *Facebook* e *Instagram*, estimulando novas interações.

Figura 6 – Tela de mensagens e novos *matches* do *Tinder*



Fonte: captura de tela feita pelo autor (2018).

Com o sucesso da plataforma que funcionava apenas em celulares, em março de 2017 foi lançado o *Tinder Online*, a versão do serviço para computadores, como forma de aumentar o alcance de usuários. O Brasil, um dos maiores mercados para a empresa, foi um dos nove países escolhidos para a estreia da ferramenta²⁵. A versão do serviço não necessita de instalação de programas e pode ser acessada de forma simples, por meio do endereço do *site* da empresa. Apesar de o funcionamento ser o mesmo, o *layout* conta com algumas mudanças, como o uso do *mouse* do computador para realizar os *swipes* e com a lista de conversas e informações do perfil agrupadas na mesma tela.

Além disso, 2017 também foi o ano de lançamento dos serviços de assinatura²⁶ *Tinder Plus* e o *Tinder Gold*²⁷. Os dois modelos oferecem a acesso a

²⁵ Matéria “*Tinder* lança versão para computadores”, publicada no site do G1 em março de 2017. Para mais informações, acesse: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/Tinder-lanca-versao-para-computadores.ghtml>>. Acesso em 05 mai. 2018.

²⁶ Matéria “*Tinder* lança recurso pago que permite ver se uma pessoa te curtiu antes de você curtir ela”, publicada no site do G1 em agosto de 2017. Para mais informações, acesse: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/Tinder-lanca-recurso-pago-que-permite-ver-se-uma-pessoa-te-curtiu.ghtml>>. Acesso em 05 mai. 2018.

²⁷ Para mais informações e especificidades sobre os planos de assinatura *Tinder Plus* e *Tinder Gold*, acesse o link: <<https://www.help.Tinder.com/hc/pt-br/articles/115004487406-What-are-Tinder-Plus-and-Tinder-Gold->>. Acesso em 05 mai. 2018.

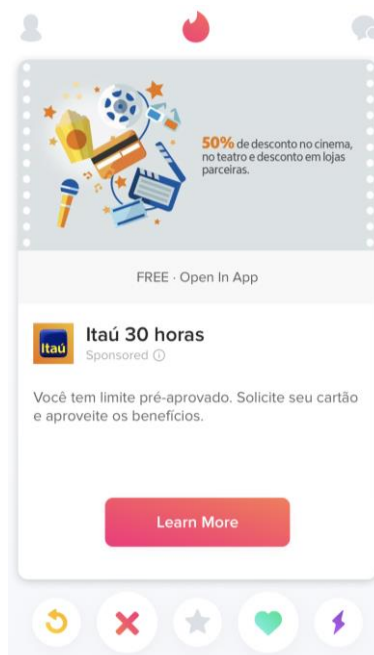
recursos diferenciados, que não estão disponíveis para os usuários que utilizam a ferramenta de forma gratuita. No Quadro 2, é possível entender quais são as funcionalidades disponíveis para cada tipo de assinatura.

Quadro 2 – Relação de recursos disponíveis nos planos *Tinder Plus* e *Tinder Gold*

TINDER PLUS	TINDER GOLD
Número ilimitado de curtidas por dia.	Número ilimitado de curtidas por dia.
Número ilimitado de <i>Rewinds</i> , ou seja, recurso para reavaliar um usuário que foi, acidentalmente, descartado.	Número ilimitado de <i>Rewinds</i> , ou seja, recurso para reavaliar um usuário que foi, acidentalmente, descartado.
Cinco <i>Super Like's</i> por dia.	Cinco <i>Super Like's</i> por dia.
Um <i>Boost</i> por mês, ou seja, recurso para aumentar a exposição do perfil na área de descoberta dos outros usuários durante 30 minutos.	Um <i>Boost</i> por mês, ou seja, recurso para aumentar a exposição do perfil na área de descoberta dos outros usuários durante 30 minutos.
Passaporte liberado, ou seja, recurso para descobrir pessoas em qualquer lugar do mundo, mesmo fora do raio de distância selecionado no perfil.	Passaporte liberado, ou seja, recurso para descobrir pessoas em qualquer lugar do mundo, mesmo fora do raio de distância selecionado no perfil.
-	Recurso para ver quais usuários curtiram o perfil antes de curtir de volta.

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Por fim, outro recurso disponível para os usuários assinantes é uma plataforma livre de anúncios. No caso de usuários que aproveitam o acesso gratuito, eles são expostos a conteúdos de empresas anunciantes que são disponibilizados no lugar dos perfis na área de descoberta de pessoas conforme vemos na Figura 7. Quando a versão do serviço é a *premium*, isso não acontece.

Figura 7 – Anúncio exibido pelo *Tinder*

Fonte: captura de tela feita pelo autor (2018).

Esse funcionamento do aplicativo se mostrou um modelo eficiente para conquistar usuários no mundo inteiro. Segundo o *site* da empresa²⁸, são cerca de 1,6 bilhão de deslizadas, ou *swipes*, por dia no aplicativo, mais de 20 bilhões de combinações, ou *matches*, em toda a história do serviço em mais de 190 países. O nome *Tinder* se consagrou em grupos de amigos ao redor do mundo e hoje é referência quando o assunto é paquera. Prova disso foi o lançamento da plataforma de namoros do *Facebook*, em maio de 2018, que foi anunciada diversas vezes como o “*Tinder do Facebook*”, conforme noticiado por veículos como *CanalTech*²⁹, Mundo Conectado³⁰, O Globo³¹ e Uol Tecnologia³².

²⁸ Informações de uso do *Tinder* disponibilizadas para a imprensa no site da empresa. Para mais informações, acesse: <<https://www.goTinder.com/press?locale=pt-BR>>. Acesso em 06 mai. 2018.

²⁹ Matéria “*Facebook* anuncia seu próprio ‘*Tinder*’”, publicada no *site* do *CanalTech* em maio de 2018. Para mais informações, acesse: <<https://canaltech.com.br/redes-sociais/Facebook-anuncia-seu-proprio-Tinder-112922/>>. Acesso em mai. 2018.

³⁰ Matéria “*Facebook* anuncia seu próprio serviço de relacionamentos ao estilo *Tinder*”, publicada em maio de 2018 no *site* do Mundo Conectado. Para mais informações, acesse: <<https://mundoconectado.com.br/noticias/v/5617/Facebook-anuncia-seu-proprio-servico-de-relacionamentos-ao-estilo-Tinder>>. Acesso em mai. 2018.

³¹ Matéria “Vai dar ‘match’: *Facebook* lança ferramenta que será rival do *Tinder*”, publicada no *site* do O Globo, em maio de 2018. Para mais informações, acesse: <<https://oglobo.globo.com/economia/vai-dar-match-Facebook-lanca-ferramenta-que-sera-rival-do-Tinder-22643133>>. Acesso em mai. 2018.

³² Matéria “*Tinder* do Face: Zuckerberg anuncia app de xaveco e novidades no WhatsApp”, publicada no *site* do Uol Tecnologia em maio de 2018. Para mais informações, acesse: <<https://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2018/05/01/mark-zuckerberg-Facebook-conferencia-para-desenvolvedores-f8.htm>>. Acesso em mai. 2018.

3 PARA ENTENDER OS MEIOS

Para investigar como o *Tinder* incide nas dinâmicas de transformação de relacionamentos, é preciso ter um entendimento profundo sobre como as interações se dão nos ambientes digitais e quais são as influências que esses meios exercem sobre os indivíduos. Por isso, dividimos o capítulo em três seções.

Primeiro, caracterizaremos o ciberespaço de acordo com as concepções tidas pelos autores Pierre Lévy (2011), Jenkins, Green e Ford (2015) e Daniel Miller (2011) e explicaremos como a plataforma do *Tinder* o torna um potencializador de conexões sociais. Segundo, entenderemos como funciona a lógica de comunicação do aplicativo e quais as relações que elas possuem com as redes sociais. Para isso, nos apropriaremos dos conceitos de Raquel Recuero (2009). Por fim, investigaremos como o *Tinder* se tornou uma ferramenta de construção de identidade na pós-modernidade segundo os conceitos da psicologia lacaniana – a partir da análise das pesquisadoras Michele Cuckiert, Léia Prizskulnik (2002) e Léa Silveira Sales (2005) – e da espetacularização do eu de Paula Sibilia (2016).

3.1 O CIBERESPAÇO COMO POTENCIALIZADOR DE CONEXÕES

As redes sociais digitais foram construídas no espaço da *internet*. Para que possamos compreendê-las e entender as dinâmicas que lá ocorrem, precisamos caracterizar esse universo. Lévy (2011) traz a ideia de cibercultura, que compreende três principais conceitos. São eles a comunicação, a informação e o diálogo. Para ele, vivemos em uma sociedade de comunicação que está conectada por vários instrumentos, ferramentas e canais. Isso tudo torna possível a representação da nossa cultura, dos valores e dos pensamentos na *internet*. A partir desse pressuposto, entendemos a sociedade como uma estrutura conectada ao redor do planeta, desprendendo-se da existência de limites territoriais.

Na prática, as Tecnologias de Informação e Comunicação “formam uma ampla rede de comunicação entre os usuários, transpondo barreiras territoriais, espaciais e temporais, além de fixar verdadeiras relações com os mais diversos sujeitos em escala global.” (BARROS; GOULART; OLIVEIRA, 2016, p. 2). Podemos

tomar como exemplos as redes sociais. O *Facebook*¹, uma das mídias sociais mais populares no Brasil, mostra como a estrutura de sociedade conectada quebra os padrões territoriais e os limites que antes existiam na interação entre duas pessoas. Com o acesso à plataforma da empresa, é possível conectar-se tanto a usuários que estejam a um pequeno raio de distância, quanto a amigos de infância que hoje vivem em outro continente. O *Tinder*, que apesar de possuir uma lógica de construção de conexões por proximidade, também atua como uma ferramenta de quebra de espaços territoriais com as funcionalidades de busca de usuários em outras localidades.

Todo esse impacto que os relacionamentos têm sofrido com a tecnologia são apenas uma parte da grande transformação provocada pelo início da *internet*, que tem levado a sociedade a um rumo ainda desconhecido; porém, com consequências quase que instantâneas à medida que as mudanças vêm acontecendo. Sobre o conceito de interconexão de Lévy (2011), ele afirma que, no universo da cibercultura, a conexão sempre se sobrepõe ao isolamento, abrindo portas ao movimento da comunicação universal, ou seja, “cada computador do planeta, cada aparelho, cada máquina, do automóvel à torradeira, deve possuir um endereço na *internet*.” (LÉVY, 2011, p. 127). Dessa forma, tudo se comunica, tudo se torna compartilhável e tudo se torna um canal interativo, moldando comportamentos e paradigmas não apenas de relacionamentos afetivos, como também de dinâmicas de aprendizado, de trabalho e de comunicação. Acrescentando as mídias sociais à discussão, os limites do privado e do compartilhado tornam-se tênues, dando um novo rumo às dinâmicas de constituição de relações afetivas, tanto de amizade quanto amorosas, por meio das redes.

Essa dinâmica de comunicação modifica completamente a dimensão que conteúdos propagados na *internet* tomam em esfera global. Ford, Green e Jenkins (2015) mostram a sociedade dentro de uma cultura de conexão. Para eles, os usuários são agentes ativos nesse processo de propagação das informações no ciberespaço e isso traz uma nova dinâmica para a mídia.

As decisões que cada um de nós toma quanto a passar adiante ou não textos de mídia – quanto a tuitar ou não a última gafe de um candidato a

¹ O *Facebook*, segundo informações da própria empresa, é uma rede social com o objetivo de possibilitar que as pessoas se conectem umas às outras por meio de sua plataforma. Para mais informações, acesse: <<https://newsroom.fb.com/company-info/>>. Acesso em 31 mai. 2018.

presidente, encaminhar ou não por e-mail uma receita de biscoitinhos de Nieman Marcus, compartilhar ou não um vídeo de uma gaivota roubando numa loja – estão remodelando o próprio cenário da mídia. (FORD; GREEN; JENKINS, 2015, s./p.).

Jenkins (2009) também traz o conceito da cultura da convergência, onde ele mostra que os diversos tipos de mídias convergem entre si e se cruzam, como é o caso das velhas mídias com as novas mídias digitais.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2009, p. 29).

No âmbito da *internet*, essa dinâmica torna-se mais forte do que nunca porque, entre os diferentes canais digitais, também há convergência. O *Tinder* é uma plataforma que, atualmente, possui um certo nível de dependência de outras mídias sociais. O fato de a empresa permitir que os usuários ingressem na plataforma por meio de login com informações do *Facebook* e oferecer a possibilidade de conexão com outras redes sociais, como *Instagram* e *Spotify*, para a construção do perfil de um usuário mostra claramente a convergência de três mídias diferentes em apenas uma plataforma.

Além disso, a solidez dos vínculos que se formam pelo *Tinder* pode estar diretamente relacionada à convergência dele com outras mídias sociais. Isso acontece porque, comumente, as interações que iniciam lá podem migrar para outros canais, como é o caso de conversas entre usuários que se conheceram no *Tinder*, mas que depois de um período de desenvolvimento de intimidade se conectam pelo *Facebook* e pelo *Instagram* e passam a ter diálogos pelas outras redes sociais, abandonando o uso do aplicativo. Uma das teorias para esse tipo de comportamento é a construção da plataforma do *Tinder* como uma rede social propulsora de novas conexões, que não possui o objetivo de mantê-las e, sim, de apenas promover novos vínculos. Por outro lado, também podemos ir para o viés de que o *Tinder* não é uma rede social que está presente no dia a dia da mesma maneira que outros canais estão, como é o caso do *Instagram*, por exemplo. Esse funcionamento corrobora as ideias de Bauman (2004), que mostra que, nas redes, os vínculos se formam e se desfazem de forma muito rápida e fácil, dando a característica de liquidez para as relações de hoje.

Com o cenário apresentado, os questionamentos quanto à influência desses canais nas dinâmicas de sociabilidade e afetividade surgem com fervor. Eles nos fazem refletir sobre o fato de as tecnologias serem um fator condicionante ou determinante no comportamento dos usuários. Ou seja, as técnicas desse espaço digital seriam responsáveis por moldar o nosso comportamento, exercendo uma certa influência, ou determinariam todas as nossas atitudes e comportamentos?

Segundo Lévy (2011, p. 25), “uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas. E digo condicionada, e não determinada.” Isso porque a tecnologia, no âmbito do nosso universo, é apenas um fator condicionante, e não determinante. Lévy (2011) ilustra a situação com o exemplo do estribo², uma invenção que deu espaço a um novo tipo de cavalaria pesada na época do feudalismo. Porém, o estribo, como dispositivo material, não foi a origem do feudalismo europeu, apenas um fator condicionante da época, permitindo aos cavaleiros com armaduras ficarem sobre os cavalos durante mais tempo nas batalhas, caracterizando-se como uma ferramenta da época – que faz parte do contexto e é referência do período histórico – e não um fator que determinou a história. No caso de relacionamentos afetivos ou sociais, por exemplo, eles não acontecem por decorrência da tecnologia. Eles sempre aconteceram e continuarão acontecendo, independente do meio e do contexto da época. A grande questão é que as redes sociais na *internet* abrem novas possibilidades de constituição de relações, condicionando-as a tomarem novos rumos que antes não lhes era possível.

Daniel Miller (2011) faz esse estudo de mídias sociais com o *Facebook*. A partir de análise da história de treze usuários do canal, ele examina os detalhes em perspectiva antropológica e chega a uma conclusão importante: “o ponto de início antropológico para entender o *Facebook* é apreciar que cada indivíduo fazia, literalmente, parte de uma rede social muito antes de o *Facebook* existir.”³ (MILLER, 2011, p. 165, tradução nossa). As relações sociais, interações e trocas de informações que lá acontecem não foram inventadas pela plataforma ou pela empresa. O *Facebook*, nessa história, foi um potencializador de conexões,

² Segundo o Dicionário Priberam, estribo é uma peça posicionada sobre o cavalo para que o cavaleiro apoie o pé. Para mais informações, acesse: <<http://dicionario.priberam.org/estribo>>. Acesso em 28 out. 2018.

³ Da citação original: “...the anthropological starting point in understanding Facebook is to appreciate that each and every individual was quite literally a social networking site long before Facebook existed.”

principalmente, porque quebra a barreira social de situações em que os indivíduos precisam se apresentar uns aos outros e facilita o processo de criação de vínculos. “As plataformas tornam-se agentes intermediadores, incluindo-se como atores nas relações interpessoais e figurando como mola propulsora para eventuais interações.” (BARROS; GOULART; OLIVEIRA, 2016, p. 2)

Apesar de se caracterizar como uma mídia social totalmente diferente e com um público-alvo com interesses voltados a outro segmento de relacionamentos, o *Tinder* possui um funcionamento muito similar ao que foi descoberto no estudo de Miller (2011). Infere-se que, assim como o *Facebook*, o *Tinder* é uma mídia social que não redefiniu a afetividade, mas expandiu e permitiu possibilidades que, sem a ferramenta, jamais aconteceriam. Sendo assim, caracterizamos o aplicativo de namoro como um potencializador de conexões, oferecendo vínculos que não seriam possíveis sem a utilização da ferramenta. Essa expansão acontece porque ele quebra uma barreira significativa na formação de relacionamentos afetivos: a rejeição ao primeiro contato. Segundo Miller (2011, p. 169, tradução nossa), “isso pode se dar pelo fato de eles não terem tido relativamente sucesso na vida. Eles não tiveram a educação, o trabalho e, até agora, o parceiro que eles quiseram.”⁴ De acordo com o funcionamento do *Tinder*, dois usuários apenas são conectados quando existe o interesse mútuo. Essa fase da dinâmica de interação social pode ser uma dificuldade para muitos indivíduos e um impeditivo de formação de novos relacionamentos. Com a mediação da ferramenta, pulamos esse passo e abrimos uma conexão que parte do pressuposto de que já existe interesse entre os dois usuários, facilitando o início de um novo vínculo.

3.2 O *TINDER* COMO UMA REDE SOCIAL NA *INTERNET*

De acordo com Recuero (2009), as redes sociais são formadas, fundamentalmente, pelos atores. Eles nada mais são do que representações digitais da identidade de um ser humano na *internet*, ou seja, as pessoas envolvidas nas plataformas, podendo ser representadas de diversas formas, por meio de um *blog*, um perfil ou em comentários de publicações. Além disso, esses atores interagem e realizam movimentos no espaço digital. Essas interações e as relações lá

⁴ Da citação original: “*this can be because they have been relatively unsuccessful so far in life. They haven't had the education, the work and, so far, the partner they would have wanted.*”

construídas são denominadas, pela autora, conexões. Segundo ela (2009), essas correspondem às interações e os laços sociais formados pelos usuários no ciberespaço e são o “principal foco do estudo das redes sociais, pois é a sua variação que altera as estruturas desses grupos.” (RECUERO, 2009, p. 30).

Quando trazemos esses conceitos para a realidade do *Tinder*, podemos caracterizar um usuário do aplicativo como um ator. As imagens que formam o seu perfil, o texto publicado pelo indivíduo e as redes sociais parceiras atreladas à descrição formam a identidade do usuário que está utilizando o aplicativo. Essas informações representam as opiniões, as ideias e os pensamentos de um ser humano que, digitalmente, foi representado dessa maneira. Já as conexões podem ser entendidas como as interações que ocorrem no aplicativo. Os *matches*⁵, na teoria, formam os laços que os usuários possuem entre si. Os *swipes*⁶ dados no aplicativo, os *Super Likes*⁷ e os movimentos de deslizar para visualizar as imagens podem ser caracterizados como as interações. "A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões." (RECUERO, 2009, p. 24). Isso porque é impossível levar em conta a atuação de um ator na rede social sem que analisemos as interações dele com outros usuários. Como analisar o impacto do *Tinder* sobre as dinâmicas da formação de relacionamentos afetivos se levarmos em conta somente o perfil, sem analisarmos as suas interações ou conexões dentro da plataforma? Sendo assim, é imprescindível que se tenha uma visão holística da dinâmica, não permitindo uma análise isolada para esse objetivo.

Podemos, também, contrapor alguns aspectos do *Tinder* quanto ao que foi proposto por Recuero em seu estudo sobre redes sociais na *internet*. A autora divide os usuários de redes sociais em três diferentes comunidades. São elas: as emergentes, as de associação e as híbridas (RECUERO, 2009). A primeira comunidade “é caracterizada por um cluster bastante conectado em relação ao resto da rede.” (RECUERO, 2009, p. 152), ou seja, é composta por um grupo de usuários que possui interesses em comum e que tem conexões densas, mútuas e muito

⁵ *Matches*, ou combinações, é a nomenclatura dada para o momento em que dois usuários do *Tinder* deslizam para a direita, ou seja, demonstram interesse mútuo.

⁶ *Swipes* é a nomenclatura dada para o movimento de deslizar a imagem de um usuário no *Tinder*. Quando um usuário desliza para a direita, significa que ele possui interesse no outro perfil. Para a esquerda, que não possui interesse. E para cima, para utilizar o recurso do *Super Like*.

⁷ *Super Like* é o recurso do *Tinder* que mostra ao usuário que outra pessoa demonstrou interesse antes de o *match* acontecer, ou seja, antes de os dois terem demonstrado interesse mútuo.

próximas. As comunidades de associação são formadas por uma estrutura que “é pouco conectada entre si, constituída de atores mais isolados em tríades.” (RECUERO, 2009, p. 154). Por último, as comunidades híbridas são aquelas que possuem características dos dois tipos anteriores, como, por exemplo, os leitores de um *blog* que, apesar de estarem todos conectados à mesma plataforma, possuem relações associativas uns com os outros.

Apesar de os conceitos de atores e conexões serem totalmente condizentes à realidade do aplicativo, o *Tinder* não se encaixa à classificação de comunidades. As características de comportamento dos usuários do aplicativo podem ser relacionadas às comunidades de associação, com atores pouco conectados entre si, mas não podemos encaixar o ciberespaço do *Tinder* nessa classificação. Isso porque o conceito de comunidades, segundo Bauman (2003), remete a um espaço confortável e acolhedor, onde as pessoas são acolhidas por um grupo que as faz se sentirem seguras e protegidas. Essa não é realidade do *Tinder* porque as conexões são muito particulares, sendo restritas a apenas dois usuários, que podem conversar entre si. Sendo assim, não existe um senso de comunidade entre quem utiliza o aplicativo porque, apesar de o perfil ser público, é uma rede social onde a descoberta é restrita apenas a quem está na busca de novas conexões.

No âmbito das conexões, esse universo é desenhado e representado pela constatação das autoras Denise Cogo e Liliane Brignol (2011), em sua pesquisa sobre redes sociais e estudos de recepção, quando trabalham com o conceito de sociedade em rede, afirmando que, nela, os indivíduos são representados como um conjunto de nós que estão ligados entre si por linhas, que representam as relações que eles possuem uns com os outros. Ao redor disso, vemos uma relação com o que diz Recuero (2009) quando afirma que as redes sociais não são estruturas fixas, ou seja, elas estão constantemente em mudança. Isso fica claro quando ela, apesar de iniciar seu estudo descrevendo as redes como formadas aleatoriamente, descobre que são, de fato, um “mundo pequeno” e que os internautas estariam ligados uns aos outros por um pequeno número de conexões (RECUERO, 2009).

Essas ligações ocorrem, principalmente, por causa do fenômeno de agregação, ou *clustering*, termo usado para designar grupos de usuários que se reúnem em torno de um objetivo comum (RECUERO, 2009). Para o contexto do *Tinder*, essa é a grande chave para o entendimento da percepção dos usuários, porque, apesar de a rede social atender a uma grande gama de pessoas, ela é

focada em um grupo muito específico: aqueles que buscam criar conexões a fim de constituir algum tipo de relacionamento, seja afetivo, de amizade ou apenas sexual.

A partir disso, podemos analisar o impacto do meio, o *Tinder*, e classificar os diferentes tipos de relações, a efemeridade e a solidez de cada um e a relação que os indivíduos possuem entre si. Com isso,

a centralidade que a esfera midiática assume na vida cotidiana e nas relações sociais vem sendo discutida como uma importante reconfiguração com implicações de diversas ordens, inclusive nas relações de tempo e espaço e nas vivências identitárias. (BRIGNOL; COGO, 2011, p. 76).

Sendo assim, as redes sociais e os aplicativos tornaram essa representação dos indivíduos mais latente, aflorando a sociabilidade. Hoje, a vida dos seres sociais é guiada e modelada por essas plataformas, que permitiram uma enorme expressividade do cotidiano dos indivíduos.

3.3 O *TINDER* NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

As redes sociais e o *Tinder* passaram a ter um papel importante na construção de identidade dos sujeitos. Para que possamos entender essa relação, vamos nos apropriar da análise feita pelas pesquisadoras Michele Cuckiert⁸, Léia Prizskulnik⁹ (2002) e Léa Silveira Sales¹⁰ (2005) da teoria lacaniana sobre o eu e o corpo e da sociedade da espetacularização, desenvolvida por Paula Sibilia (2016).

Segundo Cuckiert e Prizskulnik (2002), Lacan parte das teorias freudianas para construir sua própria teoria, que ele chama de Estágio do Espelho. A constituição da imagem do eu e do corpo está diretamente relacionada ao Outro. Isso porque o sujeito desenvolve as percepções sobre si mesmo a partir de insumos que recebe dos outros. (CUCKIERT; PRISZKULNIK, 2002).

Baseado na idéia de que o eu se constrói primeiramente a partir do outro, em especial a partir da imagem que lhe é devolvida pelo semelhante, Lacan marca o desconhecimento e a alienação como constitutivos do eu. (CUCKIERT; PRISZKULNIK, 2002, p. 144).

⁸ Michele Cuckiert é acadêmica da Faculdade de Psicologia da UniFMU (SP).

⁹ Léia Prizskulnik é acadêmica da Universidade de São Paulo (SP).

¹⁰ Léa Silveira Sales é graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos. Aluna do Doutorado em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, linha de pesquisa: Filosofia da Psicanálise. Bolsista CAPES.

Segundo Sales (2005), Lacan traz a metáfora da criança que, em sua infância, entra em contato com o espelho e desenvolve, pela primeira vez, uma ideia da totalidade do seu corpo. “Dessa forma, o estágio do espelho acaba por definir algo que não se refere nem a um simples estágio, nem somente à experiência do espelho, pois o que está em jogo no final das contas é o advento da alteridade.” (SALES, 2005, p. 115). Ou seja, a construção dessa imagem que se dá a partir da alteridade não acaba na infância. Ela molda a percepção sobre o eu durante o resto da vida. Sendo assim, Lacan entende a linguagem como fator determinante na construção da imagem do sujeito a partir do que o outro vê.

As formulações posteriores, sobre o sujeito, a linguagem e o Outro, apontam [...] para um dos pontos fundamentais da teoria lacaniana, qual seja, o da importância do nascimento do sujeito como submetido à linguagem. (CUCKIERT; PRISZKULNIK, 2002, p. 144).

Nesse cenário, as redes sociais entram como ferramentas que ganharam extrema importância na construção da identidade. Com o compartilhamento de imagens, vídeos e textos na *internet* e toda a representação de personalidade que acontece por meio desses canais, os usuários encontram nas redes sociais digitais um meio de afirmarem a sua identidade e receberem insumos para continuar a construção dessa percepção. Cada curtida coletada, cada *match*¹¹ realizado e cada comentário elogioso – ou até mesmo ofensivo – tornam-se insumos importantes para a validação da imagem que o sujeito, durante toda a sua vida, construiu sobre o seu próprio corpo e a sua personalidade. Sendo assim, as mídias sociais tornam-se o estágio do espelho do sujeito que projeta a sua imagem publicamente e recebe, em troca, o *feedback*: ele está bonito, gordo, magro, radiante, feliz, moreno e assim por diante. E a partir desse cenário de espetacularização que as redes sociais digitais assumiram, Paula Sibilía (2016) desenvolve a teoria do *show do eu*, onde ela fala da intimidade como espetáculo.

Para Sibilía (2016), a espetacularização se acentuou muito com o advento das tecnologias digitais. Com a teoria do *show do eu*, ela traz dois elementos fundamentais para a compreensão da nossa sociedade: o eu, por conta da centralidade que o sujeito assume nos canais tecnológicos, e o *show*, porque o que

¹¹ *Match*, ou combinação, é a nomenclatura dada no *Tinder* ao momento em que dois usuários demonstram interesse mútuo e são conectados na plataforma.

é mostrado aparece com um tom de espetacularização e com uma abordagem de entretenimento para o outro.

Essa centralização do eu, segundo Sibilia (2016) é um fenômeno que, por conta dos diversos movimentos históricos que vivemos, já vem acontecendo há alguns anos, mas ficou totalmente claro com a dimensão que as redes sociais tomaram. Entretanto, ela reforça que essas tecnologias acentuaram esse comportamento, e não o provocaram, indo de encontro ao que diz Lévy (2011) quando traz o ciberespaço como fator condicionante do comportamento humano – e não determinante. Para Sibilia (2016), as redes sociais não são as responsáveis pelo novo comportamento do sujeito porque elas foram construídas durante o desenvolvimento do fenômeno de centralização do eu, e não antes dele. Essas mídias tiveram apenas o papel de dar ao sujeito um meio de realizar o que ele queria.

Dentro dessa dinâmica de exposição, existe uma relação de performance com o que é publicado nas redes sociais na *internet*. Segundo Sibilia (2016), a imagem construída em redes sociais digitais não é necessariamente uma mentira, e sim a realidade retratada de uma forma que agrada o outro para que o sujeito sinta que ele é, de alguma forma, alguém valioso para a sociedade. Com isso, relacionamos essa teoria ao conceito de alteridade, trazido por Lacan na pesquisa de Cuckiert e Prizskulnik (2002). A imagem sempre depende do julgamento alheio, que modela a forma como seremos retratados publicamente. Há todo um trabalho de se mostrar da melhor forma possível para que, em retorno, possamos validar a nossa identidade. Sendo assim, Sibilia (2016) afirma que existe uma curadoria do que o sujeito pretende mostrar em redes sociais e que nem sempre há controle sobre ela. Surge, a partir disso, o conceito de *bullying*, quando o sujeito não é aceito pela sociedade e tem uma performance negativa.

No fim das contas, o que muda, para Sibilia (2016), são os valores. Apesar de o fenômeno da centralização e da individualidade surgirem anos antes do estouro da tecnologia, o que há de novo são os valores, que hoje priorizam o julgamento do outro. Antes desse fenômeno, a imagem não era o único fator responsável pela construção de identidade que as pessoas tinham umas das outras. Hoje, existe uma cultura de individualidade exagerada, que teve os canais sociais como ferramenta para dar vazão à essa necessidade de exposição. Em contrapartida, a individualidade também foi responsável por diversos avanços na sociedade

conectada. Os movimentos feministas, a quebra de padrões de beleza e as iniciativas LGBTQ+ são exemplos de que a exposição deu visibilidade para outros fenômenos que, antes, não eram vistos.

Dado o contexto, o *Tinder* entra nesse cenário como uma vitrine. Assim como as outras redes sociais, ele se tornou uma ferramenta de coleta de interações que colocam o eu no centro e são apropriadas pelos sujeitos em uma tentativa de construção da identidade, conforme teorizado por Lacan (1966/1998a apud CUCKIERT; PRISZKUNIK, 2002). Sendo assim, o aplicativo de namoro torna-se um grande estágio do espelho, onde os usuários projetam sua imagem, entendem a performance – por meio de *matches*, mensagens e curtidas – e ajustam a mensagem de acordo com o julgamento do Outro.

4 PARA ENTENDER O SUJEITO

Quando falamos de afetividade, precisamos falar do sujeito. Afinal de contas, suas vivências, a cultura e suas crenças precisam ser levadas em conta na jornada da compreensão de como ele recebe o *Tinder* na afetividade. Por esse motivo, dividimos o conteúdo em dois subcapítulos, abordando os conceitos de *amor líquido* na era da livre escolha e os *estudos de recepção*.

Iniciamos, no primeiro subcapítulo, uma apresentação do panorama das teorias sobre o amor, trazendo os fundamentos de estudiosos como Zygmunt Bauman (2004) e Luc Ferry (2008). Evoluímos a teoria para o conceito de estudos de recepção, para que possamos entender como se dá a produção de sentido dos sujeitos nos meios como o *Tinder*. Como embasamento teórico, trazemos um contexto com os estudos de Jesús Martín-Barbero (1997) e Maldonado (2013).

4.1 O AMOR LÍQUIDO NA ERA DA LIVRE ESCOLHA

Para iniciar a nossa compreensão sobre o sujeito, precisamos entender como se dá a afetividade na vida dos indivíduos que vivem na sociedade transformada pelos meios. Para isso, começamos com a apropriação do conceito de amor líquido, trazido por Bauman (2004) em seu conjunto de obras que trata da modernidade líquida. O conceito surgiu porque, segundo o autor (BAUMAN, 2004), o amor na sociedade conectada tomou um aspecto líquido e passou a se adaptar de acordo com os diferentes cenários. Além disso, a afetividade se tornou extremamente volátil e fácil de ser modificada. Bauman (2004) exemplifica isso com as conexões na *internet*, que são descartáveis e efêmeras. E, apesar de atribuir grande parte do peso dessa realidade aos meios, o sujeito é o grande responsável pelo funcionamento dessa forma de pensamento pós-moderna.

Para Bauman (2004), o sujeito vive em uma sociedade composta por comunidades e redes. A grande diferença entre os dois termos é que a comunidade possui um senso de grupo, de identificação e aceitação. Já as redes, que segundo ele são mais presentes no nosso contexto atual, são formadas por conexões que possuem um funcionamento básico composto por duas principais ações: conectar e desconectar. Partindo do conceito de que as relações são líquidas e de que elas se adaptam aos diferentes cenários da sociedade, Bauman (2004) fala da facilidade

que os sujeitos desenvolveram para criar e desfazer vínculos. Na rede, essas relações tornam-se muito instáveis e fracas porque é possível acabar com aquilo que foi feito em segundos, sem grandes perdas e transtornos sociais. Quando comparamos isso ao universo *offline*, romper vínculos é uma experiência geralmente dramática e não tão simples quanto fazê-lo no ambiente *online*. Existe o fator físico, que envolve olho no olho, a necessidade de encontrar desculpas e de haver uma explicação.

Essa realidade trouxe um novo entendimento para o sujeito que vive imerso nesse meio. Quando um indivíduo diz, por exemplo, que possui 500 amigos no *Facebook*, o entendimento de amizade dele é diferente do entendimento de um sujeito de 90 anos de idade¹². (BAUMAN, 2011). Isso porque o fundamento das amizades do sujeito que possui diversos amigos no *Facebook* se constituiu na realidade das redes, e não do *offline*, conforme o sujeito de 90 anos.

Na esfera da afetividade, o fenômeno trouxe consequências drásticas no entendimento que o sujeito possui de relacionamentos. Hoje, “noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de ‘fazer amor’” (BAUMAN, 2004, p. 16) e

a definição romântica do amor como ‘até que a morte nos separe’, está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir de onde extraia seu vigor e sua valorização. (BAUMAN, 2004, p. 19).

Quanto ao comportamento que o novo contexto dos relacionamentos provocou, Bauman (2004) traz a questão do imediatismo como problemática. Para ele, o amor é construído de forma gradual e em longo prazo a partir da participação no dia a dia, do companheirismo e da parceria, e não por meio de modelos de relações prontas que se tem como referência. “Em outras palavras, não é ansiando por coisas prontas, completas e concluídas que o amor encontra o seu significado, mas no estímulo a participar da gênese das coisas.” (BAUMAN, 2004, p. 21).

Nessa perspectiva, Bauman levanta um ponto crucial no entendimento da afetividade no contexto atual: a transformação dos relacionamentos em produtos de consumo. Para ele (2004), o sujeito, constantemente estimulado pelo mercado capitalista, passa a dar muito valor à satisfação dos seus desejos de forma rápida e

¹² Em entrevista, Bauman fala sobre suas teorias sobre a modernidade líquida. Para mais informações, acesse: <<https://www.youtube.com/watch?v=1miAVUQhdwM>>. Acesso em 28 out. 2018.

instantânea, fortalecendo e estimulando os impulsos. Isso faz com que haja uma perda de interesse muito rápida quando se percebe que a satisfação imediata não será atingida. “Nos dias de hoje, os *shopping centers* tendem a ser planejados tendo-se em mente o súbito despertar e a rápida extinção dos impulsos, e não a incômoda e prolongada criação e maturação dos desejos.” (BAUMAN, 2004, p. 14). O mesmo acontece com os relacionamentos que, quando não satisfazem os impulsivos desejos do sujeito, são descartados na mesma facilidade com a qual foram formados.

Eva Illouz (2011), assim como Bauman, relaciona a afetividade à sociedade de consumo capitalista contemporânea, afirmando que existe um impacto profundo no ser humano em decorrência desses novos modelos. Segundo Illouz (2011, p. 9), “as análises-padrão do que constitui o eu e a identidade modernos, do divisor público/privado e sua articulação com as divisões de gênero, sofrem uma alteração marcante.” Para Bauman (2004), automóveis, computadores e outros eletrônicos, em perfeitas condições de uso são considerados lixo na era da obsolescência planejada no mesmo instante em que fabricantes surgem com novas versões de produtos, mais modernos, remodelados e melhores que os anteriores. Já no campo dos relacionamentos, existe “alguma razão para que as parcerias sejam consideradas uma exceção à regra?” (BAUMAN, 2004, p. 28).

Em uma perspectiva muito mais otimista, surge Luc Ferry, trazendo um novo viés para as teorias da afetividade. Ferry (2008) reconhece que na sociedade existe um medo muito grande do rumo que se pode tomar com a influência dos meios tecnológicos. Em contraponto, ele mostra que isso é benéfico.

De acordo com essa nova ideologia, é graças ao medo que temos a consciência de o mundo estar ameaçado pelo desenvolvimento industrial moderno, e por isso também nos tornamos, como foi o caso de tantos jovens na Alemanha dos anos 1970, ‘militantes da paz’, animados pelo famoso slogan ‘lieber rot als tod’, ‘melhor vermelho do que morto’. (FERRY, 2008, p. 12).

Ou seja, o medo é importante porque nos faz entender que existe uma mudança grande acontecendo e nos prepara para lidar com suas consequências. Assim, criamos soluções e adaptamos o funcionamento da sociedade para que as relações fluam bem nessa realidade que não pode ser mudada. Isso nos leva ao conceito de desapropriação, trazido por Ferry (2008) para caracterizar tudo aquilo que sai do nosso controle e se desapropria da nossa compreensão, como é o caso

da tecnologia, criada pelo homem, porém totalmente fora do controle e desapropriada da sua definição original.

Ele atribui o medo sentido pelos indivíduos ao novo contexto dos relacionamentos afetivos. Segundo Ferry (2008), a sociedade sofreu um período drástico de mudança de valores e isso, ao contrário do que diz Bauman (2004), pode ter sido um fenômeno positivo ao indivíduo. As relações não são mais baseadas em convenções sociais e estruturas arcaicas de relacionamento. Ele ilustra essa teoria com o casamento dos avós, que mais era baseado no respeito às convenções que se tinha na época do que nas exigências pessoais dos indivíduos envolvidos no relacionamento. (FERRY, 2008) Ou seja, manter a estrutura familiar e criar uma trajetória de vida fundamentada nela era mais importante que atender às necessidades individuais e os impulsos sociais dos quais fala Bauman. Essa ruptura sofrida nos relacionamentos é a grande motivadora de uma sociedade de escolha, que Bauman chama de *modernidade líquida*. Para Ferry (2008, p. 79),

Quando se baseia uma união apenas na lógica do sentimento, quando o laço afetivo e a afinidade eletiva são essenciais, basta que o amor se apague para que a separação se imponha: nada mais, de fato, justifica objetivamente a sua manutenção.

Isso significa que uma das razões pelas quais as relações afetivas modernas são mais efêmeras é a possibilidade de os indivíduos escolherem o seu destino e estarem livres para conduzir seus relacionamentos da forma que quiserem, sem respeitar convenções sociais ou paradigmas, facilidade oferecida pela lógica que seguem os relacionamentos virtuais. Sendo assim, Ferry (2008, p. 141) diz que

Felizmente, a revolução da vida privada está em marcha e, exceto por uma catástrofe exógena, nada há de detê-la. A nova atitude, que eu disser ser a minha opção e que, como puderam compreender, é cheia de otimismo, pois para finalmente de ficar chorando a morte das utopias e se dá ao luxo, nesses tempos desencantados, de amar esse mundo que começa mais do que aquele que está passando; essa atitude, estou convencido disso, tem um belo futuro.

Os pesquisadores Paulo Vaz, Amanda Santos e Pedro Henrique Andrade (2014) caracterizam, em seu estudo, o novo regime amoroso no qual se vive atualmente. Para os autores (2014), ele se dá, principalmente, por conta da sobreposição da intimidade sexual sobre a intimidade amorosa. No contexto atual dos relacionamentos, é comum que haja o contato sexual muito antes da construção

da intimidade do casal. “Durante a vigência social do Cristianismo, o único espaço socialmente aceito para a prática sexual entre homens e mulheres era a instituição do casamento.” (ANDRADE; SANTOS; VAZ, 2014, p. 9). Após esse momento, a partir da primeira metade do século XX, viu-se uma evolução nos valores e o namoro passou a ser o espaço de iniciação sexual, por mais que a intimidade sexual ainda continuasse a ser decorrente da intimidade amorosa.

Na continuidade dessa tendência de longo prazo, mas sob a pressão próxima da revolução sexual das décadas de 1960 e 1970, a partir dos anos 1990 surge a descontinuidade: a inversão da precedência temporal entre intimidade amorosa e intimidade sexual. (ANDRADE; SANTOS; VAZ, 2014, p. 9).

A partir desse momento, esses novos valores se sobrepuseram aos anteriores e, hoje, a era de livre escolha no amor passa a ser cada vez mais fortalecida por ideais de liberdade, tanto sexual quanto de afetividade. O *Tinder*, nesse cenário, é apenas uma ferramenta criada para dar vazão à necessidade do sujeito de colocar as suas escolhas em prática.

Nesse panorama, vemos dois lados da moeda: se por um viés estamos reféns dos relacionamentos rápidos e sem vínculos, por outro estamos vivendo uma das maiores rupturas nos valores da afetividade. Apesar de uma perspectiva extremamente pessimista, Bauman (2004) representou de forma muito sensata a dinâmica dos indivíduos quando o assunto são os relacionamentos. De fato, a afetividade está se dando em relações com elos mais fracos e voláteis e os efeitos desse comportamento nos levam ao desconhecido. Porém, por mais que o sujeito se submeta a essa realidade, vínculos mais fortes sempre existirão e os meios digitais podem ser uma ferramenta que viabilize relações sólidas. A vivência em uma era de livre escolha onde podemos optar por quais relacionamentos serão mantidos ou desfeitos não invalida o fato de que o ser humano sempre necessitará de vínculos mais fortes para que mantenha a sobrevivência nas suas comunidades.

É por isso que o posicionamento de Ferry (2008) se torna tão relevante nesse contexto porque ele justifica o pessimismo contemporâneo pelo medo das rupturas, que são, de fato, arrebatadoras e surpreendentes por conta de sua velocidade. Porém, estamos em um momento histórico com valores altamente antropocentristas e as relações se dando da forma que vemos expõem a fragilidade do modelo arcaico

de relacionamentos afetivos, que não mais se baseia em convenções, e sim na satisfação pessoal.

4.2 OS ESTUDOS DE RECEPÇÃO NA *INTERNET*

Para que tenhamos o entendimento da influência do *Tinder* nas relações afetivas, precisamos investigar como se dá a interpretação desses meios pelos seus usuários. Para isso, utilizaremos os estudos de recepção a fim de investigar como se dá a produção de sentido nesses canais. Vamos nos apropriar das teorias de recepção com reflexões de Jesús Martín-Barbero (1997) e Alberto Efendy Maldonado (2013).

Para entender a percepção de Jesús Martín-Barbero (1997) em um primeiro momento, é preciso compreender o contexto dos meios no século XX. Entre as décadas de 30 e final da década de 50, a eficácia dos meios se dava no reconhecimento das mídias de massa. Elas eram utilizadas em grande parte como ferramenta política para comunicação governamental. Esse período foi marcado por fortes confrontos entre as massas e os governantes. Já em meados dos anos 60, a cultura do consumo passou a vir com mais força para a América Latina e os meios de comunicação de massa tomaram um novo rumo. Desviados de sua função política, eles passaram a atuar como ferramenta para atender às transformações econômicas, adotando um discurso para fazer com que a população gastasse dinheiro. (MARTÍN-BARBERO, 1997).

Esse contexto nos mostra como os meios, historicamente, tiveram grande importância na formação dos sujeitos. É a partir deles que se dá a comunicação que é responsável pela formação da cultura que, segundo Gomes (2004, p. 171), “é um processo social total por meio do qual significados são socialmente construídos e historicamente transformados.” Porém, as teorias anteriores à Barbero focavam muito no emissor e supervalorizavam a mensagem, trazendo o ruído como único problema de comunicação. Ao contrário do que pregava a teoria funcionalista, que entendia o receptor como um mero sujeito passivo ao que lhe era comunicado, Martín-Barbero (1997) passou a entender o sujeito emissor como o comandante do processo comunicacional.

O emissor possuía a capacidade de discernir sobre o que queria ou não ler e isso o tornava um sujeito totalmente ativo ao processo, diferentemente do que era

pregado por outros pesquisadores. (MARTÍN-BARBERO, 1997). A partir disso, surgem os *estudos de recepção*, que têm como objetivo dissecar os elementos envolvidos na produção de sentido do indivíduo.

Os estudos de recepção baseiam-se em dois pressupostos. Primeiro, o de que a audiência é sempre ativa; segundo, o de que o conteúdo dos meios é polissêmico - o que tem sido entendido como sua abertura a diferentes interpretações. (GOMES, 2004, p. 175).

Sendo assim, os *estudos de recepção* passam a ser uma peça importante na jornada da compreensão da influência do *Tinder* nas dinâmicas de afetividade na era contemporânea. Para que possamos identificar qual é, de fato, a mudança que ele provoca, precisamos entender qual é o sentido atribuído ao aplicativo pelos usuários. Nesse contexto, evoluímos os *estudos de recepção*, aplicando-os, também, à realidade da *internet* e das redes sociais digitais, que mudaram totalmente os fluxos dos processos comunicacionais. Hoje, esses elementos se tornaram reflexo de todo o histórico vivido pelos meios de comunicação, que se estruturaram a partir de um modelo capitalista e da evolução da espécie (MALDONADO, 2013), alinhados aos conceitos de Paula Sibilia (2016), que fala da *sociedade do espetáculo* vivida pelos sujeitos na sociedade contemporânea, e Bauman (2004), que compara as novas *relações líquidas* a produtos de consumo.

Porém, com o advento da *internet* e das redes sociais digitais, uma nova discussão entra em cena: a semiótica do termo *recepção*. Quando evoluímos para outros meios que não sejam apenas os de massa, deparamo-nos com a limitação do termo, que pressupõe o sujeito como passivo aos processos comunicacionais. Segundo o pesquisador Alberto Efendy Maldonado (2013, p. 89),

A ideia de *receptor* é próxima de *receptador*, faz referência àquele que recebe os sinais transmitidos e decodifica-os (aparelho/instrumento). Em termos biológicos, é uma formação capaz de ser influenciada por vários agentes (forte no paradigma funcionalista) que tem *inspirado* o *behaviorismo*, um psicologismo forte em comunicação, que concebe as pessoas como animais irracionais cujos instintos podem ser manipulados à vontade pelos meios.

Assim, evoluímos os *estudos de recepção* para um novo patamar, buscando entender, agora, como se dão os processos comunicacionais em um ambiente onde os fluxos midiáticos seguem para todos os lados. Hoje, o usuário, telespectador, leitor ou qualquer que seja o tipo de sujeito, não está limitado somente a decodificar

as mensagens que recebe. Ele também é responsável pela produção de mensagem, pelo processo de emissão. Quando trazemos o conceito de Maldonado à realidade do *Tinder*, encaixamos a teoria ao esquema da plataforma, que se divide em espaço de relacionamento de usuários e veículo de mídia. Nesse âmbito, os usuários são receptores de conteúdos de mídia e mensagens de outras pessoas e, simultaneamente, são responsáveis pela emissão de novos conteúdos a outros usuários.

Em termos semióticos, a ideia de *receptor* seduz a problemática dos *sujeitos* em comunicação também a uma noção de *receptor* enquadrado, formatado, contratado, que reproduz esquemas midiáticos. Essa noção não permite aprofundar os processos de produção de sentido na sua riqueza simbólica histórica/cultural (Bakhtin, 1993, p. 51-123; Ginzburg, 2001, p. 39-87; Eco, 2003; Verón, 2004, p. 215-284 apud MALDONADO, 2013, p. 90).

Com isso, Maldonado (2013) denomina o antigo *sujeito receptor* como *sujeito em comunicação midiática*, entendendo que é, agora, necessário levar em conta o novo cenário da sociedade conectada para que se tenha uma compreensão mais fidedigna às diversas produções de sentido dos usuários.

As pesquisadoras Denise Cogo e Liliane Dutra Brignol (2011) também discutem a limitação do termo *receptor* afirmando que é impossível entendermos o sujeito como, apenas, um agente de recepção.

Como denominar um sujeito que, a um só tempo, acessa um portal de notícias, cria uma mensagem em um Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação 13 fóruns de discussão, envia um e-mail para um amigo e lê uma mensagem postada em um site de relacionamentos? Difícil chamá-lo de receptor quando fica evidente os seus processos permanentes de experimentação e a sua produção constante de conteúdos e significações na web. (BRIGNOL; COGO, 2011, p. 12).

Assim, entendemos os meios digitais como um espaço onde as relações afetivas dos sujeitos são projetadas, permitindo que, lá, eles tenham a oportunidade de praticar experiências que simulam a vida real levando em consideração as diversas variáveis contextuais (WINKIN, 1994 apud MALDONADO, 2013). Isso faz com que se expanda significativamente o número de interpretações possíveis, já que, nas diversas dimensões, as produções de sentido podem ser as mais variadas possíveis.

Outro fator que contribui para a diversidade da produção de sentidos envolvendo o uso do *Tinder* é o fato da globalização da plataforma. Submetida a um modelo padrão global, as relações que lá acontecem são enformadas em um modelo estadunidense de relacionamentos afetivos. Assim, segundo Maldonado (2013, p. 95), “o etnocentrismo estadunidense/europeu define-se como superior às outras manifestações e às demais realidades culturais, atribuindo-se o papel de civilizador do mundo.” Esse fator, combinado às diferentes culturas dos países onde o *Tinder* atua, gera ainda mais possibilidades interpretativas, já que a plataforma é apropriada de acordo com a cultura dos usuários que, muitas vezes, é diferente do modelo norte-americano. “Nesse espaço/tempo digital, a figura do *receptor* fenece, gerando, simultaneamente, condições concretas múltiplas de produção simbólica.” (MALDONADO, 2013, p. 95).

Levando em conta todos os fatores citados anteriormente, entende-se, então, que o papel do sujeito vai muito além de um simples *receptor* e o posiciona como membro ativo em todo o processo de comunicação. Nas dinâmicas do *Tinder*, o indivíduo se torna responsável tanto por produzir sentido a partir do que ele recebe de outros usuários, quanto por comunicar a fim de gerar sentido aos outros. “Em tese, todos interagem com todos, além de cada um decidir o que quer e o que não quer ver, o que se vai guardar e o que se vai descartar.” (MONARCHA; SANTOS, 2011, p. 2).

Por isso, nesse contexto, dá-se ao sujeito o controle de todo o processo comunicacional. Como no *Tinder* é ele o responsável por emitir e receber a mensagem, também é do sujeito a responsabilidade da criação do vínculo. Apesar de o aplicativo de relacionamentos ser uma plataforma construída de tal forma que não estimule a criação de vínculos sólidos, o indivíduo que utiliza o serviço possui o poder de estreitar as relações com outro usuário. Seja por meio do contato *offline* ou por meio da migração para outras redes sociais mais frequentes no cotidiano dos usuários, é do sujeito a decisão do que será feito com as novas conexões criadas no aplicativo.

Isso nos mostra, conforme lembram Brignol e Cogo (2011, p. 2), que “como instituição geradora de sentidos e dinamizadora de relações sociais, a mídia passa a ocupar espaços e a assumir funções antes pertencentes a outras instituições (política, educação, justiça, etc.)” Chegamos, então, ao conceito de *mediação*, trazido por Martín-Barbero (1997), afirmando que o espaço que fica entre a emissão

e a recepção do conteúdo torna-se o lugar onde a cultura se concretiza. É a partir da *mediação* que vemos, de fato, como *sujeito em comunicação midiática* absorve os conteúdos nas diversas perspectivas de cotidianidade familiar, onde as relações de poder da sociedade são reproduzidas; temporalidade social, ou o tempo produtivo para o capital; e competências culturais, que são as vivências cotidianas a partir da educação formal recebida pelo indivíduo. O ambiente do *Tinder* é, então, um espaço de mediação, onde o entendimento sobre o seu papel nos relacionamentos fica à mercê de fatores como a cotidianidade familiar, temporalidade social e competências culturais.

4.3 MEDIAÇÕES

Neste subcapítulo, apresentaremos, conceituaremos e contextualizaremos historicamente as mediações que foram coletadas a partir dos indícios dados na etapa de pesquisa exploratória, cuja metodologia será detalhada e explicada no capítulo 5 deste trabalho. Por meio do método, identificamos nos entrevistados duas hipóteses de mediação: a de identidade de gênero e de orientação sexual.

4.3.1 Identidade de gênero

Frequentemente confundido com orientação sexual, o conceito de identidade de gênero pode ser tão amplo quanto, trazendo as possibilidades do indivíduo quanto à forma como ele se identifica perante a sociedade.

Historicamente, o gênero foi construído a partir de uma relação direta com o sexo biológico do indivíduo. Socialmente, uma pessoa era vista pela sociedade de acordo com a sua anatomia: se nascia com órgãos sexuais femininos, era mulher; se nascia com órgãos sexuais masculinos, era homem. (CARDOSO, 2008). À medida que o tempo passou, novos conceitos surgiram por conta de estudos acadêmicos. Como essas pesquisas foram extremamente pulverizadas e realizadas por diferentes áreas do conhecimento, desde as ciências humanas até as sociais, é comum, segundo Cardoso (2008), que exista uma discordância de termos entre elas.

Existe, também, uma recorrente mistura de conceitos no que tange identidade de gênero e orientação sexual. Apesar de os dois termos andarem juntos, há uma

enorme diferença entre os dois. Segundo Money (1998 apud CARDOSO, 2008 p. 96),

ser macho ou fêmea, ou ainda intersexo, são categorias que se estruturam a partir do critério da genitália com qual o indivíduo nasceu. Já o gênero seria algo singular e não-plural, a medida de masculinidade e feminilidade, com duas dimensões como os dois lados de uma mesma moeda que irão estruturar categorias como masculino, feminino ou andrógino.

Money (1998) estruturou, então, o conceito de identidade de gênero que leva em conta três principais critérios: o sexo, o gênero e a orientação, entendendo como sexo o sexo biológico dos indivíduos, como gênero a forma com a qual eles se identificam perante a sociedade e orientação como as suas preferências sexuais. A partir deles, é possível desenvolver um entendimento sobre a forma como um indivíduo se identifica quanto à sua identidade.

Stoller (1993 apud CARDOSO, 2008), um dos críticos de Money, traz um contraponto: ele vê no gênero um conceito totalmente separado da anatomia, sem levar em conta o critério do sexo na identificação. A manifestação do gênero em um indivíduo possui motivações psicológicas, sem estar atrelado ao sexo biológico. (STOLLER, 1993 apud CARDOSO, 2008). A teoria trouxe uma nova onda de discussões no campo de estudos de gênero, trazendo o conceito de *papel de gênero* (STOLLER, 1993 apud CARDOSO, 2008), que discute os padrões de comportamentos que, socialmente, foram atribuídos aos indivíduos de diferentes gêneros.

As possibilidades, hoje, são diversas e englobam muitas variáveis. A legislação brasileira reconhece que todos os indivíduos são iguais. Porém, Simone de Beauvoir (2009) mostra que existe uma grande disparidade entre gêneros, principalmente quando levamos em conta a relação de feminino *versus* masculino. “Vimos que, a despeito das lendas, nenhum destino fisiológico impõe ao macho e à fêmea, como tais, uma eterna hostilidade” (BEAUVOIR, 2009, s./p.). Mesmo assim, historicamente as mulheres foram colocadas em uma posição de submissão aos homens, tendo sido parte de uma construção social em que foram colocadas como responsáveis pelos filhos e pelo lar, indo ao encontro do conceito de papéis e dos padrões de comportamento que surgiram dos estudos de Stoller (1993). Além disso, as palavras de Beauvoir reforçam a ideia de construção psicológica do gênero: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” (BEAUVOIR, 2009, s./p.).

Atualmente, o assunto da identidade de gênero vem ganhando cada vez mais notoriedade, principalmente por conta da ação da imprensa. As discussões populares são cada vez mais frequentes, principalmente por conta da influência de grandes personalidades que falaram publicamente sobre transexualidade, o que engatilhou as discussões sobre identidade de gênero.

4.3.2 Orientação sexual

Assim como na identidade de gênero, o conceito de orientação sexual ainda pode variar muito por conta das discordâncias que existem em diversas áreas do conhecimento. Porém, entendemos pela terminologia que o termo se refere às inclinações sexuais e preferências de um indivíduo sobre outra pessoa. Para Cardoso (2008, p. 73),

na maioria das vezes, esse conceito está relacionado ao sentido do desejo sexual: se para pessoas do sexo oposto, do mesmo sexo ou para ambos. Aqui se considera a natureza da *fantasia sexual* de cada indivíduo como um critério mais eficiente para detectar a orientação sexual.

Porém, a partir desse entendimento, não é possível ter uma perspectiva ampla do que o conceito de orientação sexual abrange. Para isso, Cardoso (2008) traz em seu estudo as ideias de Bozman e Beck (1991), que dividem a fantasia sexual em dois elementos:

- a *natureza dos desejos*, que diz respeito aos aspectos intrapsíquicos e psicológicos de um indivíduo, referindo-se à atração sexual que ele sente por outra pessoa; e
- a *excitação física*, que é entendida como a manifestação fisiológica do desejo sexual no corpo humano, ocorrendo, nos homens, com o fenômeno de enrijecimento do pênis e, nas mulheres, como a lubrificação do canal vaginal.

Com esses aspectos delimitados, segundo Cardoso (2008), pode-se compreender melhor fenômenos socialmente considerados bizarros, como o caso de homens heterossexuais que sofreram manifestações físicas decorrentes de ações como uma massagem relaxante ou de homossexuais que tiveram experiências heterossexuais e fantasiaram com parceiros do mesmo sexo durante o ato.

Ao longo do tempo, surgiram diversos estudos sobre orientação sexual a fim de entender o comportamento dos indivíduos. Um dos primeiros foi o trabalho

desenvolvido por Ulrichs (1994), que dividiu a orientação sexual do ser humano em três categorias: heterossexual, homossexual e bissexual. Porém, essa abordagem não era ampla o suficiente e excluía as outras possibilidades de orientação, como é o caso dos assexuais, por exemplo. Entre os últimos estudos realizados, um dos mais relevantes para a área, atualmente, é o de Alfred Kinsey, que criou a Escala Kinsey (1948) como forma de medir as inclinações sexuais dos indivíduos na forma de uma escala bipolar, representada no Quadro 3.

Quadro 3 – Representação da Escala Kinsey (1948) para a orientação sexual

0	Exclusivamente heterossexual.
1	Principalmente heterossexual, com contatos homossexuais esporádicos.
2	Predominantemente heterossexual, com contatos homossexuais mais que esporádicos.
3	Bissexual.
4	Predominantemente homossexual, com contatos heterossexuais mais que esporádicos.
5	Principalmente homossexual, com contatos heterossexuais esporádicos.
6	Exclusivamente homossexual.
x	Assexual.

Fonte: Alfred Kinsey (1948).

Nessa escala, o comportamento sexual dos indivíduos deve ser medido, segundo Cardoso (2008), levando em conta os dois aspectos da sexualidade mencionados anteriormente: o comportamento sexual e a fantasia sexual, “acompanhada das seguintes perguntas: Quais são os seus comportamentos sexuais? Quais são as suas fantasias sexuais?” (CARDOSO, 2008, p. 75).

No Brasil, as temáticas sobre orientação sexual, assim como identidade de gênero, estão em alta na mídia apesar de não serem termos totalmente familiares ao cidadão brasileiro. O movimento pelos direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, que não é novo, começou por volta dos anos 80 no Brasil, segundo o Jornal Nexo¹³, como resposta à epidemia de HIV que se instaurou e afetava, primeiramente, a comunidade homossexual. Hoje, apesar da contingência do vírus, o Brasil é o país com o maior número de assassinatos a homossexuais no

¹³ Matéria “A trajetória e as conquistas do movimento LGBT brasileiro”, publicada pelo Jornal Nexo em junho de 2017. Para mais informações, acesse: <<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/06/17/A-trajet%C3%B3ria-e-as-conquistas-do-movimento-LGBT-brasileiro>>. Acesso em 20 out. 2018.

mundo segundo o Senado Brasileiro¹⁴, o que mantém o movimento em pleno funcionamento. Atualmente, o maior desafio é incluir as minorias, seja de gênero ou de orientações sexuais, na legislação brasileira, que não contempla direitos iguais a todos esses grupos.

¹⁴ Matéria publicada no site Rádio Senado em maio de 2018. Para mais informações, acesse: <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo>>. Acesso em 19 out. 2018.

5 O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentaremos todo o desenvolvimento da pesquisa a partir do viés metodológica, detalhando as dinâmicas envolvidas em cada etapa até chegarmos às reflexões e à conclusão deste trabalho.

Iniciaremos com uma descrição metodológica da etapa de pesquisa da pesquisa, quando buscamos entender mais sobre as produções acadêmicas acerca do assunto deste trabalho. Seguimos para uma pesquisa de contextualização, onde buscamos reunir informações pertinentes ao momento no qual vivemos a fim de esclarecer e desenhar o cenário contextual do universo da *internet*, as redes sociais e o *Tinder*. Seguimos para a descrição do percurso metodológico da pesquisa teórica, quando nos apropriamos das teorias dos principais pensadores com a finalidade de refletir os aspectos relevantes ao tema da afetividade, do meio e do sujeito.

Partimos, então, para a etapa prática, dividida em uma etapa de pesquisa exploratória, onde, por meio de um formulário *online*, coletamos opiniões para testar as hipóteses de mediação no *Tinder*, e de pesquisa sistemática, onde descrevemos como se deu a dinâmica das entrevistas em perspectiva histórica realizada com os usuários para analisar a produção de sentido desses usuários no aplicativo.

5.1 PESQUISA DA PESQUISA

Para o desenvolvimento deste trabalho, o primeiro passo foi a aplicação da metodologia de pesquisa da pesquisa. A partir de um olhar exploratório no campo de produções acadêmicas publicadas, é possível expandir as perspectivas e enriquecer a bibliografia, que dará suporte à realização do trabalho. Conforme afirma Bonin (2008), a aplicação do método rende contribuições concretas, possibilitando ao pesquisador um entedimento maior sobre tema da pesquisa no campo de obras publicadas. A partir dos resultados, é possível formar uma ideia mais sólida sobre as contribuições de outros pesquisadores “a fim de que novas investigações contemplem e considerem estes desenvolvimentos e aquisições e busquem efetivamente avançar *com e a partir* deles.” (BONIN, 2008, p. 3).

Também precisamos entender a pesquisa da pesquisa como uma busca constante pelo contexto do nosso tema, visto que novos estudos surgem a todo

momento, contribuindo com novas perspectivas, e que a metodologia é um mecanismo que auxilia na construção do caminho da pesquisa. Ou seja, os resultados são sempre provisórios e estão em estado constante de experimentação.

Tendo esses argumentos como base, realizamos uma pesquisa da pesquisa sobre o tema deste trabalho em duas fases. A primeira delas contou com uma busca no site do PORTCOM – Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação, utilizando os termos “afetividade”, “relacionamento”, “amor” e “*Tinder*”. Esse método gerou resultados mais amplos, já que o portal oferece um acesso a conteúdos produzidos por pesquisadores de diversos níveis acadêmicos. Já a segunda fase partiu de uma varredura realizada nas seções de trabalhos publicados e de mecanismos de busca dos sites – com os termos “afetividade”, “amor”, “comunicação e *Tinder*” – do Banco de Teses da Capes, a Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação, a COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, a Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação e a Associação brasileira de pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas. Por fim, também foi realizada uma pesquisa no site *Google Scholar* com o termo “redes sociais” e “*Tinder*”.

Após esse processo de busca e investigação, construímos o Quadro 4, com a relação do título, o termo de busca utilizado para encontrar a pesquisa e o resumo dela para compilar os resultados encontrados.

Quadro 4 – Lista de artigos selecionados na pesquisa da pesquisa

TÍTULO	CONCEITO	RESUMO
As tecnologias da informação e comunicação na (des)construção das relações humanas contemporâneas: implicações do uso do aplicativo <i>Tinder</i> . (OLIVEIRA; BARROS; GOULAR. 2016)	Comunicação e <i>Tinder</i>	A utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, chamadas de TIC, é o tema do trabalho desenvolvido pelos autores, que analisam as implicações e os riscos da utilização de redes sociais virtuais, em especial o <i>Tinder</i> , no comportamento dos usuários.
As relações afetivas na era da cibercultura: uma análise do aplicativo Lulu. (NEVES. 2014)	Afetividade	A partir de uma observação do aplicativo Lulu, a rede social de avaliação do desempenho sexual de homens, os autores fazem uma análise das relações afetivas na era digital, trazendo uma investigação sobre o amor na contemporaneidade.
Amor Líquido: como a superexposição em tempos de rede afeta as relações pessoais. (LLANOS; FREITAS;	Amor	Os autores trazem como foco de pesquisa as implicações que a superexposição nos sites de relacionamento trouxeram para as relações pessoais contemporâneas.

OLIVEIRA; SANTOS. 2013)		
Perfis de Usuários: Estratégias de Comunicação em Sites de Relacionamento Amoroso. (OLIVEIRA; ANDRADE. 2013)	Relacionamento	O trabalho traz o caso de redes sociais de relacionamento amoroso, que atualmente abrem novas possibilidade de conexão <i>online</i> , que possuem influências sobre a vida <i>offline</i> . Sendo assim, o objetivo desta pesquisa foi analisar as estratégias de aproximação dos usuários nesses canais.
Geração Y e a Comunicação: Influência das Mídias Digitais no Relacionamento Interpessoal e Comportamento	Relacionamento	A partir de uma pesquisa de grupo focal realizada pelos autores, o trabalho faz uma análise da influência das mídias digitais para investigar o impacto nas relações interpessoais e no comportamento de jovens adolescentes da Geração Y.

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Com a realização da pesquisa da pesquisa acerca dos temas e conceitos anteriormente mencionados, foi possível abrir diversos horizontes do campo de publicações acadêmicas sobre o assunto aqui trabalhado. Os resultados também foram positivos para a construção de uma boa base bibliográfica, visto que muitos trabalhos com temáticas similares possuíam embasamento a partir dos mesmos autores, o que nos permite articular argumentos mais tradicionais e populares no meio acadêmico com ideias de novos autores que ainda não foram citados em outros trabalhos.

Quanto ao quesito de quantidade de produções acadêmicas, foi possível encontrar um bom volume de trabalhos que se relacionam a temáticas de afetividade, redes sociais e comportamento digital. Porém, ainda é difícil encontrar estudos mais específicos sobre as implicações que as redes sociais de relacionamento amoroso têm sobre o comportamento dos usuários. Algumas produções trazem temáticas sobre esses aplicativos, mas focam em outras frentes de pesquisa, como, por exemplo, a representação do indivíduo nesses canais.

Entre as produções encontradas, precisamos destacar a pesquisa intitulada “As tecnologias da informação e comunicação na (des)construção das relações humanas contemporâneas: implicações do uso do aplicativo *Tinder*”¹⁵. Apesar de trazer o foco dos resultados para o âmbito jurídico e social, a produção acadêmica segue uma linha de pesquisa muito relevante porque parte da mesma problemática

¹⁵ Pesquisa realizada por Rafael Santos de Oliveira (Doutor em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC), Bruno Mello Corrêa de Barros (Mestrando em Direito - Linha Direitos Emergentes na Sociedade Global) e Gil Monteiro Goulart (Mestrando em Direito - Linha Direitos Emergentes na Sociedade Global) pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, no Rio Grande do Sul.

e do mesmo contexto apresentado no projeto de pesquisa deste trabalho. Porém, diferencia-se da proposta desta pesquisa porque possui um foco muito grande na influência dos meios digitais no comportamento humano, enquanto que aqui se pretende descobrir as implicações do aplicativo *Tinder* na afetividade. Sendo assim, o método de pesquisa da pesquisa foi relevante para a decisão de dar continuidade à trajetória de pesquisa desenhada, evoluindo o estudo a partir do que foi produzido pelos outros autores.

5.2 PESQUISA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

Com o objetivo de desenhar a conjuntura do cenário contemporâneo e situar os leitores em relação aos aspectos referentes à temática deste trabalho, realizamos uma pesquisa de contextualização, que compreendeu como a *internet* e as redes sociais digitais influenciaram a trajetória dos relacionamentos até chegarmos ao patamar da situação atual da afetividade.

A partir dos questionamentos da Quadro 1, apresentado na introdução da pesquisa, buscamos explicar o cenário contextual em duas etapas. Primeiro, entendemos como a *internet* e as redes sociais impactaram a sociedade com as teorias de Lévy (2011), Jonathan Crary (2014) e Michel Serres (2013). Também nos apropriamos de conceitos de Zygmunt Bauman (2004) para aprofundar o contexto nas questões relacionadas à afetividade. Em seguida, avançamos a discussão para o cenário da afetividade em um período em que consideramos o mundo como globalizado.

5.3 PESQUISA TEÓRICA

Partindo dos questionamentos de “como a afetividade foi influenciada pelos aplicativos de relacionamento afetivo?” e de “como se dá a incidência do aplicativo *Tinder* nas dinâmicas de formação de novos relacionamentos afetivos?”, apresentados no Quadro 1, buscamos realizar um estudo teórico dos elementos envolvidos no processo das dinâmicas de formação de relacionamentos no *Tinder*. Para isso, dividimos a pesquisa em dois capítulos diferentes: os meios e os sujeitos.

Nos estudos teóricos dos meios, dividimos a pesquisa em três itens que buscam, respectivamente, entender o *Tinder* como um potencializador de conexões

sociais a partir de conceitos de Pierre Lévy (2011), Jenkins, Green e Ford (2015) e Daniel Miller (2011), compreender as lógicas de comunicação vigentes nas redes sociais digitais a partir das concepções de Raquel Recuero (2009) e descobrir como o *Tinder* incide na construção da identidade a partir da vivência do ser em uma sociedade espetacularizada, conforme a teoria de Paula Sibilia (2016).

Já nos estudos sobre o sujeito, dividimos a pesquisa teórica em dois momentos. Primeiro, expusemos algumas teorias sobre a afetividade na sociedade pós-moderna, seguindo as linhas de Zygmunt Bauman (2004) e Luc Ferry (2008). Entramos, então, na área dos *estudos de recepção*, discutindo sobre a produção de sentido feita pelos usuários a partir da utilização do *Tinder*, partindo das teorias de Jesús Martín-Barbero (1997) e Maldonado (2013).

As referências teóricas trazidas neste trabalho provieram dos resultados obtidos por meio da metodologia de pesquisa da pesquisa, onde foi possível encontrar uma bibliografia em comum, e por meio de consulta a acadêmicos e pesquisadores da Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos e da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

5.4 PESQUISA EXPLORATÓRIA

Para esta fase da pesquisa exploratória, optamos pela metodologia de formulário *online* auto aplicado. A escolha desse método se deu pela agilidade oferecida pelos canais digitais de atingir diferentes públicos e potenciais respondentes que se encaixavam às necessidades da amostra, principalmente de orientação sexual e de identidade de gênero. Além disso, a fim de evitar constrangimento nos questionamentos sobre afetividade, identidade de gênero e sexualidade, optamos pela pesquisa anônima auto aplicada, oferecendo privacidade e segurança das informações de todos os respondentes.

Para iniciar a coleta de percepções, criamos uma pergunta-filtro que questionava os respondentes sobre serem ou não usuários do *Tinder*. Os que responderam positivamente à pergunta, seguiam para os próximos questionamentos que foram organizados em cinco etapas diferentes.

A primeira delas continha questões sobre os hábitos dos usuários nas redes sociais, como a quantidade de canais em que estavam presentes e as percepções sobre os benefícios e problemas das redes sociais digitais. Essa categoria tornou-se

relevante para identificar a possibilidade de mediação da cultura de utilização da *internet* na produção de sentido feita no aplicativo do *Tinder*, focando principalmente na faixa etária dos usuários.

Já na segunda etapa de perguntas, os respondentes foram questionados sobre a forma como se identificam, trazendo informações importantes para a coleta de indícios da mediação de identidade de gênero na produção de sentido. Neste momento, os entrevistados foram questionados sobre a sua identificação e sobre o histórico de vida do gênero com o qual se reconhecem. Dada a extensa variedade de gêneros existentes, oferecemos aos respondentes as mesmas opções fornecidas pelo *Facebook*, uma das redes sociais mais populares no Brasil, compiladas em nove grupos amplos, que são: homem, mulher, homem trans¹⁶, mulher trans¹⁷, MTF (*male to female*)¹⁸, FTM (*female to male*)¹⁹, não-binário²⁰ ou agênero²¹, travesti²² e *cross gender*²³.

Na terceira parte da entrevista, questionamos os entrevistados sobre as pessoas com quem se relacionam, oferecendo opções baseadas nas orientações

¹⁶ *Homem trans*, segundo Leonardo Peçanha – coordenador nacional de pesquisas do Instituto Brasileiro de Transmasculinidade (IBRAT) – é o indivíduo nascido com o sexo masculino, mas que não se identifica com essa designação. Para mais informações, acesse: <<http://blogs.correio24horas.com.br/mesalte/o-que-e-ser-trans/>>. Acesso em 06 out. 2018.

¹⁷ *Mulher trans*, ao contrário do homem trans, é o indivíduo nascido com o sexo feminino, mas que não se identifica com essa designação, segundo Leonardo Peçanha em entrevista ao Correio da Bahia. Para mais informações, acesse: <<http://blogs.correio24horas.com.br/mesalte/o-que-e-ser-trans/>>. Acesso em 06 out. 2018.

¹⁸ MTF (*male to female*), ou do masculino ao feminino (tradução nossa), é uma variação do termo mulher trans, segundo Heidi Levitt, pesquisadora da Universidade de Massachusetts na enciclopédia aberta Wikipedia. Para mais informações, acesse: <https://en.wikipedia.org/wiki/Trans_woman>. Acesso em 06 out. 2018.

¹⁹ FTM (*female to male*), ou do feminino ao masculino (tradução nossa), é uma variação do termo homem trans, segundo o que consta na enciclopédia aberta Wikipedia. Para mais informações, acesse: <https://en.wikipedia.org/wiki/Trans_man>. Acesso em 06 out. 2018.

²⁰ Não-binário é um termo guarda-chuva que se refere a diversos tipos de gêneros que não se limitam às categorias masculinas e femininas de acordo com o portal Bol Notícias. Para mais informações, acesse: <<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2018/03/19/glossario-de-genero-entenda-o-que-significam-os-terminos-cis-trans-binario.htm>>. Acesso em 06 out. 2018.

²¹ Agênero é o indivíduo que se identifica como neutro, não possuindo gênero segundo o portal Bol Notícias. Para mais informações, acesse: <<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2018/03/19/glossario-de-genero-entenda-o-que-significam-os-terminos-cis-trans-binario.htm>>. Acesso em 06 out. 2018.

²² Travesti é um termo que, de acordo com o portal Bol Notícias, designa as pessoas transgênero, mas nem sempre é aceito pela comunidade. Para mais informações, acesse: <<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2018/03/19/glossario-de-genero-entenda-o-que-significam-os-terminos-cis-trans-binario.htm>>. Acesso em 06 out. 2018.

²³ *Cross gender* ou *cross dressing* se refere aos indivíduos que gostam de se vestir com roupas do sexo oposto. Para mais informações, acesse: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cross-dressing>>. Acesso em 28 out. 2018.

sexuais disponibilizadas no portal LGBT²⁴. Os questionamentos foram relevantes para a identificação da possibilidade de mediação da orientação sexual na recepção do *Tinder*.

Por fim, fizemos questionamentos sobre os hábitos de consumo do *Tinder* para que pudéssemos analisar, de fato, a influência das mediações no uso do aplicativo. Finalizamos com uma última categoria, que continha uma pergunta-filtro com o objetivo de identificar quais usuários já haviam tido encontros físicos com pessoas que conheceram no *Tinder*. Nesta etapa, questionamos sobre as experiências desses usuários. O questionário, na íntegra, pode ser conferido no Apêndice A desta pesquisa.

O formulário de questionamentos recebeu, no total, 102 respostas que vieram, principalmente, de respondentes originários da publicação nas páginas pessoais de *Facebook* e *Instagram* do autor desta pesquisa. Além disso, o endereço da pesquisa foi disponibilizado em grupos de nicho do *Facebook*, como o “PUBLICIDADE UNISINOS”, dos alunos do curso de publicidade da Unisinos (RS), e o “Universidade”, grupo que trata de temáticas que envolvem o tema LGBTQ+, também na Unisinos. Para que pudéssemos ter uma diversidade de gêneros e orientações sexuais entre os respondentes, o formulário foi encaminhado, também, a entrevistados selecionados do grupo social do autor desta pesquisa. Apesar disso, houve dificuldade em encontrar amostras mais diversas, tendo falta de respondentes de orientações sexuais diferentes de heterossexual, homossexual e bissexual e de usuários que se identificam com outros gêneros além de homem e mulher.

Por fim, para que pudéssemos entender os possíveis fatores de mediação, categorizamos as percepções em três itens diferentes para a realização da análise. São eles: 1) os hábitos nas redes sociais digitais, 2) a cultura de relacionamentos e 3) os desafios da afetividade e as relações formadas a partir do aplicativo *Tinder*.

Para a análise, foram considerados apenas entrevistados que se declararam usuários do *Tinder*. A relação dos respondentes e o perfil deles podem ser conferidos no Quadro 5.

²⁴ Portal LGBT, com notícias relacionadas à comunidade LGBTQ+. Para mais informações, acesse: <<http://www.lgbt.pt/conheca-os-tipos-de-orientacao-sexual>>. Acesso em 15 set. 2018.

Quadro 5 – Relação e perfil de respondentes da pesquisa exploratória

ENTREVISTADO	PERFIL
Entrevistada 1	Mulher, mais de 36 anos, heterossexual, possui entre uma e três redes sociais.
Entrevistada 2	Mulher, entre 15 e 20 anos, bissexual, possui entre uma e três redes sociais.
Entrevistado 3	Homem, entre 21 e 25 anos, homossexual, possui entre quatro e seis redes sociais.
Entrevistada 4	Mulher, entre 26 e 30 anos, heterossexual, possui dez ou mais redes sociais.
Entrevistado 5	Homem, entre 21 e 25 anos, homossexual, possui dez ou mais redes sociais.
Entrevistado 6	Homem, entre 21 e 25 anos, heterossexual, possui entre uma e três redes sociais.
Entrevistada 7	Mulher, entre 15 e 20 anos, bissexual, possui entre quatro e seis redes sociais.
Entrevistado 8	Homem, entre 21 e 25 anos, bissexual, possui entre uma e três redes sociais.
Entrevistado 9	Homem, entre 26 e 30 anos, heterossexual, possui entre sete e nove redes sociais.

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Iniciamos a análise filtrando e excluindo alguns dos usuários da faixa de 21 a 25 anos, por se tratarem da maioria dos respondentes e por serem considerados tendenciosos, visto que grande parte das respostas veio a partir dos perfis pessoais do autor da pesquisa. Após essa etapa, realizamos uma nova análise com uma seleção aleatória de usuários que preenchiam os requisitos de perfil de cultura de utilização da *internet*, identidade de gênero e orientação sexual, chegando a uma amostra de nove respondentes.

5.5 PESQUISA SISTEMÁTICA

A fase exploratória desta pesquisa nos trouxe duas possibilidades de mediação no processo de recepção do *Tinder*: a identidade de gênero e a orientação sexual. A partir desses possíveis fatores, desenvolvemos a etapa sistemática, cujos objetivos estão descritos no Quadro 6.

Quadro 6 – Objetivos da etapa sistemática

Objetivo geral da etapa sistemática		
Identificar a produção de sentido dos sujeitos em relação ao <i>Tinder</i> .		
Objetivo específicos da etapa sistemática		
Comprovar as hipóteses de mediação de identidade de gênero e orientação sexual.	Entender os hábitos de uso dos usuários nas redes sociais.	Analisar como as redes sociais e o <i>Tinder</i> incidem nas relações afetivas.

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Para respondermos a esses objetivos, optamos pela realização de entrevistas em perspectiva histórica dos usuários do aplicativo. O método se baseou em uma conversa construída com os sujeitos a fim de entender as experiências que eles tiveram em relação às mediações, às redes sociais e ao *Tinder* e identificar as percepções dos usuários quanto às vivências. Destacamos que o grande insumo proveniente dessa metodologia, segundo Bonin (2008), não são os relatos fieis ao ocorrido, visto que existe a possibilidade da perda de detalhes. O que, de fato buscamos, são as lembranças que marcaram os indivíduos e que, hoje, são responsáveis pela produção de sentido que é feita sobre o nosso objeto de estudo.

No Quadro 7, é possível conferir a relação e o perfil dos entrevistados para esta etapa da pesquisa. Para garantir a confidencialidade das informações e a proteção da identidade dos usuários, os nomes verdadeiros foram omitidos e substituídos por nomes fictícios, visto que as informações fornecidas durante a etapa de entrevistas em perspectiva histórica eram de cunho pessoal e continham experiências delicadas.

Quadro 7 – Relação e perfil dos entrevistados da etapa sistemática

NOME FICTÍCIO	PERFIL
André	Heterossexual, homem cisgênero, 23 anos e antigo usuário do <i>Tinder</i> . Atualmente, não o utiliza por ter iniciado um relacionamento sério com uma usuária que conheceu pelo aplicativo.
Daniela	Homossexual, mulher cisgênero, 26 anos.
Letícia	Sem orientação sexual definida, mulher cisgênero, 24 anos.
Tiago	Homossexual, homem cisgênero, 24 anos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

A amostragem de entrevistados foi escolhida a partir da proporção de respondentes por orientação sexual e gênero dos resultados da pesquisa exploratória: *a priori*, selecionaríamos dois homens e duas mulheres e, entre eles, dois heterossexuais e dois homossexuais. Além disso, todos os entrevistados deveriam ser usuários ativos do *Tinder*, com exceção de um deles, que seria escolhido a partir do critério de estar envolvido em um relacionamento sério com outro indivíduo que conheceu no *Tinder*. Porém, durante as entrevistas, Letícia²⁵ – uma das entrevistadas que, ao ser convidada para a conversa se declarou

²⁵ Letícia é o nome fictício dado a uma das entrevistadas da pesquisa sistemática. Conheça o perfil dela no Quadro 7 ou com mais detalhes no capítulo 6 deste trabalho.

heterossexual – afirmou não ter orientação sexual definida, deixando de se encaixar à amostra primária desenhada para este trabalho, o que não prejudica os resultados coletados.

Construímos o roteiro da pesquisa de maneira semi-estruturada para que tivéssemos maior liberdade na articulação das perguntas de acordo com os relatos feitos pelos entrevistados. Dessa forma, pudemos abrir caminho a informações mais detalhadas e mais ricas no que diz respeito às percepções dos usuários do aplicativo. O roteiro, que pode ser conferido no Apêndice B deste trabalho, foi dividido em quatro grandes etapas. Na primeira delas, buscamos entender como se deram as experiências relacionadas à hipótese de mediação de identidade de gênero. Na segunda etapa, realizamos o mesmo procedimento; porém, com questões voltadas ao entendimento das percepções e experiências de vida no que tange a orientação sexual do indivíduo. Na terceira etapa, realizamos questionamentos a fim de entender os usos e apropriações das redes sociais pelos entrevistados, finalizando com a quarta etapa, onde buscamos entender mais sobre a percepção deles sobre a afetividade na era digital, os hábitos de uso do *Tinder* e as experiências com encontros promovidos no aplicativo.

Por conta da quantidade de informações pessoais envolvidas no roteiro construído, entendemos que seria interessante escolher uma amostragem com quem tivéssemos um bom nível de intimidade para que possamos desenvolver melhor as perguntas e adentrar mais a fundo nas motivações e percepções dos entrevistados. Por esse motivo, a escolha da amostra foi feita a partir do nosso círculo de relações, por meio de um convite aos indivíduos que se encaixavam aos nossos requisitos.

A realização das entrevistas aconteceu de duas formas: com Letícia, ocorreu presencialmente, enquanto que com André, Daniela e Tiago, ocorreu por meio de uma videochamada. Definimos como primário o método presencial; porém, para uma realização mais ágil da pesquisa visando à otimização do tempo e para atingir uma amostra mais variada no quesito localização – visto que Daniela vive em São Paulo – optamos pela entrevista nos meios digitais. Todas foram gravadas e descritas posteriormente, conforme pode ser visto no capítulo 6.2 desta pesquisa.

6 PRODUÇÕES DE SENTIDO SOBRE AS REDES SOCIAIS E O *TINDER*

Neste capítulo, apresentaremos os resultados das etapas de coleta de dados empíricos neste trabalho. Iniciamos com uma análise dos resultados obtidos na etapa exploratória, onde entrevistamos usuários do *Tinder* por meio de um formulário *online* de autopreenchimento. Logo em seguida partimos para uma descrição dos resultados da análise sistemática da pesquisa, subdividida nas quatro etapas do roteiro de entrevistas, conforme pode ser conferido no Apêndice B. Por fim, apresentamos as conclusões e reflexões a partir do que foi exposto.

6.1 ANÁLISE DE RESULTADOS DA PESQUISA EXPLORATÓRIA

Com o objetivo de compreender os usuários do *Tinder* e os possíveis fatores de mediação que contribuem para a sua percepção sobre a rede social, realizamos uma pesquisa exploratória auto aplicada por meio de um formulário online. Com esses resultados, tivemos indícios de que fatores como *identidade de gênero* e *orientação sexual* podem ser mediadores do processo de recepção das redes sociais, enquanto que a cultura de utilização da *internet*, baseada principalmente na faixa etária, não se mostrou como indício de grande influência.

Na categoria de hábitos nas redes sociais, foi comum a percepção de que os usuários não possuíam total clareza quanto ao número de redes sociais nas quais estavam presentes. Isso pode ser confirmado quando os entrevistados foram questionados sobre a quantidade de canais em que estavam presentes, marcando as opções de números; porém, quando eram solicitados a especificar as redes sociais, selecionavam mais opções do que haviam marcado.

Quanto ao fator de faixa etária no que diz respeito aos hábitos digitais, não foi possível identificar, quantitativamente, um comportamento muito distinto entre usuários de diferentes idades. Isso pode ter se dado por conta da semelhança dos hábitos em redes sociais que usuários acima de 36 anos possuem em relação a usuários mais jovens, entre 15 e 30 anos, por exemplo.

Entretanto, quando partimos para uma análise qualitativa, temos percepções diferentes em relação ao uso das redes sociais digitais. O Entrevistado 1, da faixa de 36 anos ou mais, definiu como um dos maiores benefícios a aproximação com eventos, informação que não apareceu em outras faixas etárias, por exemplo. Já

para o Entrevistado 2, da faixa de 15 a 20 anos, a instantaneidade e a conectividade das redes sociais na *internet* se configuram tanto como um fator positivo como negativo. Para o Entrevistado 3, da faixa de 26 a 30 anos, o uso dos canais como meio informativo surgiu como um benefício. Em contrapartida, ele traz as *fake news*²⁶ como um sério problema, percepção que surgiu, também, em todas as outras faixas etárias.

Para analisar os indícios de mediação da identidade de gênero e da orientação sexual, reunimos as informações da categoria de cultura de relacionamentos e desafios da afetividade. Nesse corte, as diferenças nas percepções ficaram mais evidentes, principalmente no que diz respeito à identidade de gênero. Entre as mulheres, as questões envolvendo a cultura do machismo e estereotipação, conforme informadas por diversas respondentes, ficaram evidentes. Segundo a Entrevistada 4, heterossexual e da faixa de 15 a 20 anos, os indivíduos de mesma orientação sexual que a sua são privilegiados.

Outro ponto levantado pelo Entrevistado 5, homossexual, é a questão da traição, que, segundo ele, foi facilitada pelo advento da *internet*. Junto disso, ele afirma que a cultura da exposição *online* faz com que os usuários das redes sociais passem a sensação constante de felicidade, enquanto que, para o respondente, a atitude é um fingimento. Essa percepção traz evidências da teoria de utilização das redes sociais digitais como forma de construção de identidade, apresentada no capítulo 3 desta pesquisa. Para o Entrevistado 6, heterossexual, em contrapartida à fidelidade, surge a questão do ciúme como um desafio da afetividade.

Porém, o indício mais relevante para a confirmação dos indícios de mediação da identidade de gênero é a percepção de alguns homens entrevistados, heterossexuais, que disseram que não existem desafios na afetividade. Enquanto o Entrevistado 6 afirma que não há obstáculos, com exceção do ciúme em relacionamentos, em entrevistados que se identificam como homens homossexuais é recorrente, quantitativamente, a incidência da palavra preconceito.

Quando focamos a análise nas percepções de homens e mulheres bissexuais, os desafios são outros. Existe uma percepção muito grande de alguns valores associados a esse tipo de sexualidade pela sociedade, segundo os

²⁶ Segundo o canal TechTudo, *fake news* é um termo utilizado para se referir a notícias falsas ou informações sem procedência publicadas na *internet*. Para mais informações, acesse: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/01/o-que-sao-fake-news-veja-dicas-para-identificar-boatos-na-internet.ghtml>>. Acesso em 15 set. 2018.

respondentes. A Entrevistada 7 trouxe a problemática de que a promiscuidade é um termo comumente atrelado aos bissexuais pelas pessoas, enquanto outra enxerga em relacionamentos com indivíduos bissexuais uma inspiração. Já para Entrevistado 8, existe a estereotipação de que o homem *bi* está mais condicionado a ter relacionamentos casuais e se aproveita da situação de binaridade sexual para fugir de relacionamentos.

Por fim, na categoria de percepção sobre relacionamentos formados a partir do *Tinder*, a orientação sexual se sobressaiu como um dos principais pontos mediadores da recepção do *Tinder*. Quantitativamente, a percepção de homens homossexuais foi mais positiva em comparação a homens heterossexuais. Segundo o Entrevistado 9, heterossexual,

“percebo que acabo com muito mais crushes²⁷ de internet do que na vida fora das mídias sociais..., com o tempo esfria, vira amizade ou rola alguma coisa. praticamente todas as pessoas que conheci/me interessei através do Tinder não moram na mesma cidade que eu, o que dificulta bastante.”
(Entrevistado 9).

Já para um entrevistado *gay*, a experiência é relativa, podendo ser positiva ou negativa. Porém, o que é padrão, para ele, é o apelo físico e intelectual muito mais atraente no universo digital em comparação ao pessoal, o que também vai de encontro à teoria de Sibilia (2016).

É necessário ressaltar, também, a percepção de que, ao sair do *Tinder*, a interação social e o elo entre os indivíduos se torna mais forte. O comentário foi trazido por dois entrevistados, uma mulher heterossexual e homem homossexual, que afirmaram que, com a continuidade da interação, formam-se vínculos mais sólidos.

Com a análise, encontramos fortes indícios de que a identidade de gênero e a orientação sexual podem ser fatores de mediação quando falamos em produção de sentido das redes sociais e, mais especificamente, do *Tinder*. Temos essa percepção quando vemos, por exemplo, problemáticas diferentes aparecendo em questionamentos da mesma categoria, como é o caso do sentimento mais positivo

²⁷ *Crushes*, plural de *crush*, traduzida do inglês significa paixão súbita. A palavra do idioma norte-americano foi incluída na língua portuguesa por usuários da *internet*, que a utilizam para se referir à paquera ou à outra pessoa por quem estão apaixonadas, segundo Monick Lopes, celebridade da *internet*, em entrevista ao Portal R7 de notícias. Para mais informações, acesse: <<https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/balanco-geral-rj/videos/YouTuber-explica-o-significado-de-gurias-populares-na-internet-25122017>>. Acesso em 15 set. 2018.

dos homens homossexuais em relação ao aplicativo e as questões envolvendo machismo quando as mulheres entrevistadas se posicionam em relação à cultura de relacionamentos e o *Tinder*.

Quando falamos em cultura da utilização da *internet*, não tivemos percepções distintas evidentes ao fazer a análise filtrada por faixa etária, o que não quer dizer que ela não se configura como um fator de mediação na produção de sentido do *Tinder*. A falta de evidências pode ter se dado por conta do baixo número de respondentes acima de 36 anos e da probabilidade de os respondentes dessa faixa terem culturas de utilização similares aos usuários mais jovens.

6.2 PRODUÇÕES DE SENTIDO EM RELAÇÃO ÀS REDES SOCIAIS E AO *TINDER*

Neste capítulo, descrevemos as entrevistas em perspectiva histórica realizadas na etapa sistemática desta pesquisa. Os subcapítulos estão divididos em quatro entrevistados, que é a amostra total da etapa, com uma descrição detalhada das quatro etapas do roteiro semiestruturado construído para esta metodologia a partir das seguintes categorias: perfil do entrevistado, mediações – de identidade de gênero e orientação sexual, uso das redes sociais e cultura de relacionamentos e experiências no *Tinder*.

6.2.1 André

O primeiro entrevistado da etapa sistemática foi André, nome fictício dado um dos voluntários que participaram desta pesquisa. Neste subcapítulo, conheceremos mais sobre o entrevistado a partir do perfil dele, seguido das suas percepções sobre como as mediações de identidade de gênero e orientação sexual se configuram nas produções de sentido feitas por ele, além dos usos de redes sociais e do *Tinder* a partir de uma entrevista em perspectiva histórica.

6.2.1.1 Perfil do entrevistado

André tem 23 anos e mora na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Atualmente, cursa o sétimo semestre de graduação em engenharia civil em uma universidade privada da cidade. Considerando-se heterossexual e cisgênero, André

foi usuário do *Tinder* durante um ano pelo período em que esteve solteiro, até o momento em que conheceu, por intermédio do aplicativo, Magda²⁸, sua atual namorada, com quem mantém um relacionamento há pouco mais de 4 anos até o período desta pesquisa.

6.2.1.2 Mediações

Por meio do nosso roteiro semiestruturado, questionamos André quanto às suas experiências, partindo das hipóteses de mediação de identidade de gênero, para que pudéssemos entender melhor suas vivências e percepções como cisgênero, e de orientação sexual, para compreendermos as percepções sobre sua heterossexualidade.

6.2.1.2.1 Identidade de gênero

Quando questionado sobre o entendimento do conceito de identidade de gênero, André diz que *“gênero é homem ou mulher”* (André). Apesar disso, entende que existem outras alternativas de identificação. O aprendizado sobre esse assunto, segundo o entrevistado, veio com a experiência de vida e nunca a partir de pesquisas ou de busca de informações sobre o assunto. *“Fui aprendendo ao longo do tempo. Tinha o que eu achava o que era gênero quando eu era pequeno e eu acho que é uma das coisas que a gente vai aprendendo. Mas nunca pesquisei sobre isso, entendeu? É mais o meu ‘achismo’.”* (André).

Identificando-se como homem cisgênero, André afirma que recebeu fortes influências femininas de sua mãe, suas tias e suas primas durante a infância. Em decorrência disso, segundo ele, acabava brincando de atividades que eram consideradas femininas, como brincadeiras relacionadas à *Chiquititas*²⁹, por exemplo. Mesmo assim, ele nunca vivenciou um momento em que ficou marcada a sua percepção sobre a identidade.

A estrutura familiar de André era, segundo ele, considerada a família tradicional brasileira, termo comumente usado para modelos familiares compostos

²⁸ Nome fictício dado à namorada de André, um dos entrevistados da etapa sistemática desta pesquisa.

²⁹ *Chiquititas* foi uma telenovela argentina de muito sucesso, exibida no Brasil durante os anos 90. Para mais informações, acesse: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Chiquititas>>. Acesso em 19 out. 2018.

por um pai, uma mãe e filho ou filhos. Entre a infância e o período da adolescência, seu pai, hoje falecido, trabalhava e sua mãe era dona de casa. A influência materna, segundo André, exerceu uma maior pressão no que dizia respeito a agir conforme as atitudes socialmente aceitas em seu gênero.

“Meu pai trabalhava, minha mãe era dona de casa e, no caso, a minha mãe me educava e me corrigia. Não que meu pai também não me corrigisse, mas era um negócio mais de boa. E sempre fui bastante participativo com a minha família. Tenho bastantes tios e primos.” (André).

Entretanto, a cobrança por relacionamentos afetivos veio por parte de tios, desde muito cedo, com questionamentos sobre os namoros. *“Eu achava chato isso. Às vezes eu tava na sétima série, eu nem tinha beijado na boca ainda e já tavam me enchendo o saco por causa disso.” (André).* Apesar disso, André entende que o momento era propício para essa cobrança, principalmente pelo fato do afloramento da puberdade, e atribuiu esse tipo de comportamento a indivíduos de gerações passadas. Com o falecimento de seu pai, André afirma que o peso do machismo apareceu com mais força quando se viu tendo que ser o “homem da casa”.

Perante a sociedade, André afirma nunca ter sentido nenhum tipo de preconceito ou discriminação por ser homem. Segundo ele, o seu perfil se encaixa na categoria “zero preconceito”, conforme afirmado pelo entrevistado, por ser homem de cor branca.

6.2.1.2.2 Orientação sexual

André sentiu o afloramento da sexualidade desde muito cedo, na escola, quando afirmava se sentir atraído por algumas meninas. Porém, não acha que foi esse o momento onde teve total entendimento sobre sua orientação. Para ele, a faixa entre os 14 até os 15 anos foi o momento em que a heterossexualidade foi, por completo, assumida, coincidindo com a sua primeira experiência afetiva com uma menina. Assim como na questão de identidade de gênero, a pressão familiar apareceu, também, no quesito sexualidade, com a cobrança dos tios pelos namoros. Apesar disso, André afirma que isso não exerceu nenhuma influência sobre a sua sexualidade e que nunca cedeu à pressão. Avaliou, inclusive, a experiência do primeiro beijo como um evento tardio em sua vida e como um momento que precisava ser bem feito.

André afirma nunca ter sentido dificuldade, perante a sociedade, em ser heterossexual. Porém, a timidez era um ponto que frequentemente aparecia em situações onde ele precisava conversar e se relacionar afetivamente com meninas. Para ele, havia um grande nervosismo por conta da rejeição, característica que foi perdida quando começou suas experiências profissionais e se viu obrigado a conversar com pessoas diferentes e desenvolver suas habilidades sociais.

O seu contato com indivíduos de orientações sexuais diferentes da sua surgiu ao final da adolescência. Durante toda a puberdade, André afirma sempre ter convivido apenas com heterossexuais, adquirindo apenas ao fim do período do ensino médio um entendimento melhor sobre as diferentes orientações.

“Eu fui conhecer amigos gays, assim, bem mais tarde. Principalmente depois que eu conheci a Magda³⁰. Conheci gente que não seguia a mesma orientação sexual que eu. Mas quando eu era menor, assim, tinha no terceiro ano, quando começou a surgir, assim, as pessoas se descobrindo mais, sabe? Tinha um colega meu que era gay, uma colega minha que era lésbica.” (André).

André teve duas experiências de namoro na sua trajetória. A primeira começou aos 15 anos e, em sua avaliação, foi “estranha” pelo fato de ele ainda ser jovem. A segunda experiência aconteceu aos 20 anos – com Magda – e, em suas palavras, foi mais natural. Para ele, a cultura de relacionamentos heterossexuais apresenta muitos casos de relacionamentos abusivos – tendo presenciado a situação com uma de suas primas –, relacionamentos por interesses e indivíduos que, de fato, se amam.

6.2.1.3 Uso das redes sociais

No âmbito de hábitos de uso de redes sociais, André se considera um usuário que utiliza bastante os canais sociais; porém, acredita que deveria usar menos. Afirma estar presente em quatro redes sociais: *Facebook*³¹, *Instagram*³², *WhatsApp*³³

³⁰ Nome fictício dado à namorada de André, um dos entrevistados da etapa sistemática desta pesquisa.

³¹ *Facebook* é uma rede social criada por Mark Zuckerberg em fevereiro de 2004 que permite que usuários do mundo inteiro se conectem uns com os outros por meios de perfis criados.

³² *Instagram* é uma rede social de compartilhamento de imagens e vídeos que foi adquirida pelo *Facebook*.

³³ *WhatsApp* é um comunicador instantâneo, adquirido pelo *Facebook* em 2014. Para mais informações, acesse: <<https://www.whatsapp.com/about/>>. Acesso em 20 out. 2018.

e Messenger³⁴, gastando cerca de quatro horas por dia em todos eles. O WhatsApp, canal que mais utiliza, serve como principal ferramenta de comunicação, principalmente com Magda, sua namorada, e os amigos. Os assuntos vão desde o agendamento de compromissos pessoais até assuntos relacionados às aulas da graduação.

Quando questionado sobre as publicações que realiza nas redes sociais, André avalia sua frequência como baixa, afirmando publicar somente em situações especiais, como é o caso de eventos sociais.

“Eu acho uma frequência baixa, sim. Até de Stories³⁵ de Instagram eu acho uma frequência baixa. Posto só quando eu faço alguma coisa, sei lá, algum churrasco ou essas coisas. Agora no Kerb³⁶, eu postei nos meus Stories no Instagram. Fazia tempo que eu não postava.” (André).

Porém, em sua percepção, deveria gastar menos tempo em redes sociais e no celular. Mesmo avaliando a sua frequência de publicação como baixa, o tempo de consumo, segundo André, ainda é superior a um nível considerado aceitável.

Quanto ao uso das diferentes plataformas de mídias sociais, André classifica o *Facebook* como canal para a leitura de notícias, principalmente de esportes – principal assunto de seu interesse –, por ser uma ferramenta que permite a coleta de informações de forma fácil. A motivação para o uso do WhatsApp, segundo ele, é a manutenção do contato com o seu grupo de amigos, para que não haja a necessidade de ligar. Já o Instagram é um canal para, conforme afirmado por ele, *“olhar a vida dos outros para dar uma fofocada”* (André). Quando questionado sobre a motivação para acompanhar a vida dos usuários do Instagram, ele afirma que se sente bem acompanhando a rotina das pessoas de quem gosta – sentindo-se bem com a exposição a esse conteúdo – e sente nojo ao se deparar com conteúdo de usuários de quem não gosta.

Quando o assunto são as publicações próprias que tiveram pouco engajamento, André afirma que não se lembra de nenhuma situação específica, mas

³⁴ *Messenger* é o comunicador instantâneo integrado à plataforma do *Facebook*. Para mais informações, acesse: <<https://www.messenger.com>>. Acesso em 20 out. 2018.

³⁵ *Instagram Stories* é uma das funcionalidades do *Instagram*, rede social de compartilhamento de imagens do *Facebook*. Ele permite o compartilhamento de fotos e vídeos no perfil criado na rede social. Para mais informações, acesse: <<https://help.instagram.com/>>. Acesso em 20 out. 2018.

³⁶ *Kerb* de São Miguel é uma celebração típica da cidade de Dois Irmãos, no Rio Grande do Sul, onde se celebra a chegada dos imigrantes alemães à cidade com uma festa típica tradicional. Para mais informações, acesse: <https://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2018/09/noticias/regiao/2321373-kerb-de-sao-miguel-termina-neste-domingo-em-dois-irmaos.html>. Acesso em 20 out. 2018.

que já aconteceu e costuma se sentir frustrado. “A gente se sente irritado. Pô, eu postei esse negócio bem legal e aí ninguém curte. Putz grila, que saco esse negócio que eu postei. Acho que eu vou apagar isso, ninguém curtiu e ninguém gostou.” (André). Além disso, afirma que se sentiria chateado caso recebesse um comentário negativo em uma foto publicada, por exemplo. Porém, quando questionado sobre a influência das redes sociais em sua autoestima, ele afirma que elas não exercem nenhum tipo de impacto.

As redes sociais oferecem como grande benefício a fácil interação entre usuários. Para André, é mais simples criar um vínculo rápido com outras pessoas nas redes sociais em comparação ao mundo físico. Antigamente, segundo ele, era necessário marcar um encontro com as pessoas para que pudessem se ver. Hoje, mantém-se contato pelos meios digitais.

Entretanto, no âmbito de relacionamentos afetivos, André afirma que os vínculos formados a partir de redes sociais são mais fáceis de serem desfeitos quando comparados aos que são formados a partir do mundo físico.

“Eu acho que se tu ficar só no virtual, é bem fácil de se desfazer um relacionamento. Mas aí se tu conhecer a pessoa e ficar falando com ela no WhatsApp ou no Facebook, e aí tu sai com ela, vai fazer um churrasco, vai numa festa...” (André).

Além disso, complementa que as relações são muito descartáveis. Quando um usuário não quer mais conversar, simplesmente para de enviar mensagens e não existe nenhum constrangimento nisso, diferente do que aconteceria na esfera física.

6.2.1.4 Cultura de relacionamentos e experiências no *Tinder*

Antes do namoro com Magda³⁷, André era usuário ativo do *Tinder*, possuindo uma frequência diária no aplicativo. Ele afirma que o *Tinder* facilitou a formação de relacionamentos afetivos porque não há mais a necessidade de sair de casa para que se criem vínculos com outras pessoas, já que o aplicativo elimina uma possibilidade maior de rejeição pelo fato de os usuários demonstrarem interesse mútuo. Apesar de o *Tinder* ter, em sua opinião, facilitado os relacionamentos

³⁷ Nome fictício dado à namorada de André, um dos entrevistados da etapa sistemática desta pesquisa.

casuais, o aplicativo dificultou a formação de vínculos mais sérios e namoros. Para André, as pessoas seguem um comportamento mais individual, focando no eu e não no relacionamento.

“Porque eu acho que hoje em dia as pessoas não querem muito mais namorar, se envolver, preferem cuidar de si, terem o eu. Até eu, quando usava o Tinder, eu não queria namorar. Até falei pra Magda que eu não queria namorar. Mas aí acabou acontecendo. Mas foi uma coisa que eu quis dar continuidade e ela quis dar continuidade, ficar juntos. Mas era muito fácil de não se ver mais.” (André)

O motivo pelo qual a descartabilidade de relacionamentos afetivos aparece tão forte nos tempos contemporâneos, segundo André, é a facilidade oferecida pela internet. No *Tinder*, *“uma curtida por dia e tu conhece uma pessoa nova a cada dia.”* (André).

Durante o seu período ativo no *Tinder*, André afirma que costumava acessar o aplicativo no trabalho e em casa, tendo como principal objetivo os encontros casuais. O namoro com Magda iniciou a partir dos encontros casuais marcados pelo aplicativo. Porém, ele afirma que o caso foi uma exceção, pois vínculos sérios não faziam parte da proposta buscada na rede social. *“Justamente por eu não querer nada sério. Se a pessoa é legal ou não, pouco me importava. Se era pra ficar mesmo... Só olhava a foto. Se me agradava...”* (André).

Para a construção do seu perfil no *Tinder*, André afirma que preenchia todas as informações solicitadas e que costumava mentir a idade, aumentando-a. Segundo ele, as chances de rejeição por ser muito jovem na percepção das usuárias eram maiores. Apesar disso, costumava ter encontros frequentes a partir do aplicativo e avalia as experiências como boas por cumprirem o objetivo de atender à expectativa de relações casuais.

A seção de exibição de usuários no *Tinder* – onde é possível classificar o interesse em outros indivíduos que utilizam o aplicativo – era a área mais acessada por André. Segundo o entrevistado, ele não passava muito tempo enviando mensagens pela plataforma pois migrava o contato para o WhatsApp em seguida. O *Tinder* funcionava como um canal de testes, para verificar a fluidez da conversa com as outras usuárias antes de trocar de rede social. Para ele, as interações aconteciam melhor no WhatsApp por ser um canal com mais funcionalidades de interação e com maior frequência de uso.

O namoro de André e Magda, na percepção do entrevistado, não possui nenhuma diferença em comparação a outros relacionamentos formados a partir do mundo físico. “*Eu acho que a diferença é o jeito que as pessoas te olham do que a nossa relação. As pessoas dizem: ‘pô, o Tinder? O Tinder não é pra outra coisa?’*” (André).

6.2.2 Daniela

Daniela, nome fictício dado a uma das entrevistadas da etapa sistemática desta pesquisa, tem o seu perfil apresentado, seguido das percepções em relação às hipóteses de mediação do uso de redes sociais, ao uso dos canais digitais e ao *Tinder* e relacionamentos afetivos a partir de uma pesquisa de perspectiva histórica.

6.2.2.1 Perfil do entrevistado

Daniela tem 26 anos e é graduada em jornalismo em uma universidade privada da cidade de São Vicente, em São Paulo. Identificando-se como mulher cisgênero homossexual, Daniela tornou-se usuária assídua do *Tinder* após o término do seu último namoro que durou seis anos e foi engatilhado por conta de uma traição que aconteceu nas redes sociais.

6.2.2.2 Mediações

A seguir, você entenderá mais sobre a história de vida e as percepções de Daniela no que tangem as hipóteses de mediação de identidade de gênero e orientação sexual definidas na etapa exploratória desta pesquisa.

6.2.2.2.1 Identidade de gênero

Para Daniela, o entendimento sobre identidade de gênero é claro, definindo-o como a forma com a qual as pessoas se identificam perante a sociedade. O conhecimento sobre o tema veio a partir de pesquisas na *internet*. Porém, boa parte dele também surgiu a partir de conversas com outras pessoas e da promoção de discussões sobre a temática para entender e poder participar desse universo. Daniela gosta de explorar as possibilidades e entender outras identidades para que,

caso tivesse um futuro relacionamento com um indivíduo de gênero alternativo, saiba como lidar.

Atualmente, ela se identifica como mulher cisgênero, mas ainda existem algumas dúvidas quanto ao seu gênero. Sobre esse entendimento, afirma nunca o ter questionado antes e entendeu a sua identidade quando buscou entender a dos outros. Sempre se sentiu privilegiada por se identificar com o mesmo sexo ao qual foi designado no seu nascimento e, aos 23 anos, assimilou com mais clareza a sua identidade. Considera esse tempo recente quando leva em conta toda a sua vivência.

Daniela classifica o assunto como complexo porque ele envolve muitas nuances e possibilidades. O debate sobre o tema, segundo ela, aumentou consideravelmente nos últimos anos, mas ainda vê com muita dificuldade a assimilação da diversidade por ter convivido durante muitos anos de sua vida com uma visão limitada de identidade de gênero.

Para ela, o grupo familiar teve total influência sobre o processo da assimilação de identidade. A estrutura é composta pelo pai, como o provedor da família, pela mãe, que trabalha e se vê como responsável pela casa e pelos filhos, e pelo irmão mais novo, de 19 anos e heterossexual.

Em casa, Daniela sempre foi ensinada a ter comportamentos femininos. Ela afirma adotar atitudes socialmente entendidas como femininas e estar feliz com isso, mas que não sabe o quanto desse comportamento se dá pelas suas preferências pessoais ou pela influência familiar. Tanto que afirma que não sabe com que gênero se identificaria caso tivesse nascido em outra família. Sente uma pressão muito grande por parte dos seus parentes quanto à expectativa de que, em suas palavras, “seja uma mulher bonita” e que adote esse tipo de comportamento.

O gênero feminino, em sua criação familiar, foi colocado de forma tão essencial que, hoje, Daniela não sente mais o peso disso. Porém, quando foge da feminilidade, percebe essa influência. Ela justifica essa percepção com a experiência que teve ao mudar o visual. Seu cabelo é cacheado, mas, durante toda a vida, foi alisado. Quando optou por deixá-lo natural, recebeu diversos comentários dos familiares, que diziam que o cabelo cacheado não era, em suas palavras, “chique”. Na percepção de seus parentes, o cabelo liso era “chique”, bem aceito e de pessoas com alto poder aquisitivo. Também foi recomendada a alisá-lo novamente porque

seria prejudicada no mercado de trabalho; porém, Daniela nunca teve essa percepção na sua vida profissional.

Durante uma época, Daniela vestiu roupas socialmente consideradas masculinas para testar seus gostos, se auto afirmar como lésbica e ser vista na comunidade LGBTQ+ como parte dela. Essa atitude não foi bem recebida pelo grupo familiar em um momento em que a relação, segundo ela, já não estava boa. Foi questionada sobre a sua identidade de gênero, se possuía algum trauma na vida ou se havia algo de errado com ela.

Quando questionada sobre as experiências de preconceito e discriminação por conta de sua identidade, Daniela afirma que sempre sentiu a presença de atitudes machistas por parte de seus chefes, que eram homens, não a viam como líder e acreditavam que, por ser mulher, adotaria uma postura meiga e doce e não teria pulso firme para lidar com reuniões mais pesadas. Atitudes racistas também sempre foram muito presentes em sua história pelo fato de ser negra. Percebia isso quando via as colegas de trabalho, brancas, tendo as mesmas dificuldades, mas que eram mais facilmente dribladas. Para Daniela, a percepção era de que a sua situação era sempre mais complicada.

Na faculdade de jornalismo, sua capacidade também foi questionada. Seus colegas de classe acreditavam que, por Daniela possuir interesse em moda, fosse uma pessoa fútil e não se tornaria uma jornalista capaz de discutir sobre assuntos complexos como economia e política. Ela percebia que, com as mulheres de cor branca, isso não acontecia. Ela conta que um grupo de colegas realizou uma aposta com o objetivo de acompanhar por quantos dias ela duraria no curso de jornalismo. Quando descobriu, sentiu-se extremamente ofendida e decepcionada por ser questionada, situação essa que sempre foi constante em sua trajetória.

Todas essas vivências discriminatórias exerceram um peso sobre os relacionamentos afetivos de Daniela. Para ela, a heteronormatividade aparecia, também, em seus relacionamentos homossexuais, principalmente com mulheres que adotavam comportamentos socialmente mais masculinos. *“Elas achavam que tinham que pagar a conta e que eu tinha que ser submissa de alguma forma.”* (Daniela). Daniela sentia que havia a necessidade de sempre agradar as outras pessoas. Em um de seus relacionamentos com um indivíduo que se identificava como gênero não-binário, ela foi solicitada a não usar seus óculos porque, segundo sua parceria, Daniela ficava feia. Por não ter entendimento sobre o quão abusiva a situação era,

segundo a entrevistada, e pelo fato de a sua autoestima não ser muito boa, ela aceitava.

6.2.2.2 *Orientação sexual*

Daniela entende orientação sexual como as pessoas com quem um indivíduo quer se relacionar. O conhecimento sobre o assunto, assim como sobre as questões de identidade, veio por meio da *internet*. Atualmente, se identifica como lésbica, mas nem sempre foi assim. Daniela começou se afirmando como bissexual porque era uma forma mais suave de enfrentar a situação e não queria que as pessoas entendessem que ela estava fechada a oportunidades. O processo de assimilação não foi fácil por conta da dificuldade em rejeitar tudo o que lhe foi ensinado.

As primeiras experiências amorosas de Daniela demoraram a acontecer em comparação às de suas amigas. Aos 16 anos, deu o seu primeiro beijo em um rapaz, primo de uma amiga, pela pressão social por ser a única do seu círculo que ainda não havia tido essa experiência. “*Na verdade, eu queria riscar isso da minha lista.*” (Daniela). O contato com ele foi feito por intermédio de outras pessoas até o momento em que os dois se beijaram. Após o ocorrido, Daniela passou a acreditar que não gostava de beijar pessoas e que se identificava como assexual.

A clareza sobre a sua sexualidade, entretanto, surgiu no período da adolescência enquanto cursava o ensino médio. Em sua escola, conheceu uma colega nova que era declaradamente lésbica e havia sido expulsa de seu último colégio antes de estudar com Daniela. Ela, que não possuía total entendimento sobre a sexualidade, reagiu à chegada de sua colega com atitudes homofóbicas, chamando-a de, em suas palavras, “sapatão”. Porém, Daniela se sentiu interessada pela menina, que acabou sabendo dos apelidos que recebia e ficou muito decepcionada. Por conta dessa frustração, Daniela passou a entender porque reagia de tal forma com a colega e sentiu a sua sexualidade aflorar, acontecimento que a fez pesquisar muito na *internet* sobre o assunto a fim de adquirir um entendimento maior sobre o que sentia.

Foi na faculdade o seu primeiro contato amoroso com uma menina. Uma colega de turma, assumidamente lésbica, tornou-se sua amiga e, ao saírem juntas, se beijaram. Com essa experiência, Daniela, que já se identificava como homossexual desde o ensino médio, sentiu total clareza quanto à sua sexualidade

por ter gostado da experiência e não ter feito nada por pressão, como havia sentido com o seu primeiro beijo.

No grupo familiar, a sexualidade de Daniela nunca foi aceita. A descoberta aconteceu a partir de sua mãe, que encontrou no computador históricos de conversas que Daniela tinha na *internet* com sua namorada virtual³⁸, na época em que se relacionavam. Sua família reagiu muito mal à situação. Como eram religiosos, levaram Daniela a diversas igrejas, colocaram-na em sessões de terapia sem o seu consentimento e entraram em contato com os amigos de Daniela para questionar a sua sexualidade. Removeram o acesso a computador e celular e reagiam com ameaças e agressões físicas. Hoje, a situação é mais amena porque, segundo Daniela, venceu a sua família pelo cansaço. A “fase”, como seus familiares chamavam a sua sexualidade, estava durando muito tempo e ela havia adquirido a sua independência. Sua mãe, hoje, preferiria que a filha se relacionasse com homens, mas entende a situação. O irmão de Daniela, por mais que tenha crescido com uma opinião moldada pelos pais, sempre aceitou. E o pai de Daniela nunca descobriu sobre o namoro.

Todo esse processo de assimilação da sexualidade, segundo a entrevistada, foi extremamente traumático e fortemente influenciador de diversos comportamentos no futuro pelo receio de que as pessoas fossem reagir de forma similar nos relacionamentos. Nas experiências profissionais, não costumava trazer à tona a sua sexualidade e sentia que sua liberdade de expressão havia sido prejudicada.

6.2.2.3 Uso das redes sociais

Daniela diz estar presente em cinco redes sociais: *Facebook*, Instagram, Twitter³⁹, LinkedIn⁴⁰ e WhatsApp. Utiliza esses canais todos os dias e afirma gastar muito tempo com isso, estando ou não ocupada com outras atividades. O Instagram é a rede social que mais utiliza, buscando ver fotos inspiracionais, acompanhar a vida de pessoas atraentes, amigos e famosos. Acha que acompanhar as pessoas

³⁸ Antes mesmo de se assumir como homossexual e, ainda, de ter as experiências do primeiro beijo com uma menina, Daniela se relacionava virtualmente com uma usuária de outro estado.

³⁹ Twitter é uma rede social e micro blog, onde é possível compartilhar mensagens de até 280 caracteres. Para mais informações, acesse: <<https://about.twitter.com/>>. Acesso em 20 out. 2018.

⁴⁰ *LinkedIn* é a maior rede social de contatos profissionais do mundo, com mais de 562 milhões de usuários, segundo a própria empresa. Para mais informações, acesse: <<https://about.Linkedin.com/>>. Acesso em 20 out. 2018.

famosas é uma questão de estar alinhada às tendências, enquanto que seguir os seus amigos é uma questão de se sentir incluída no grupo e saber o que eles estão falando e fazendo.

Sobre o seu comportamento nas redes sociais, Daniela afirma só publicar conteúdos quando tem algo interessante para mostrar. Nessas situações, a frequência aumenta. Quando não avalia que o assunto seja de interesse, costuma “sumir” dos seus canais.

Os diferentes pontos de vista e os detalhes da vida das pessoas são os maiores benefícios das redes sociais para Daniela porque é possível acompanhar o dia a dia de pessoas muito diferentes e com uma realidade muito distante da sua. Esse benefício, segundo a entrevistada, também é um problema nas redes sociais. É muito presente a questão do ego, que fica aflorado com tanta exposição. Dificilmente, Daniela encontra usuários falando sobre atividades que sejam monótonas no seu entendimento. O problema é ver apenas uma parte de um todo, existindo sempre o desconhecimento sobre a situação verdadeira de uma pessoa. *“Se você acha que todas as vidas são perfeitas e só a sua tem problemas, você pode ficar mal.”* (Daniela). Os padrões de beleza também aparecem muito fortes nesses canais, onde as pessoas constantemente se exibem. Existem ainda, segundo Daniela, movimentos que incentivam usuários a seguir pessoas que fujam desses padrões, para que haja uma maior representação e inclusão nos meios digitais.

As redes sociais, para Daniela, possuem influência sobre a autoestima de quem a utiliza. Ela conta que, quando realizou uma viagem a Dubai, nos Emirados Árabes, publicou uma foto com uma descrição em inglês. O conteúdo recebeu um comentário negativo de uma usuária da sua rede, o que fez com que Daniela se sentisse rejeitada e invejada com a situação. Ela também traz a vivência de sua última viagem, quando publicou diversas fotos que receberam muitos comentários positivos, dando a sensação de aprovação e influenciando diretamente no ego e na sua autoestima.

Sobre o círculo de relacionamentos, ela conta que possui amigos formados a partir do universo físico e do digital. Porém, sente que conhece mais profundamente os amigos da *internet*, o que traz o entendimento, para a entrevistada, de que as relações físicas e digitais são diferentes.

6.2.2.4 Cultura de relacionamentos e experiências no *Tinder*

Os relacionamentos amorosos, na percepção de Daniela, foram altamente impactados com o advento das redes sociais. Tanto que, em sua avaliação, foram elas as responsáveis pelo término de seu namoro mais recente, que durou seis anos. Sua ex-namorada, com quem tinha um relacionamento aberto, havia conhecido uma usuária na *internet*, com quem manteve um relacionamento afetivo paralelo a distância, visto que as duas viviam em países diferentes. Porém, a premissa do namoro de Daniela com sua ex-companheira se baseava na conversa e tudo o que acontecia de forma escondida se encaixava em traição. Para Daniela, as redes sociais abriram espaço para que isso acontecesse e para que ocorresse o fenômeno da idealização, quando, segundo ela, criamos uma imagem própria a partir do que vemos na *internet*.

Essa questão da idealização aparece, também, quando Daniela conta sobre as suas experiências no universo físico com usuárias que conheceu pelo *Tinder*. Segundo ela, já houve casos em que sua avaliação foi completamente positiva e outros em que a pessoa que conheceu não se parecia nada com o que era mostrado na *internet*. Para ela, os vínculos se formam mais facilmente no meio digital e as interações acontecem mais rapidamente. Por isso, ela acredita que criar sentimento se torna mais simples, assim como ser iludido com uma possível frustração devido à idealização.

“É muito fácil você se editar, você mostrar a melhor parte de você na internet. Você escolhe o que você fala, você escolhe a expressão que você quer usar, você tem total controle sobre como a pessoa vai te ver. Então, é muito mais fácil você conquistar e ser conquistado quando você pode se editar, quando você pode ver o seu melhor ângulo. Não tem como editar a vida.” (Daniela).

Daniela, que utiliza o *Tinder* há cinco meses até o momento da realização da entrevista, tinha uma frequência diária de acesso ao aplicativo, tendo diminuído o ritmo no último mês. Segundo ela, a principal motivação para o uso do serviço eram relacionamentos casuais e uma busca, em suas palavras, “desesperada” para conhecer outras pessoas após o fim de seu relacionamento e preencher o vazio que sentia. Conforme foi assimilando o término, entendeu que não havia a necessidade de provar algo a alguém.

Agora, costuma utilizar o aplicativo em casa ou em lugares que considera descolados por entender que existam pessoas interessantes próximas. Nesses locais, ajusta a configuração de localização do aplicativo para um raio de distância curto e, dessa forma, consegue encontrar usuários próximos, apesar de acreditar que, geralmente, essa não é a forma mais eficaz pois entende que as pessoas costumam utilizar o *Tinder* em casa.

A maior parte do tempo em que acessa *Tinder* é gasta na seção de classificação de usuários, quando é possível selecionar as opções de “gostei” e “não gostei” para outros perfis. Muitas vezes, recebe novos *matches*⁴¹ e acaba não conversando com outras pessoas, principalmente, por falta de paciência e pela necessidade de ter que pensar muito ao enviar uma mensagem que pareça original. Daniela não se contenta em ser apenas mais uma usuária que será descartada caso não chame a atenção. Já teve uma frequência maior de conversas pelo *Tinder* e diz não interagir com um *match* por mais de três dias dentro do aplicativo. Após isso, costuma migrar as interações para o WhatsApp. “*O papel do Tinder é completo quando a pessoa passa o WhatsApp.*” (Daniela).

Para a construção do seu perfil no *Tinder*, Daniela leva em conta as suas melhores fotos e escreve uma descrição que ofereça meios de facilitar a interação de novos usuários. Costuma exibir a sua profissão e a sua formação para atrair pessoas que possuam um nível educacional parecido com o dela. Isso se dá pela vontade que Daniela tem de ter conversas produtivas com pessoas com quem possa conversar sobre assuntos mais rebuscados, pensando, também, na possibilidade de futuros relacionamentos.

Para Daniela, o *Tinder* é um facilitador dos relacionamentos afetivos, principalmente para indivíduos tímidos, para pessoas que não sabem como conhecer novos companheiros ou para quem não quer sair de casa. Ele dá novas possibilidades sem que se necessite sair fisicamente em busca de alguém.

6.2.3 Letícia

Neste subcapítulo, você acompanha a entrevista em perspectiva histórica realizada com Letícia, nome fictício dado a uma das entrevistadas. Após uma

⁴¹ *Matches*, ou combinações, é a nomenclatura dada para o momento em que dois usuários do aplicativo *Tinder* deslizam para a direita, ou seja, demonstram interesse mútuo.

apresentação do seu perfil, entendemos as percepções que ela tem sobre as hipóteses de mediação de identidade de gênero e orientação sexual, além das vivências com o uso de redes sociais e o *Tinder*.

6.2.3.1 Perfil do entrevistado

Letícia tem 24 anos e mora na cidade de Canoas, no Rio Grande do Sul. É graduada em relações públicas e atua como profissional de atendimento publicitário em uma empresa do setor privado. Sem orientação sexual definida, ela diz atrair-se por pessoas, tendo se relacionado majoritariamente com homens, mas que também já teve experiências com mulheres. Atualmente, ela é usuária ativa do *Tinder* e não vê no canal uma possibilidade de formar vínculos que não sejam superficiais.

6.2.3.2 Mediações

As percepções de Letícia a partir de uma entrevista em perspectiva histórica são descritas neste subcapítulo no que tange as mediações de identidade de gênero e orientação sexual, descobertas na fase de pesquisa exploratória desta pesquisa.

6.2.3.2.1 Identidade de gênero

Como um indivíduo se identifica perante a sociedade é a forma como Letícia descreve o seu entendimento sobre o conceito de identidade de gênero. Para a entrevistada, ela atribui à convivência com pessoas diversas a sua fonte de conhecimento sobre o assunto, o que a motivou a pesquisar e aumentar o entendimento sobre as questões que envolvem o gênero. Quando questionada sobre a sua identidade, sentiu-se confusa em relação ao conceito de gênero, mas afirmou ser mulher.

A sua estrutura familiar é composta pelo pai e pela mãe que, apesar de morar juntos, nunca foram casados e por uma irmã mais nova. O diálogo sobre questões relacionadas a gênero e sexualidade existia em casa de forma limitada por conta do baixo entendimento que os pais possuíam sobre os assuntos. Segundo Letícia, eles repassaram o conhecimento que receberam.

“Depois de uma certa idade, tentaram conversar comigo sobre sexo. Me ensinaram algumas coisas básicas de higiene feminina e essas coisas. Mas sempre teve aquele discurso do ‘menina gosta de menino e vice-versa’, não teve muito...” (Letícia).

Com a sua mãe, Letícia sentia um distanciamento maior em relação ao pai. Por conta disso, os assuntos sobre sexo eram tocados superficialmente e diversos discursos vinham com tendências machistas. Isso estava presente em vários outros pontos da relação familiar.

Na fase da infância, Letícia sentia mais facilidade em fazer amizades com indivíduos do gênero masculino, fato esse que era questionado pelo seu pai. Outros comportamentos também eram sentidos, como quando Letícia usava muita maquiagem ou vestia roupas curtas. Uma das situações que marcou essa percepção era o interesse por hipismo, *hobby* comum na família. Entretanto, seu pai a privou da prática por considerá-la um esporte realizado apenas por homens.

Ao contrário de sua irmã, Letícia se definiu como “rebelde”, sempre adotando uma postura de questionadora. Porém, em certas situações, ela concordava com os discursos por falta de conhecimento sobre as questões de identidade e machismo. Isso exerceu um peso na forma como Letícia interpreta o mundo hoje. À medida que ela assimilou a sua identidade como mulher, percebeu que existiam questões na sociedade que envolviam o gênero. Segundo ela,

“o que eu acho é que com todos esses discursos me fez entender que a mulher tinha que ser mais retraída, que ela era um pouco mais oprimida, que eu tenho que andar com medo na rua, e é muito diferente de um homem que eu vejo caminhando do meu lado.” (Letícia).

O comportamento maternal, segundo Letícia, foi um legado de sua criação familiar. Segundo ela, o gênero exercia, de certa forma, influência sobre os seus relacionamentos afetivos. Ela comenta sobre o namoro, que durou cerca de dois anos e meio, que iniciou aos 20 anos com um rapaz da mesma idade.

“Eu, às vezes, tratava ele como meu filho, por certas vezes não ter tido o tino de se ligar de fazer. Coisas básicas. Eu sentia que eu era muito mãezona de ter que estar dizendo ‘não faz isso, faz aquilo, não é para botar ali’. São coisas que a mulher aprendeu como criança e o homem não aprendeu, não foi educado daquele jeito.” (Letícia).

O assédio também é uma questão trazida por Letícia, que relatou um episódio ocorrido no trem, quando foi tocada por um passageiro. Apesar de não se sentir à vontade em vestir bermuda para trabalhar, naquele dia Letícia optou por essa vestimenta e contou que se sentiu incomodada com a aproximação do assediador. O ocorrido a deixou nervosa, situação que foi percebida por outras passageiras do trem que auxiliaram Letícia, enquanto ela se sentia abalada. O medo era o julgamento por parte das outras pessoas por vestir bermuda e se sentir a responsável pela situação de assédio.

6.2.3.2.2 *Orientação sexual*

Letícia não possui clareza sobre a sua orientação sexual. Apesar de se considerar heterossexual, já teve experiências com pessoas do mesmo sexo e afirma estar atraída por pessoas e não pelo seu gênero. Os indícios disso, segundo ela, já surgiam desde a infância, quando se sentia curiosa sobre vários aspectos da vida. Ela relata a experiência em que assistiu a um filme pornô e, mesmo ao se surpreender com o conteúdo, imitava-o enquanto brincava com suas bonecas.

Aos 13 anos, teve sua primeira experiência afetiva com um indivíduo com quem se relacionou durante oito meses. Apesar de nunca ter tido nenhuma prática sexual com ele, Letícia considera a experiência importante por ser a primeira vez em que desenvolveu a consciência crítica sobre relacionar-se com homens. *“Era tudo muito em casa, muito assistido pelos meus pais. E aí foi onde eu tive a primeira situação de tocar em um homem, me tocarem [...]”* (Letícia).

Os pais, segundo Letícia, mostravam indícios de preconceito pelo fato de seu ex-namorado possuir uma situação financeira inferior à dela. Aliado a isso, a experiência do primeiro namoro mostrou-se tensa na percepção da entrevistada, que diz que o rapaz não foi muito bem aceito na família. Isso gerava situações de estresse, principalmente nos primeiros meses de relacionamento. O término se deu por conta de uma traição por parte do seu ex-namorado, que mantinha relações sexuais com outra mulher já que, segundo Letícia, o namoro dos dois não contava com práticas sexuais. A frustração de Letícia foi grande, principalmente porque as referências de relacionamento que ela havia construído era a de seus pais, que sempre apresentaram a afetividade entre duas pessoas como um viés idealizado de casais felizes e sem problemas. Isso exerceu uma forte influência nos

relacionamentos futuros de Letícia, que se considera desconfiada e ciumenta no quesito da afetividade após o episódio de adultério. O término do namoro foi altamente influenciado pelos pais de Letícia que, ao descobrirem a traição, adotaram uma postura mais drástica em relação à rejeição ao namoro.

O interesse em pessoas do mesmo sexo, até este momento, ainda não havia aflorado. Letícia atribui a assimilação dos primeiros aspectos da sexualidade a um filme que assistiu aos 14 anos, em que duas atrizes interpretavam personagens que eram amigas, porém mantinham um relacionamento afetivo casual. Em um contexto histórico-cultural onde a exposição de cenas lésbicas ainda não era comum para ela, Letícia sentiu-se interessada e percebeu sua sexualidade aflorar com mais intensidade. A primeira experiência com uma mulher aconteceu aos 18 anos, durante uma festa na casa de uma amiga, quando sentiu vontade de beijar uma mulher que conheceu na mesma noite, apesar da tentativa de não demonstrar o interesse por insegurança, medo de rejeição e julgamento.

No grupo familiar, Letícia não deixa explícita a sua orientação sexual. Isso se dá, principalmente, por conta da sua falta de clareza em relação à sexualidade e pelo receio do posicionamento familiar por conta dos posicionamentos heteronormativos.

“O que eu senti, talvez, em alguns momentos era que se eu tivesse vontade, um dia, de me assumir, não é que ia ser bem aceito, mas eles talvez não estivessem preparados porque eles nunca me deram essa coisa da liberdade, tanto de escolha, porque eles me ensinaram certas coisas como eles foram ensinados. Tipo, guria faz assim...” (Letícia).

Já as situações de machismo, preconceito e discriminação em relação à sexualidade de Letícia são minimizadas por conta da falta de clareza sobre como ela se define. Por adotar comportamentos considerados, perante a sociedade, como os de um heterossexual, a sexualidade de Letícia não é facilmente perceptível, segundo a entrevistada. Porém, não há problemas em externar suas preferências a pessoas com quem se sintam seguras para conversar.

O grupo de amigos, na percepção dela, é essencial para o entendimento completo da sexualidade. Na presença deles, era onde Letícia se sentia aceita e onde promovia discussões no que tange suas preferências sexuais. Por conta disso, sua sexualidade não é um segredo para esses indivíduos, mas nunca foi um detalhe claro. Letícia conta que seus amigos a questionavam sobre o interesse em beijar

mulheres, que foi quando ela sentiu a necessidade de contar devido à curiosidade do seu grupo. Isso não a incomodava, com exceção de situações em que sentia malícia por parte das pessoas que a questionavam.

Para Letícia, as pessoas que estão dispostas a vivenciar relacionamentos com pessoas de orientações sexuais e gêneros diferentes possuem a tendência a ter diálogos mais abertos em relação a relacionamentos heterossexuais. A percepção veio a partir do namoro de duas amigas - uma lésbica e outra bissexual - que, para Letícia, são maduras em relação aos seus sentimentos e sua sexualidade. Porém, a orientação sexual ainda é um fato que exerce um certo peso sobre os relacionamentos. Na sua primeira experiência afetiva com um homem, Letícia era constantemente alvo de piadas do seu namorado que dizia que “o pé do sapato ia tremer”⁴². Isso, em algumas situações, a incomodava, pois acredita que esse não é um assunto sobre o qual se deve fazer brincadeiras.

6.2.3.3 Uso das redes sociais

Letícia está presente, atualmente, em quatro redes sociais: *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *Tinder*. Possui frequência diária de utilização desses canais e considera como excessivo o tempo gasto neles. Em sua percepção, isso se dá, principalmente, pela ociosidade, o que faz com que ela sinta que deveria aproveitar melhor o tempo gasto.

Entre todos os canais, o *Instagram* é o de uso mais frequente. Quando questionada sobre o motivo, não soube responder, mas afirmou que publica diariamente, assim como acontece em sua conta do *Twitter*. O conteúdo publicado nesses canais costuma ser mais informal, segundo Letícia, mas com um cuidado na linguagem e na abordagem para que não haja exposição demais nem muita polêmica. Já no *Facebook*, a frequência de publicação é muito menor por ser um canal que conta com a presença de membros do grupo familiar e do trabalho, o que faz com que o cuidado com o conteúdo seja redobrado.

A principal motivação para o uso de redes sociais é a criação de vínculos com pessoas, fato que ela classifica como um dos principais benefícios, e a manutenção de amizades. A busca por informações e notícias também é um uso comum, além da

⁴² “O pé do sapato ia tremer” é uma expressão que faz alusão ao fato de Letícia possuir tendências de preferências sexuais por pessoas do mesmo sexo.

possibilidade de pesquisar mais sobre a vida de outras pessoas. O conteúdo consumido sobre a vida alheia nas redes sociais é utilizado por Letícia para o desenvolvimento de um maior entendimento sobre as pessoas com quem deseja se relacionar. Segundo ela, ele é levado em conta para que ela decida se são amizades que ela gostaria de manter na vida.

Letícia destaca a importância do conteúdo de redes sociais para o ego e a forte influência dessas plataformas na exposição promovido pelos indivíduos que as utilizam.

“Não seria me promover, mas me mostrar, de certa forma, seria um dos motivos pelos quais eu uso o Instagram. Eu acho que a gente tem uma necessidade de mostrar como a gente está se sentindo, o que a gente está fazendo, até para ver se a gente está agradando, se não está agradando, se a gente gosta do que a gente está fazendo ou não.”
(Letícia).

Nas situações em que teve publicações com baixo engajamento, Letícia afirma que se sentiu mal e frustrada pois via a necessidade de receber curtidas e comentários em seus conteúdos. A autoestima, por sinal, é fortemente influenciada no universo digital, apesar de Letícia se posicionar como indiferente em relação à vida de outras pessoas nas redes sociais. Já as publicações sobre as quais não concorda ou das quais não gosta são o principal motivador do fato de se sentir incomodada enquanto utiliza esses canais.

O ódio gratuito nas redes sociais também foi um ponto levantado pela entrevistada, que afirma já ter sido atacada anonimamente nos canais de perguntas. Segundo Letícia, foi chamada de expressões como “gorda” e “vagabunda”, trazendo uma enorme frustração por desconhecer o usuário e o motivo pelo qual ele enviou as mensagens. Classifica, também, como problemática das redes sociais a falta de informação nas publicações e a disseminação de conteúdo sem procedência. A privacidade também é uma questão por conta do fácil acesso às informações pessoais e à disseminação dos conteúdos, o que agrava o caso de notícias incorretas e a exposição do perfil pessoal à rede.

6.2.3.4 Cultura de relacionamentos e experiências no *Tinder*

Os meios digitais, segundo Letícia, deram voz e espaço às pessoas. Hoje, elas contam com uma enorme dose de liberdade que pode ser usada para criar conversas com qualquer pessoa e acabar com o problema da timidez. *“Ninguém sai na rua dizendo ‘oi, sou gay, sou hétero’, então eu acho que as redes sociais te permitem demonstrar interesse.”* (Letícia). Esse, por sinal, é um dos grandes benefícios do *Tinder*, segundo Letícia.

O serviço é utilizado por ela, em média, uma vez por semana ou menos. Ela afirma que começa a classificar – deslizando à direita e à esquerda – os usuários, fica irritada, perde a paciência e deixa o aplicativo. Um dos principais motivos para esse comportamento é o fato de o pré-julgamento a partir de informações superficiais, antes mesmo de uma conversa, ser o principal filtro para o interesse em um usuário. Letícia diz sentir atração por pessoas, independente do gênero, e considera o *Tinder* um canal que não representa fielmente a essência delas. O uso se dá muito mais pela questão da autoestima do que, de fato, conhecer pessoas, segundo a entrevistada.

“Porque eu senti que é muito mais pra alimentar o ego de algumas pessoas. Tipo, deu match, a pessoa ficaria comigo, e eu não preciso fazer mais nada. É muito mais pessoas dando match para alimentar o ego do que querendo realmente ter uma conversa, ou conhecer alguém ou ficar com alguém.” (Letícia).

O pico de uso se dá, geralmente, quando viaja para outras cidades ou quando frequenta locais tumultuados, como bares e festas. Não costuma utilizar o *Tinder* em sua cidade porque entende que não existem pessoas do seu interesse nas proximidades.

Para Letícia, o *Tinder* não é o principal canal de contato com as pessoas que conheceu por lá. Em suas palavras, a conversa *“normalmente evolui pro Whats⁴³ ou pro Instagram.”* (Letícia). O aplicativo dá a sensação de ser impessoal e, quando há a migração para outras redes sociais, a percepção de Letícia é a de que o usuário passa a ser real e que as possibilidades de conhecer a sua essência aumentam.

⁴³ *Whats* é uma forma coloquial de se referir ao WhatsApp, canal digital de envio de mensagens instantâneas.

“Teve muita gente que eu conheci por causa do Tinder, evoluiu pra Whats e Instagram e, meses depois, eu fui sair e daí acabou, na minha cabeça, não sendo uma pessoa do Tinder. Mas era uma pessoa que, por ter conhecido no Tinder, acabou acontecendo.” (Letícia).

Ao utilizar o serviço, buscava relações momentâneas e casuais, geralmente com objetivos sexuais. Nunca consumiu o *Tinder* como forma de construir um namoro com outros usuários porque entendia o canal como um lugar onde isso jamais aconteceria por conta da superficialidade dos relacionamentos. Julgar uma pessoa sem ao menos conversar com ela não se encaixava ao que Letícia busca.

Quanto às experiências com usuários que conheceu pelo aplicativo, a entrevistada diz ter vivenciado momentos proveitosos e outros nem tanto. Uma de suas experiências negativas envolveu a ida até a casa de um usuário que conheceu pelo *Tinder*, mesmo com a sensação de insegurança. Lá, não se sentiu confortável em relação a algumas opiniões manifestadas por ele, ficou irritada e quis ir embora. A situação, porém, era complicada pois ela não possuía total conhecimento sobre o local onde estava e se sentia insegura por estar na presença de uma pessoa que não conhecia.

6.2.4 Tiago

Neste subcapítulo, apresentamos o perfil de Tiago, nome fictício dado ao último entrevistado desta pesquisa. Além disso, descrevemos as suas percepções em relação às mediações de identidade de gênero e orientação sexual, assim como o uso de redes sociais e o *Tinder*.

6.2.4.1 Perfil do entrevistado

Tiago é publicitário, tem 24 anos, vive em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e se identifica como homem cisgênero homossexual. Usa o *Tinder* diariamente, há mais de quatro anos, tendo deixado o serviço apenas durante o seu namoro, que durou pouco mais de um ano. Para ele, as relações que se formam no universo físico são melhores do que as que se iniciam nas redes sociais.

6.2.4.2 Mediações

A partir de um questionário semiestruturado, buscamos entender as percepções de Tiago quanto às hipóteses de mediação na produção de sentido do *Tinder*. Elas se encontram descritas neste subcapítulo.

6.2.4.2.1 Identidade de gênero

Tiago entende a identidade de gênero como a forma com a qual um indivíduo se identifica e se percebe na sociedade, independente da sua sexualidade, do corpo e do sexo biológico. Nunca buscou conhecimento sobre o assunto nem foi ensinado sobre isso ou, inclusive, soube da possibilidade de não se identificar com o seu gênero. Muito do que aprendeu surgiu das vivências práticas. Cresceu se identificando como homem cisgênero, identidade que assume até o momento presente. Acredita que o processo de assimilação da identidade seja muito difícil para os indivíduos que não se identificam com o seu corpo, tendo que crescer sem aprender sobre as questões que envolvem essa temática.

Quanto às suas experiências envolvendo a identidade, nunca sentiu nenhuma dificuldade com o fato de ser homem. Por ter um comportamento que socialmente era entendido como masculino – e, em suas palavras, “pouco afeminado” –, nunca teve muitos problemas de aceitação de gênero nem de influências negativas de outras pessoas. *“Acho que isso contribuiu para eu viver melhor em sociedade e não ter tanto problema de aceitação do meu gênero e nem das pessoas terem dificuldade de entender o meu gênero.”* (Tiago).

Seu grupo familiar é composto pelo pai e pela mãe que, apesar de terem exercido influências sobre suas vivências, nunca entraram a fundo nas questões de gênero. Para Tiago, a ação da família se deu muito mais presente nas questões que tangem a sua sexualidade.

6.2.4.2.2 Orientação sexual

A orientação sexual, para Tiago, é a atração sexual que um indivíduo sente. É o sexo pelo qual se sente atraído e tem vontade de se relacionar. Assim como nas

questões de identidade de gênero, o entendimento sobre a diversidade veio a partir das vivências práticas. Hoje, Tiago se identifica como homossexual.

A assimilação da sexualidade foi um processo bastante difícil. Ele cresceu em uma cidade interiorana com uma cultura heteronormativa muito forte. Sempre demonstrou interesse em pessoas do mesmo sexo, desde muito novo, quando via homens seminus em revistas e pacotes de cueca em lojas de roupas. Esse comportamento, na percepção de Tiago, parecia errado porque não via outros homens fazendo o mesmo e entendia sua atração como uma fase.

No seu círculo familiar, seus pais nunca insistiram em assuntos sobre sexualidade e nunca perguntaram sobre suas preferências sexuais por timidez ou um possível medo de descobrir a resposta. Ele sempre omitiu a sua sexualidade e nunca se sentiu à vontade em contar para seus familiares, situação essa que o motivou a se mudar para outra cidade a fim de buscar um lugar onde pudesse se sentir mais livre.

A descoberta da homossexualidade pela mãe aconteceu antes da mudança e não foi uma experiência boa, segundo Tiago. O fato de a sua mãe ter descoberto, em vez de ter sido informada, influenciou na má reação que teve com a notícia. Após isso, nunca tiveram uma conversa muito produtiva sobre o assunto. Tiago sente uma decepção por parte da sua mãe por não poder realizar o sonho dela de ver o filho único casando na igreja e engravidando uma mulher.

As primeiras experiências de Tiago demoraram a acontecer em comparação aos outros meninos do seu grupo de amigos. Seus colegas de classe tinham muita facilidade em falar sobre mulheres, enquanto Tiago não se sentia confortável com o assunto. A pressão ficou mais forte quando ele, sendo o único que ainda não havia tido o primeiro beijo, passou a sentir que era julgado pelo grupo de amigos e que teria sua sexualidade questionada, presumindo que ele fosse gay, orientação que, na percepção do entrevistado, era errada. Aos 15 anos, teve a oportunidade de beijar uma menina em uma festa, após o intermédio de um amigo. Motivado pela provação de sexualidade frente aos amigos, Tiago sentiu um grande alívio por estar tendo essa experiência em frente a outras pessoas.

Aos 16, Tiago teve sua primeira experiência com um indivíduo do mesmo sexo. O rapaz, que morava em outra cidade, tornou-se amigo dele a partir do

Orkut⁴⁴, por onde eles se falavam diariamente. Na oportunidade em que encontrou o seu amigo em uma festa, manifestou seu desejo em beijar o rapaz a uma amiga, que fez o intermédio do contato pessoal entre os dois. Neste momento, Tiago teve a certeza de que gostava de homens, mesmo que o interesse já estivesse aflorado antes dessa experiência.

O preconceito e as tendências machistas apareceram desde muito cedo na vida de Tiago. Na escola, ele sentia mais facilidade em se relacionar com meninas e nunca gostou de jogar futebol. Essas situações causavam estranhamento por parte de seus colegas, que frequentemente o chamavam de “viado”. Além disso, Tiago sempre buscava ser o melhor aluno da turma, fato que, na sua percepção, não era comum entre meninos. Isso também incomodava seus colegas, que o colocavam como uma pessoa à parte do grupo. Houve, inclusive, situações em que perdeu contato com amigos por não se sentir integrado a esses núcleos.

A *internet*, no processo de assimilação da sexualidade, teve uma influência muito forte. Como passava grande parte das tardes sozinho em casa, Tiago buscava conteúdo sobre esses assuntos na *internet*, mesmo com a percepção de que era errado. Dessa forma, conheceu usuários e formou amizades no universo *online*. Essas pessoas foram extremamente essenciais para uma maior compreensão da sua sexualidade porque, lá, ele encontrou usuários que dividiam as mesmas percepções e opiniões e passou a se sentir atraído por eles.

Assumir-se para os amigos virtuais tornou-se muito mais fácil em comparação aos amigos do universo físico. Os amigos de infância foram os últimos a saber de sua sexualidade, enquanto que os amigos da *internet* e as pessoas que havia conhecido há menos tempo foram os primeiros. Tiago atribui isso ao medo da reação que as pessoas que o conheciam há muitos anos, conheciam a sua família e sua história teriam com a notícia. Ao final, as reações dos grupos de amigos, geralmente, eram boas.

Na faculdade, surgia uma clareza maior em relação à sua sexualidade. Apesar de não se sentir confortável para se assumir gay aos colegas, sentia que não haveria julgamento caso o assunto viesse à tona. Para Tiago, a faculdade era um ambiente onde existiam indivíduos muito diferentes e, por conta disso, a aceitação

⁴⁴ *Orkut* foi uma rede social com o objetivo de conectar pessoas muito popular no Brasil criada em 2004 e extinta em 2014. Para mais informações, acesse: <<http://www.orkut.com/index.html>>. Acesso em 20 out. 2018.

era maior. Lá, conheceu pessoas que tiveram papel fundamental no processo porque se aproximou dos seus amigos gays, que passaram a fazer parte de sua vida e tornar o conhecimento sobre a temática mais natural.

Quando adquiriu total clareza sobre sua orientação, sentiu-se aliviado com fato de as pessoas o entenderem como um homem gay. A percepção se deu, principalmente, porque passou a vida se afirmando como algo que ele não era e, quando se sentiu livre para se expressar, as reações foram boas.

6.2.4.3 Uso das redes sociais

Tiago acessa as redes sociais diariamente, frequência que, em sua percepção, é bastante alta. Atualmente, está presente em nove canais: *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* (apesar de não se considerar um usuário ativo), *LinkedIn*, *YouTube*⁴⁵, *Grindr*⁴⁶, *Hornet*⁴⁷, *WhatsApp* e *Pinterest*⁴⁸. Ele atribui o acesso excessivo ao medo de perder um conteúdo importante e de acumular muitas informações para serem acessadas depois. O contato entre as pessoas em qualquer momento é, para Tiago, um dos grandes benefícios oferecidos pelas redes sociais. Exibir-se também é uma das motivações apresentadas pelo entrevistado, que diz que gosta de ser lembrado nas redes sociais. “*Literalmente, é uma vitrine de fácil acesso e fácil visualização do conteúdo.*” (Tiago). Além disso, utiliza-as para acompanhar a opinião dos seus amigos para decidir se é de seu interesse manter as amizades e para criar um lugar de discussão com as pessoas.

Já o problema do universo social digital é a busca incessante pela autoafirmação. Para Tiago, as pessoas perdem sua individualidade devido às tendências de uso de redes sociais e acabam se adaptando ao que é publicado pelas massas. Além disso, como o conteúdo está sempre muito acessível, os

⁴⁵ *YouTube* é uma rede social de conteúdo em vídeo, pertencente à empresa de tecnologia Google. Para mais informações, acesse: <<https://www.YouTube.com/intl/pt-BR/yt/about/>>. Acesso em 20 out. 2018.

⁴⁶ *Grindr* é uma rede social com o objetivo de conectar usuários da comunidade LGBTQ+ por proximidade de geolocalização. Para mais informações, acesse: <<https://www.Grindr.com/about/>>. Acesso em 20 out. 2018.

⁴⁷ *Hornet* é uma rede social de geolocalização que, assim como *Grindr*, tem o objetivo de conectar membros da comunidade LGBTQ+. Para mais informações, acesse: <<https://Hornet.com/about/>>. Acesso em 20 out. 2018.

⁴⁸ *Pinterest*, segundo a própria empresa, é uma ferramenta de descoberta visual, onde se pode encontrar inspirações relevantes. Para mais informações, acesse: <<https://newsroom.Pinterest.com/en/company/>>. Acesso em 20 out. 2018.

usuários são facilmente influenciados pelo que está lá, o que restringe o pensamento crítico.

Os conteúdos aos quais fica exposto em redes sociais afetam Tiago de formas diferentes. Quando vê publicações de pessoas atraentes, vê nelas uma inspiração. Esses conteúdos influenciam fortemente a autoestima, principalmente por conta dos padrões de beleza, que aparecem muito fortes nos meios digitais. Existe um senso comum, segundo Tiago, de que compartilhar fotos fora do padrão não é bonito.

6.2.4.4 Cultura de relacionamentos e experiências no *Tinder*

Para Tiago, os meios digitais tiraram a emoção dos relacionamentos. Tudo está acessível e à disposição dos usuários, quase como um “cardápio de pessoas”, em suas palavras. Hoje, os relacionamentos na era dos aplicativos de namoro acontecem, segundo Tiago, apenas pela aparência e esses canais dão a percepção de que todos já se conhecem de alguma forma. No universo gay, a percepção sobre a cultura de relacionamentos sempre foi negativa. Tiago sente que as pessoas estiveram reprimidas durante muito tempo e que, agora, extravasam esse sentimento em relacionamentos casuais.

Nunca sentiu dificuldade em encontrar parceiros, fato esse que se deu, principalmente, por conta das redes sociais de relacionamento afetivo. Nas festas, Tiago conta que fica mais envergonhado porque não sabe se existe interesse mútuo e se as pessoas têm a mesma orientação sexual que a sua. Os aplicativos quebram essa barreira e dão diversas possibilidades, inclusive, a relacionamentos de amizade. *“Às vezes, dá um match⁴⁹, mas aí tu encontra a pessoa e não bate aquela química e diz: ‘ah, eu vou ser amiguinho’. Vamos ser amigos porque foi engraçado, foi divertido, mas não rolou aquela atração sexual necessária.”* (Tiago).

Tiago usa o *Tinder* todos os dias, em casa, antes de dormir, nos intervalos do trabalho ou no almoço. No aplicativo, não tem total clareza sobre o que busca e diz estar aberto a todas as possibilidades, seja para relacionamentos casuais quanto para possíveis namoros. Porém, não acha que vá ter um relacionamento muito

⁴⁹ *Matches*, ou combinações, é a nomenclatura dada para o momento em que dois usuários do aplicativo *Tinder* deslizam para a direita, ou seja, demonstram interesse mútuo.

satisfatório a partir do *Tinder*. Essa percepção aparece, principalmente, porque avalia a experiência com seu ex-namorado como a melhor que teve.

“Até porque a minha melhor experiência de relacionamento foi quando eu conheci uma pessoa, o meu ex-namorado, fisicamente, e isso teve um valor muito maior pra mim do que todas as vezes em que eu conheci qualquer outra pessoa por aplicativo.” (Tiago).

Ele acredita que, se a interação tivesse começado por um aplicativo, o interesse dos dois em um relacionamento talvez fosse menor.

No quesito de usabilidade, Tiago gasta a maior parte do tempo na seção de classificação de usuários e diz que não sente vontade em conversar com pessoas após o *match*. Isso acontece, segundo ele, pela falta de interesse das pessoas e pela percepção de que elas estão utilizando o serviço apenas para inflar o ego.

Quanto à construção do seu perfil pessoal no *Tinder*, Tiago gosta de deixá-lo com o mínimo de informações possível – apenas o nome, idade e foto – para que não entregue muitas informações aos outros usuários e existam mais possibilidades de conversas. Porém, avalia que esse método não tem sido eficaz, pois não há muita interação por lá.

A convergência de redes sociais também é muito frequente nas conversas que se iniciam pelo *Tinder*. *“É comum sair dali e ir para outras redes sociais pra, sei lá, talvez se conhecer um pouco mais e ver um pouco mais da vida da pessoa, saber se ela é realmente interessante.”* (Tiago). Ele diz que o *Tinder* passa a ideia de ser muito pejorativo, de que os usuários que lá estão buscam apenas sexo ou relacionamentos muito casuais.

As experiências no universo físico promovidas a partir do *Tinder* podem ser avaliadas das mais diversas formas, segundo Tiago. Conheceu pessoas com quem gostou de sair e se sentiu à vontade, outras com quem teve apenas relações sexuais e outras vivências das quais não gostou, havendo, inclusive, casos em que sentia a obrigação em se relacionar fisicamente com a outra pessoa.

A percepção que tem do aplicativo é a de que conhecer alguém a partir do serviço não é tão divertido quanto conhecer no universo físico. As interações parecem rasas e dão a ideia de que é apenas mais um relacionamento que começou no *Tinder*. Isso faz, segundo Tiago, com que as pessoas evitem se aprofundar muito nas relações.

6.3 REFLEXÕES SOBRE OS SENTIDOS PRODUZIDOS A PARTIR DAS REDES SOCIAIS E DO *TINDER*

A partir das entrevistas realizadas neste trabalho, foi possível ter uma compreensão bastante esclarecedora sobre os padrões de comportamento dos usuários em relação às redes sociais e ao *Tinder*. A pesquisa sistemática em perspectiva histórica nos mostrou que questões como identidade de gênero e orientação sexual vem com um histórico de vivências e experiências, que moldam o comportamento dos usuários nas relações afetivas futuras. Essa evidência aparece bastante forte nos depoimentos de como os usuários assimilaram seu gênero e sua sexualidade.

Existe uma cultura machista muito presente nos discursos dos entrevistados, sejam eles homens ou mulheres. Tanto na pesquisa exploratória quanto na sistemática, os usuários do aplicativo relataram situações em que foram vítimas do machismo, muitas vezes sem nem saber. É o caso de Letícia, entrevistada da etapa sistemática, que justificou o assédio que sofreu no trem ao fato de estar vestindo bermudas curtas. Além disso, em sua experiência de namoro com um homem, Letícia relata que sentiu que exercia um papel de mãe e não de namorada e que se sentia, de certa forma, responsável pelo seu companheiro.

Com André, não foi diferente. Durante a fase da infância e da adolescência, enquanto participava de brincadeiras socialmente consideradas femininas, afirmou que era, em suas palavras, “corrigido” pela sua mãe para que adotasse atitudes mais masculinas. Também sofria, frequentemente, cobrança por parte de sua família para iniciar suas experiências afetivas com meninas, o que gerava uma certa ansiedade e o medo de rejeição pela primeira experiência.

Já com Tiago e Daniela, os entrevistados declaradamente homossexuais, a expectativa familiar pela assimilação da orientação heterossexual sempre foi muito grande. Na história de vida de Tiago, sempre existiu silêncio sobre assuntos de gênero e sexualidade dentro do grupo familiar, fazendo que o assunto se tornasse um tabu e que a descoberta de sua orientação pela sua mãe se tornasse uma situação desagradável. Nas vivências de Daniela, o desenvolvimento da sexualidade foi tão conturbado que contou com agressões físicas e psicológicas e um

conservadorismo extremo por parte da sua família, que sentiu forte dificuldade em aceitar sua condição.

André, que se considera heterossexual, e Letícia, que não definiu sua sexualidade, não possuem conceitos claros em relação à orientação sexual e ao gênero, enquanto os entrevistados homossexuais, Daniela e Tiago, tinham total clareza sobre o assunto. Isso mostra que, mesmo sem a discussão no ambiente familiar em todos os casos, os entrevistados homossexuais sentiram a necessidade de um entendimento maior dos termos.

Esses depoimentos mostraram que as questões de gênero e orientação sexual vêm com uma série de experiências que, segundo os entrevistados, moldaram a forma como se relacionam afetivamente na vida, como é o caso de Daniela, que sentia que sua liberdade de expressão era prejudicada em diversos momentos, omitindo sua sexualidade na vida profissional e, até mesmo, ao fazer novas amizades. Isso corrobora com o que traz Beauvoir (2009) quando apresenta todo o histórico do papel que foi imposto às mulheres na sociedade desde os períodos mais antigos da história. Essa influência perdura até os dias de hoje, mesmo com as discussões sobre gênero e sexualidade ocorrendo de forma mais aflorada na mídia, e impactam diretamente a afetividade.

Toda essa trajetória de busca pelo gênero e pela sexualidade foi acompanhada pelas redes sociais na *internet* nos casos de Daniela e Tiago. Ambos os entrevistados da fase sistemática relataram que as amizades virtuais foram extremamente essenciais na compreensão das suas condições. Para Tiago, encontrar usuários no universo online que viviam a mesma realidade – descobrindo-se homossexual – foi extremamente essencial para o processo de assimilação e um maior autoconhecimento. Daniela também buscou nesses meios uma forma de se conhecer, tendo desenvolvido um relacionamento afetivo com outra menina que havia conhecida na *internet*. Isso evidencia que, além das curtidas e comentários que validam a identidade de um indivíduo na *internet* conforme afirma Sibilia (2016), a conexão entre pessoas similares também ajuda a construir o senso de identidade buscado pelos entrevistados.

Quando questionado, André afirmou que as redes sociais não possuíam influência sobre a sua autoestima, mesmo que, no andamento da entrevista, tenha dado indícios de que existe, sim, impacto, como é o caso das publicações com baixo engajamento que ele faz, afirmando sentir-se irritado pelo fato de seus seguidores

não curtirem ou comentarem a publicação. A busca pelo padrão de beleza nas redes sociais também é um ponto que traz a relação de performance dos conteúdos. Segundo Daniela, existe uma busca pelo padrão nas redes sociais, o que, para Tiago, tira a individualidade das pessoas que se adaptam ao conteúdo e aos formatos que estão em alta na *internet*. Apesar de classificar a exposição como aspecto positivo das redes sociais, o entrevistado faz o contraponto com o lado negativo, chamando os canais digitais, literalmente, de uma “vitrine”. Isso corrobora o que traz Paula Sibília (2016) em sua obra quando fala da sociedade do espetáculo e do show do eu, onde, nas redes sociais, tudo se torna um palco com holofotes e atenção voltados para o usuário, que passa a adotar uma postura de performance nas redes sociais, sentindo-se frustrado quando seus objetivos não são atingidos.

Quando entramos na teoria da sociedade conectada 24/7 de Jonathan Crary (2014), vemos evidências claras do uso excessivo dos canais digitais. Todos os entrevistados da etapa sistemática classificaram como excessivo o tempo gasto em redes sociais, trazendo, até mesmo, depoimentos de que se sentem viciados, como é o caso de Tiago e de Daniela.

Outro aspecto que deve ser ressaltado quanto ao uso das redes sociais é a questão do conteúdo visto pelos usuários. Letícia, em seu depoimento, conta que se sente irritada e triste ao ser exposta a publicações das quais não gosta ou com as quais não concorda. Esse fato deu origem à utilização dos algoritmos nas redes sociais. Ao entenderem que as pessoas se sentem frustradas com tipos de conteúdo dos quais não gostam, os desenvolvedores dessas plataformas adotaram o uso de algoritmos de programação⁵⁰ que, em vez de exibir publicações em ordem cronológica, mostram o conteúdo de acordo com a relevância que ele tem para o usuário. Essa é uma estratégia dessas empresas para retenção de usuários, porque, dessa forma, diminuem a incidência de conteúdo desagradável, conforme relatado no caso de Letícia, o que faz com que os usuários fiquem mais satisfeitos com a plataforma e não deixem de utilizá-la. Isso causa o fenômeno da bolha, ou seja, os círculos nas redes sociais acabam sendo formados por grupos de pessoas com opiniões e ideias similares, impedindo uma visão ampla dos aspectos da vida.

⁵⁰ De acordo com o Dicionário Priberam, os algoritmos são uma ferramenta da área de programação digital que envolve um conjunto de regras e etapas que levam à resolução de um problema. Para mais informações, acesse: <<https://dicionario.priberam.org/algoritmo>>. Acesso em 21 out. 2018.

A falta de clareza sobre o que são redes sociais é, por sinal, uma das grandes evidências da pesquisa que, tanto na etapa exploratória quanto na sistemática, mostrou que o conceito desses canais é relativo dependendo do usuário. Na fase exploratória, era comum que usuários dissessem que estavam presentes em um número específico de redes sociais e, na hora de especificar quais eram os canais, mencionassem mais plataformas. Na pesquisa sistemática, o que alguns entrevistados consideravam como redes sociais, para outros não foi mencionado. O *Tinder* é um exemplo delas. Enquanto para Letícia e Tiago o aplicativo é considerado um canal social, por Daniela ele não foi mencionado. A percepção foi a mesma quando outras plataformas foram mencionadas, como é o caso do WhatsApp e do Messenger.

Uma das grandes evidências da fase sistemática da pesquisa foi o funcionamento da teoria de convergência de mídias trazida por Jenkins (2009) aplicado ao universo do *Tinder*. Da mesma forma em que as velhas e novas mídias possuem convergência entre si no universo midiático, o *Tinder* como um canal digital também converge com outras redes sociais, garantindo nesse funcionamento um dos grandes motivos da sua existência. Afirmamos isso porque é nas redes sociais de convergência que os usuários do *Tinder* encontram uma forma de permanecer conectados com os *matches*, conforme o que foi revelado na etapa sistemática desta pesquisa. No depoimento de Letícia, ela conta que, depois de conhecer um usuário pelo aplicativo, migra para outras plataformas de comunicação, usando a expressão “a conversa *evolui* para o WhatsApp ou Instagram”. Isso pode se dar em decorrência da usabilidade do *Tinder*, que é construída de forma que estimule, em primeiro plano, a criação de novos vínculos em vez da manutenção dos que já foram criados via aplicativo. Prova disso são os depoimentos de Letícia, Daniela e Tiago na fase sistemática, quando confirmaram que o número de conversas que começam pelo *Tinder* é baixo.

Essa superficialidade dos vínculos, que gera a baixa taxa de iniciação de conversas segundo o que foi relatado pelos entrevistados, tenta ser quebrada por eles. Para Daniela, o problema da plataforma é que ela mostra apenas a parte de um todo, referindo-se a uma imagem construída pelos usuários, que escolhem o que será exibido no aplicativo. Enquanto ela, em seu perfil pessoal, exibe o maior número de informações possível a fim de gerar novos diálogos, Tiago afirma publicar

o mínimo possível para a mesma finalidade. Apesar de os dois objetivos serem iguais, os usuários entendem a plataforma de maneiras diferentes.

Com isso, entendemos que o *Tinder* já vem carregado com um forte significado de casualidade na era digital. Os entrevistados com quem conversamos entendem que as relações criadas pelo aplicativo são mais frágeis e isso gera uma descrença em relação ao serviço. No caso de Letícia, houve relacionamentos mais duradouros que começaram pelo *Tinder*. Porém, como foram migrados para outras redes sociais, a entrevistada considera como um vínculo formado em outros canais, e não pelo aplicativo de namoro que, segundo ela, não mostra a essência das pessoas.

Para André, os relacionamentos formados pelo aplicativo são diferentes dos que são formados a partir da esfera física. Essa percepção, segundo ele, negativa se dá mesmo com o fato de ter conhecido sua namorada pelo *Tinder* e estar em um relacionamento duradouro com ela. Assim, entendemos que possa haver, de certa forma, uma expectativa muito grande em relação ao serviço. Os usuários esperam que fortes vínculos se formem a partir dele, ao mesmo tempo que o próprio serviço se compromete a apenas abrir novas possibilidades que antes não seriam tangíveis sem a plataforma⁵¹.

Isso nos leva ao que afirma Maldonado (2013), quando traz o sujeito, antes receptor, como *sujeito em comunicação midiática*, colocando os usuários do aplicativo como responsáveis pelas conexões que lá se formam, estando nas mãos deles a possibilidade da criação de vínculos mais fortes, seja a partir do encontro físico ou da convergência de outras mídias. No caso de André, o *Tinder* pode ter sido um canal onde ele buscava relacionamentos casuais sem nenhum tipo de vínculo, mas foi dele a decisão de criar laços mais fortes com uma usuária que havia conhecido por lá.

Também refletimos que a identidade de gênero e a orientação sexual são fatores de mediação que vêm com um histórico de construção em uma sociedade que ainda não aceita a diversidade como fator natural ao ser humano. Isso, de acordo com as entrevistas realizadas na etapa sistemática deste trabalho, evidencia claramente uma influência muito forte dessas mediações nos relacionamentos

⁵¹ Segundo o site da empresa *Tinder*, “permite que usuários do mundo todo criem novas conexões que não seriam possíveis se o app não existisse”. Para mais informações, acesse: <<https://www.goTinder.com/press?locale=pt-BR>>. Acesso em 21 out. 2018.

afetivos dos entrevistados, considerando a esfera geral da sua vida e não somente no *Tinder*.

Porém, o aplicativo torna-se um espelho de todas as vivências que os entrevistados tiveram na sociedade. Sendo assim, percebemos que o *Tinder* não influenciou a forma como se dá a afetividade nos indivíduos que o utilizam de acordo com o que vimos. O que influencia, segundo Ferry (2008) e Sibilila (2016) é a mudança de valores que a sociedade pós-moderna sofreu com a série de eventos que vem acontecendo já há alguns anos. O *Tinder*, nesse processo, funciona como um facilitador, que abre novas possibilidades de conexão e cria um espaço onde se refletem os comportamentos e os valores do novo momento em que a sociedade vive.

7 CONSIDERAÇÕES

A popularidade dos aplicativos de namoro no Brasil é inquestionável. Os números apresentados pelas empresas que desenvolvem esses serviços, conforme apresentamos na introdução desta pesquisa, não mentem: é um mercado estabilizado e em constante evolução. Seja nas universidades, no trabalho, em casa ou em viagens, o brasileiro busca conhecer novas pessoas, seja por meio de redes sociais comuns ou por redes sociais de nicho, como é o caso do *Tinder*.

Mesmo com uma população de mais de 65 milhões de pessoas ainda sem acesso à *internet* no Brasil, segundo a *Veja*⁵², a presença do digital tornou-se mais imprescindível do que nunca, situação que ficou clara com a realização desta pesquisa. Estamos inseridos nessa realidade e ela faz parte das nossas vidas de maneira que não podemos imaginar o cotidiano sem a presença da *internet*. Em nosso universo conectado onde praticamente todas as relações sociais são tocadas pelo digital, seja na formação dos vínculos ou na manutenção dos relacionamentos, é comum que nos questionemos sobre o impacto dos meios nas relações que desenvolvemos com as pessoas ao nosso redor.

Quando entramos no campo da afetividade, esses questionamentos tornam-se ainda mais recorrentes. Em uma sociedade onde tudo é líquido (BAUMAN, 2004), como devemos nos comportar e nos posicionar perante a uma realidade tão desconhecida e incerta? São esses os questionamentos que deram origem a esta pesquisa, que se propôs a analisar o papel do *Tinder* nas dinâmicas dos relacionamentos afetivos na contemporaneidade.

Para que pudéssemos compreender essas questões, iniciamos nossa investigação com a pesquisa da pesquisa, com o objetivo de compreender o cenário de produções acadêmicas acerca da nossa temática. Apesar do bom volume de trabalhos que trazem discussões sobre as relações sociais e o papel dos meios nelas, ainda são escassas as produções acadêmicas voltadas ao impacto nos relacionamentos amorosos.

Seguimos a nossa busca partindo para uma pesquisa de contextualização, onde nos propusemos a desenhar o cenário contextual da sociedade conectada, dos

⁵² Segundo o veículo de comunicação *Veja*, 64,7% da população brasileira está conectada à *internet*. Para mais informações, acesse: <<https://veja.abril.com.br/economia/647-da-populacao-brasileira-esta-conectada-a-internet/>>. Acesso em 27 out. 2018.

relacionamentos e da afetividade na *internet* e do aplicativo *Tinder* em termos de características e funcionalidades. Trouxemos o importante conceito da sociedade conectada 24/7 (CRARY, 2014) para discutir o sujeito como agente inserido em uma sociedade capitalista, onde nos tornamos consumistas, mecânicos e incessantes. Evoluímos a discussão para uma compreensão maior desse impacto na afetividade, trazendo pensadores como Luc Ferry (2008), que apresenta a quebra de valores arcaicos como a grande responsável pelos relacionamentos afetivos na era da livre escolha, onde não estamos mais presos a modelos antigos de relacionamentos. Por fim, contextualizamos o *Tinder*, trazendo detalhes sobre suas dinâmicas de funcionamento.

Com o cenário contextual bem delineado, iniciamos a nossa busca por referências teóricas que explicassem os fenômenos provocados pelos meios digitais nos sujeitos. Com isso, dividimos a etapa em dois grandes caminhos: o entendimento do meio e o entendimento do sujeito nos processos de comunicação.

Para entender os meios, trouxemos sua influência como fator condicionante (LÉVY, 2011) do comportamento dos usuários, e não determinante como críticos afirmam. Isso porque eles condicionam a forma como as relações se dão nas plataformas, e não as determinam – as relações não acontecem por causa dos meios, são apenas facilitadas por eles. Assim, entendemos, nesta etapa, o *Tinder* como um potencializador de conexões que, antes, não seriam possíveis de ser formadas. Recorremos, também, aos conceitos de Recuero (2009) para corroborar o nosso entendimento do *Tinder* como uma rede social na *internet* formada por atores e conexões, que representam os usuários e as relações formadas no meio digital. Porém, contrapomos o entendimento da autora quanto aos conceitos de redes sociais como comunidades, já que o *Tinder* não se encaixa a essa categoria – suas conexões são individuais e os indivíduos que utilizam o serviço não possuem um senso de comunidade.

Também trouxemos as riquíssimas discussões de Paula Sibilia (2016), que traz a sociedade pós-moderna com o conceito do *show do eu*, falando das relações de performance existentes na sociedade do espetáculo, onde todos estão em uma constante exposição. Partimos desse entendimento para trazer o *Tinder* como instrumento de validação social, transformando-se no meio utilizado pelas pessoas para se afirmarem como indivíduos na sociedade, e como ferramenta para dar vazão a uma sociedade com novos valores.

Já no entendimento dos meios, confrontamos o pessimismo de Bauman (2004) com o otimismo de Ferry (2008) sobre uma sociedade que vive um novo momento na afetividade. Enquanto Bauman (2004) traz a liquidez das relações humanas como um fator que gera conexões voláteis e de elos fracos – ideia essa que traduz as relações iniciadas no *Tinder* e que permanecem lá –, Ferry (2008) mostra a globalização como um fenômeno que transformou as relações e deu ao sujeito o direito de escolher com quem e por que quer se relacionar, abandonando as dinâmicas arcaicas de casamento e afetividade – o que nós relacionamos com a mudança de valores da sociedade, que é refletida no *Tinder*.

Para complementar a ideia de autonomia do sujeito nos canais midiáticos, trouxemos a teoria da recepção de Martín-Barbero (1997) para posicionar os indivíduos como receptores de mensagens nesses canais. Porém, como esse conceito tornou-se limitado para a compreensão do sujeito, que é, de longe, apenas um receptor no *Tinder*, evoluímos o entendimento do indivíduo como *sujeito em comunicação midiática*, trazido por Maldonado (2013) para descrever a atual realidade dos sujeitos inseridos nos canais digitais. A partir disso, precisamos entender as mediações que configuram a produção de sentido dos sujeitos nesses canais.

Escolhemos realizar uma pesquisa exploratória com o objetivo de encontrar evidências de mediações. Os resultados nos deram indícios de que a identidade de gênero e a orientação sexual foram os principais fatores que influenciaram a produção de sentido feita pelos usuários do *Tinder*. Com isso, evoluímos a nossa pesquisa para a etapa sistemática, com o objetivo de aprofundar o nosso entendimento sobre as percepções de quatro pessoas que são ou já foram usuários do aplicativo. Utilizamos a metodologia de pesquisa em perspectiva histórica, que nos mostrou que fatores como a influência do grupo familiar e as vivências tidas na sociedade tiveram forte impacto na forma como os padrões de comportamento se moldaram e foram refletidos na afetividade.

Com os depoimentos de um homem homossexual, uma mulher homossexual, uma mulher sem orientação sexual definida e um homem heterossexual, entendemos que o *Tinder* recebeu uma conotação negativa com o tempo, informação que ficou clara nos quatro relatos. Um dos entrevistados, André⁵³, que

⁵³ Para mais informações sobre o perfil do entrevistado, cujo nome foi omitido e substituído por um falso, confira o capítulo 6.2.1.1.

mesmo tendo iniciado um relacionamento duradouro com uma usuária que conheceu no aplicativo, atribui ao serviço uma ideia negativa de que todas as relações são somente casuais. Percebemos, também, que, a partir dos depoimentos coletados, existe uma expectativa muito grande por parte dos usuários, que esperam que o aplicativo resolva todas as questões afetivas, entregue um companheiro ou uma companheira à altura de tudo o que se espera e de que essas relações venham prontas, característica forte na *sociedade líquida* (BAUMAN, 2004), onde perdemos o costume de cultivar relações de forma lenta e duradoura.

A metodologia da etapa sistemática, que foi extremamente importante para compreender a produção de sentido realizada pelos usuários e entender o papel do *Tinder* nas dinâmicas de formação de relacionamentos afetivos, poderia ter sido complementada por uma leitura compartilhada com os usuários a fim de entender o contexto e as motivações das interações realizadas no aplicativo. O processo metodológico híbrido, que, sem dúvida, complementaria a nossa visão, infelizmente não pode ser realizado por limitação de tempo. Porém, poderá ser desenvolvido e executado em futuras produções acadêmicas que busquem esse entendimento.

Olhamos para toda a nossa jornada e, por fim, entendemos que as redes sociais e o *Tinder* são grãos de areia no meio de uma tempestade de novidades, informações, atualizações e desafios que, nem sempre, carregam aspectos negativos consigo. Diferente do senso comum da sociedade de que todas essas transformações impactam negativamente o ser humano, entendemos os meios apenas como instrumentos que dão aos sujeitos a possibilidade de ser aquilo que eles buscam. As redes sociais e o *Tinder* foram uma criação do ser humano, que definiu que precisava desses canais para evoluir a afetividade e elevá-la a um novo patamar. Além disso, é desses sujeitos a responsabilidade de transformar os vínculos voláteis e fracos em relações duradouras que, assim como em outros períodos da história, se fortaleceram nos meios físicos.

O papel do *Tinder* neste cenário complexo e cheio de variáveis é de um instrumento, uma ferramenta. O que estamos vivendo é algo maior, onde a manifestação dos desejos, os valores centrados no indivíduo e a queda dos modelos antigos dão origem à era da livre escolha. Em uma época onde tivemos que repensar cada detalhe do nosso cotidiano, da nossa vida, do trabalho, do consumo e da publicidade, por que não repensar, também, o amor?

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Pedro Henrique; SANTOS, Amanda; VAZ, Paulo. Testemunho e subjetividade contemporânea: narrativas de vítimas de estupro e a construção social da inocência. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFJF**, Juíz de Fora, v. 8, n. 2, p. 1-33, 2014.

ANTUNES, Arnaldo; BROWN, Carlinhos; MONTE, Marisa. **Já sei namorar**. [2002]. Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/tribalistas/63542/>>. Acesso em 27 out. 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC-UnB, 1993.

BARROS, Bruno Mello Corrêa de; GOULART, Gil Monteiro; OLIVEIRA, Rafael Santos de. **As tecnologias da informação e comunicação na (des)construção das relações humanas contemporâneas**: implicações do uso do aplicativo *Tinder*. *Revista Brasileira de Direito*, 12(1): 88-99, jan.-jun. 2016 - ISSN 2238-0604

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. São Paulo: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. Entrevista exclusiva Zygmunt Bauman. Mountain View: Google, 2011. (29 min 41 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1miAVUQhdwM>>. Acesso em 28 out. 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009. Livro eletrônico, não paginado.

BECK, J. Gayle; BOZMAN, Alan W. **Covariation of sexual desire and sexual arousal**: the effects of anger and anxiety. *Archives of Sexual Behavior*, 1991. p. 47-60.

BONIN, Jiani Adriana. A dimensão metodológica na pesquisa comunicacional e os desafios da observação na perspectiva empírica. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.). **Perspectivas metodológicas em comunicação**: desafios na prática investigativa. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. p. 135-152.

BONIN, Jiani Adriana. **Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação**. *Revista FAMECOS: Porto Alegre*, n. 37, p. 121- 127, 2008.

BRIGNOL, Liliane Dutra; COGO, Denise. Redes sociais e estudos de recepção na *internet*. *Revista Matrizes*, São Paulo, SP, ano 4, n. 2, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/1430/143018637005/>> Acesso em 11 nov. 2017.

- CARDOSO, Fernando Luiz. O Conceito de Orientação Sexual na Encruzilhada entre Sexo, Gênero e Motricidade. **Revista Interamericana de Psicologia**, Santa Catarina, v. 42, n. 1, p. 69-79, 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/284/28442108/>>. Acesso em 27 out. 2018.
- COHN, Gabriel. **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.
- CRARY, Jonathan. **Capitalismo Tardio**. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- CUKIERT, Michele; PRISZKULNIK, Léia. Considerações sobre eu e o corpo em Lacan Uma contribuição à questão do corpo em Psicanálise: Freud, Reich e Lacan. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 7, n. 1, p. 143-149, jan. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 mai 2018.
- ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- FERRY, Luc. **Famílias, amo vocês**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2008.
- FORD, Sam; GREEN, Joshua; JENKINS, Henry. **Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. 1. ed. São Paulo: Aleph, 2015. Livro eletrônico, não paginado.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GOMES, Itania Maria Mota. **Efeito e Recepção: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação dos media**. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.
- ILLOUZ, Eva. A ascensão do Homo *sentimentalis*. In: _____. **O amor nos tempos do capitalismo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 7-20.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- KINSEY, Alfred C.; POMEROY, Wardell R.; MARTIN, Clyde E. **Sexual behavior in the human male**. Philadelphia: Saunders, 1948.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- MALDONADO, Alberto Efendy. Pensar os processos sociocomunicacionais em recepção na conjuntura latino-americana da transformação civilizadora. In: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.). **Processualidades metodológicas: Configurações transformadoras em Comunicação**. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2013. p. 87-104.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem: Understanding media.** São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

MEURER, Flávio; PAZ, Samyr. Geração Y e a Comunicação: Influência das Mídias Digitais no Relacionamento Interpessoal e Comportamento. In: INTERCOM, 37., 2014, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos...** Foz do Iguaçu: Centro Universitário Univates, 2014. Disponível em: <<http://www.INTERCOM.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1822-1.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

MILLER, Daniel. **Tales from Facebook.** 1. ed. Cambridge: Polity Press, 2011. Livro eletrônico, não paginado.

MONARCHA, Hellen Maria Alonso; SANTOS, Ivânia Neves dos. Possibilidades da recepção ativa na *internet*: sobre redes e o povo indígena Aikewára. In: Simpósio em Tecnologias Digitais e Sociabilidade, 2011, Salvador, Brasil. Disponível em: <<http://gitsufba.net/simposio/wp-content/uploads/2011/09/Possibilidades-da-Recepcao-Ativa-na-internet-sobre-redes-e-o-povo-indigena-Aikewara-MONARCHA-Hellen-SANTOS-Ivania.pdf>>. Acesso em 31 mai. 2018.

MONEY, John. **Sin, science, and the sex police: Essays on sexology & sexosophy.** New York: Prometheus Books, 1998.

MOREIRA, Isabela. Serviços pós-Tinder tentam garantir mais amor e menos cilada. **Galileu**, São Paulo, 04 abril 2018. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2018/04/servicos-pos-tinder-tentam-garantir-mais-amor-e-menos-cilada.html>>. Acesso em 05 nov. 2018.

PEREL, Esther. **Esther Perel | Modern Love and Relationships | SXSW 2018.** Mountain View: Google, 2018. (55 min 12 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5iu9_8Vsmtk>. Acesso em 27 out. 2018.

Rafael Santos de Oliveira, Bruno Mello Corrêa de Barros, Gil Monteiro Goulart. As tecnologias da informação e comunicação na (des)construção das relações humanas contemporâneas: implicações do uso do aplicativo *Tinder*. Revista Brasileira de Direito, 12(1): 88-99, jan.-jun. 2016 - ISSN 2238-0604

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na *internet*, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO, Fernando.. (Org.). *Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009. p. 1-269.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SALES, Léa Silveira. Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário. **Rev. Dep. Psicol.**, UFF, Niterói, v. 17, n. 1, p. 113-127, Junho, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232005000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 mai. 2018.

SERRES, Michel. **A Polegarzinha**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2013.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: A intimidade como espetáculo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

STOLLER, Robert. **Presentations of gender**. London: Yale University Press, 1993.

ULRICHS, Karin. **The riddle of man-manly love**. Buffalo: Prometheus, 1994.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo/RS: UNISINOS, 2004.

WINKIN, Yves. **La nueva comunicación**. Barcelona: Kairós 1994.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA EXPLORATÓRIA

Pesquisa para o trabalho de conclusão de curso de graduação

Olá. Me chamo Adam e curso Publicidade e Propaganda na UNISINOS em São Leopoldo (RS). Estou realizando uma pesquisa a fim de coletar informações para a realização do meu trabalho de conclusão de curso, que tem como objetivo analisar a influência do aplicativo Tinder na afetividade. Suas informações são anônimas e estarão seguras comigo. :)

*Obrigatório

1. Você utiliza ou já utilizou o aplicativo Tinder? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não *Pare de preencher este formulário.*

Sobre você nas redes sociais

Neste momento, vamos entender um pouco mais sobre como você utiliza as redes sociais e quais são os seus hábitos.

2. Qual é a sua faixa etária? *

Marcar apenas uma oval.

- 14 anos ou menos
- Entre 15 e 20 anos
- Entre 21 e 25 anos
- Entre 26 e 30 anos
- Entre 31 e 35 anos
- Mais de 36 anos

3. Em quantas redes sociais você está presente hoje? *

Marcar apenas uma oval.

- Nenhuma
- Entre uma e três
- Entre quatro e seis
- Entre sete e nove
- Dez ou mais

4. Quanto tempo por dia, em horas, você gasta nas redes sociais? *

Marcar apenas uma oval.

- Menos de uma hora
- Entre uma e três horas
- Entre quatro e seis horas
- Mais de sete horas
- Não utilizo redes sociais

5. Quais redes sociais você utiliza? *

Marque todas que se aplicam.

- Facebook
- Instagram
- Twitter
- LinkedIn
- YouTube
- Pinterest
- Google Plus
- Tumblr
- Snapchat
- Messenger
- Telegram
- WhatsApp
- Tinder
- Happn
- Hornet
- Grindr
- Scruff
- Femme
- Her
- Outro: _____

11. Sobre a influência das redes sociais nos relacionamentos pessoais físicos, você: *

Marcar apenas uma oval.

- Acha que as redes sociais não influenciam
- Acha que as redes sociais potencializam os encontros físicos
- Acha que as redes sociais modificam e reconfiguram os relacionamentos físicos
- Não sabe opinar

Sobre como você se identifica

Agora é hora de entender mais sobre a sua identidade de gênero e sobre as suas percepções.

12. Como você se identifica? *

Marcar apenas uma oval.

- Homem
- Mulher
- Homem trans
- Mulher trans
- MTF
- FTM
- Não-binário (agênero)
- Travesti
- Cross gender
- Outro: _____

13. Com que idade você reconheceu a sua identidade de gênero atual? *

Marcar apenas uma oval.

- 14 anos ou menos
- Entre 15 e 20 anos
- Entre 21 e 25 anos
- Entre 26 e 30 anos
- Entre 31 e 35 anos
- Mais de 36 anos

14. Você já sofreu algum tipo de preconceito por conta da sua identidade de gênero? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Talvez

15. Como foi o processo de entendimento e aceitação da sua identidade atual? *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Muito difícil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito fácil

Sobre como você se relaciona

Também precisamos entender como e com quem você se relaciona e quais são as suas percepções sobre a sua orientação sexual.

16. Qual é a sua orientação sexual? *

Marcar apenas uma oval.

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Panssexual
- Assexual
- Outro: _____

17. Com que idade você descobriu a sua orientação sexual? *

Marcar apenas uma oval.

- 14 anos ou menos
- Entre 15 e 20 anos
- Entre 21 e 25 anos
- Entre 26 e 30 anos
- Entre 31 e 35 anos
- Mais de 36 anos

18. Como foi o processo de entendimento e aceitação da sua orientação sexual? *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	
Muito difícil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito fácil

19. Como você avalia a sua facilidade em ter relações amorosas e/ou sexuais com outras pessoas? *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	
Tenho dificuldade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Tenho facilidade

20. Como você avalia a cultura de relacionamentos amorosos entre as pessoas da mesma orientação sexual que a sua?

21. Na sua percepção, quais são os maiores desafios no âmbito de relacionamentos amorosos para as pessoas da mesma orientação sexual que a sua?

Sobre os seus hábitos no Tinder

Se você utiliza o Tinder, agora é hora de contar um pouco mais sobre como você o faz.

22. Com que frequência você utiliza o Tinder para descobrir novos usuários? *

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
- Algumas vezes por semana
- Menos de uma vez por semana
- Algumas vezes por mês
- Menos de uma vez por mês

23. Com que frequência você conversa com usuários do Tinder pelo aplicativo? *

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
- Algumas vezes por semana
- Menos de uma vez por semana
- Algumas vezes por mês
- Menos de uma vez por mês

24. Em qual destes locais você costuma utilizar o Tinder? *

Marque todas que se aplicam.

- Na universidade ou na escola
- No trabalho
- Em casa
- Em viagens
- Em festas, bares e restaurantes
- Outros

25. Por qual destes motivos você prefere utilizar o Tinder? *

Marque todas que se aplicam.

- Para conhecer novas pessoas
- Para fazer novos amigos
- Para ter relações sexuais
- Para encontrar um(a) futuro(a) namorado(a)
- Outros

Sobre os seus encontros

26. **Você já teve encontros com usuários que você conheceu no Tinder? ***

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não *Pare de preencher este formulário.*

Sobre as suas experiências

Por fim, vamos entender como foram as experiências provocadas pelo Tinder.

27. **Com que frequência você tem encontros com usuários do Tinder com quem você nunca saiu antes? ***

Marcar apenas uma oval.

- Mais de 5 vezes por mês
- Entre 2 e 4 vezes por mês
- Uma vez por mês
- Menos de uma vez por mês
- Não tive encontros

28. **Como você avalia, em geral, os encontros que você tem com os usuários do aplicativo? ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Péssimos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Ótimos

29. **Como você avalia as relações, sejam afetivas ou de amizade, que você forma pelo aplicativo?**

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

ETAPA 1: Identidade de gênero

Entendimento sobre identidade de gênero:

- Entendimento do conceito; e
- Origem dos conhecimentos.

História da identidade:

- Processo de descoberta da identidade: idade, onde vivia, com quem;
- Composição familiar: quantos, onde, com quem, idade dos pais;
- Relação da família com a identidade; e
- Dificuldades e percepções sentidas durante a assimilação.

Experiências envolvendo gênero:

- Dificuldades sentidas perante a sociedade;
- Discriminação, preconceito, machismo;
- Manifestação do gênero durante a adolescência;
- Manifestação do gênero na vida adulta; e
- Influência do gênero nos relacionamentos afetivos.

ETAPA 2: Sexualidade

Entendimento sobre sexualidade:

- Entendimento do conceito; e
- Origem do conhecimento.

História da sexualidade:

- Como foi a manifestação da sexualidade;
- Aspectos da descoberta; e
- Relação da família com a sexualidade.

Experiências envolvendo a sexualidade:

- Primeiras experiências;
- Dificuldades sentidas perante a sociedade;
- Manifestação da sexualidade na adolescência; e
- Manifestação da sexualidade na vida adulta.

Os relacionamentos e a sexualidade:

- Círculos de amizade e a sexualidade;
- Influência da sexualidade nos relacionamentos afetivos;
- Cultura de relacionamentos entre grupos da mesma orientação; e
- A escolha de parceiros/parceiras para relacionamento.

ETAPA 3: As redes sociais

Hábitos de redes sociais:

- Presença nos canais digitais;
- Frequência de uso e tempo gasto;
- Frequência de publicação;
- Percepção sobre o tempo de uso; e
- Que tipo de conteúdo busca nas redes sociais.

Percepções sobre as redes sociais:

- Motivação para o uso de redes sociais;
- Entendimento sobre os benefícios;
- Entendimento sobre os problemas;
- Conteúdos publicados com alto ou baixo engajamento;
- Redes sociais com pouca interação;
- Publicações sobre rotina/vida alheia;
- Publicações de marcas; e
- A autoestima e as redes sociais.

Experiências em redes sociais:

- Amizades construídas em redes sociais;
- Amizades mantidas em redes sociais;

- Valores envolvidos na amizade virtual;
- Valores envolvidos nas amizades físicas;
- Publicação própria que o/a deixou feliz; e
- Publicação própria que o/a deixou triste.

ETAPA 4: A afetividade e o *Tinder*

Os relacionamentos na era digital:

- Entendimento dos relacionamentos na era digital;
- Influência dos meios digitais na relação afetiva;
- Histórico de relacionamentos afetivos;
- Motivação do início e fim dos relacionamentos;
- Durabilidade dos relacionamentos atuais; e
- Avaliação da cultura de relacionamento entre os círculos de amizades.

Hábitos de uso do *Tinder*:

- Frequência de utilização;
- Locais onde utiliza;
- Funcionalidades do app;
- Motivações de uso do app;
- A construção do perfil pessoal no *Tinder*;
- Motivação da escolha das informações publicadas; e
- Características preferidas e procuradas nos perfis de usuários.

Experiências e percepções:

- Frequência e número de encontros com usuários;
- Avaliação dos encontros;
- Motivações dos encontros;
- Percepção sobre outros usuários e seus perfis; e
- A experiência do *match*.